TRAGÉDIAS

VOLUME II

LÚCIO ANEU SÊNECA

Fedra · Tiestes · As Troianas
Agamêmnon · Otávia · Apocolocintose

NOTA DESTA EDIÇÃO

Traduções

Fedra — Camila Machado Reis

Tiestes — José Eduardo S. Lohner

As Troianas — Zélia de Almeida Cardoso

Agamêmnon — José Eduardo dos Santos Lohner

Otávia — Fernanda Vieira Gôzo

Apocolocintose do divino Cláudio — Paulo Sérgio Margarido Ferreira

Critérios editoriais

Foram reunidos exclusivamente os textos portugueses das obras. Estudos particulares, notas, bibliografias, textos latinos, chamadas de nota, cabeçalhos e fólios das edições de origem não integram o corpo principal. Mantiveram-se as divisões, os locutores, as indicações cênicas e a numeração de versos transmitida por cada tradução. Variantes legítimas do português foram preservadas; a uniformização limita-se à apresentação gráfica e à correção de falhas materiais inequívocas.

Otávia é apresentada como obra do Pseudo-Sêneca, conforme a atribuição crítica corrente. A Apocolocintose, sátira menipeia em prosa e verso, encerra o volume como suplemento ao corpus dramático. Formato A5. Paginação preliminar em algarismos romanos e texto das obras em algarismos arábicos.

SUMÁRIO

Introdução iv

Fedra 1

Tiestes 37

As Troianas 69

Agamêmnon 103

Otávia 131

Apocolocintose do divino Cláudio 159

INTRODUÇÃO

Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córduba, provavelmente por volta do início da era cristã, e morreu em Roma, no ano 65, obrigado por Nero a cometer suicídio. Filósofo, orador, homem de Estado e escritor, viveu no centro das tensões políticas do principado júlio-claudiano. Suas tragédias pertencem a esse ambiente imperial, mas se voltam quase sempre para o repertório mítico grego. Famílias condenadas por crimes antigos, reis que fazem da vontade uma lei e personagens incapazes de governar as próprias paixões convertem-se, em sua poesia dramática, em imagens de uma ordem humana permanentemente exposta à violência.

O teatro de Sêneca ocupa uma posição singular na literatura latina. Seus enredos retomam matérias conhecidas sobretudo por Ésquilo, Sófocles e Eurípides, mas não procuram reproduzir os modelos áticos. A ação se concentra em situações extremas; os discursos prolongam o conflito interior; relatos e visões fazem aparecer diante da imaginação aquilo que nem sempre é mostrado em cena. A retórica não constitui simples ornamento: é o meio pelo qual as personagens procuram impor forma ao mundo e acabam tornando visível a própria desordem.

A relação com o estoicismo exige a mesma cautela. As tragédias não são tratados filosóficos transpostos para o verso, embora a oposição entre razão e paixão ofereça um horizonte importante. Ira, medo, desejo, ambição e dor crescem pela linguagem até reorganizarem toda a percepção da personagem. O interesse dramático reside menos em oferecer exemplos morais do que em acompanhar a passagem pela qual um impulso se transforma em decisão, a decisão em identidade e a identidade em catástrofe.

Este segundo volume amplia esse quadro ao reunir algumas das formas mais intensas da dramaturgia senecana e, ao final, duas obras que deslocam o leitor do mito para a história imperial. Fedra e Tiestes colocam no centro a casa aristocrática como espaço de desejo, segredo e vingança. As Troianas e Agamêmnon formam um eixo ligado à destruição de Troia: uma observa a vitória grega do ponto de vista dos vencidos; a outra acompanha o retorno do comandante vencedor a uma casa que já preparou sua morte.

Em Fedra, o desejo proibido da rainha por Hipólito destrói progressivamente as distinções entre confissão, persuasão e acusação. A peça dialoga de modo evidente com a tradição de Eurípides, mas desloca o centro de gravidade para a experiência verbal da paixão. Fedra sabe nomear a desordem que a domina e, justamente por isso, revela a distância entre conhecimento e domínio de si. Teseu, ao acreditar na falsa denúncia e lançar contra o filho uma maldição irrevogável, converte a autoridade paterna em instrumento do desastre.

Tiestes leva ainda mais longe a lógica da vingança. Atreu não deseja apenas punir o irmão: quer produzir um crime que exceda os crimes anteriores da casa dos Pelópidas. O banquete em que Tiestes consome sem saber a carne dos próprios filhos transforma hospitalidade, sacrifício e parentesco em seus contrários. A natureza parece recuar diante do ato, e a linguagem de Atreu busca continuamente uma grandeza monstruosa. Essa construção fez da peça um dos modelos decisivos para a tragédia de vingança europeia e para a recepção moderna de Sêneca.

As Troianas abandona o palácio do vingador para acompanhar os sobreviventes de uma cidade vencida. Hécuba, Andrômaca, Políxena e as mulheres de Troia não podem alterar o resultado da guerra; resta-lhes experimentar a vitória alheia como perda de filhos, pátria, estatuto e futuro. A morte de Astíanax e o sacrifício de Políxena mostram que a violência não termina quando termina a batalha. Agamêmnon oferece o movimento complementar: o vencedor regressa de Troia apenas para reencontrar, em Micenas, a cadeia de crimes dos Atridas. A profecia de Cassandra liga a ruína troiana à ruína grega e impede qualquer leitura simples da vitória.

Com Otávia, a matéria deixa de ser mítica e se torna romana. Trata-se de uma fabula praetexta transmitida com as tragédias de Sêneca, mas hoje geralmente atribuída a um autor posterior. O próprio Sêneca aparece como personagem diante de Nero, enquanto Otávia, esposa repudiada do imperador, é conduzida do isolamento no palácio ao exílio e à morte. A proximidade histórica altera o efeito da violência: o tirano já não pertence a uma casa heroica distante, mas ao mundo político que também produziu a figura histórica de Sêneca.

A Apocolocintose do divino Cláudio encerra o volume por contraste. Não é tragédia, mas sátira menipeia, alternando prosa e verso para parodiar a apoteose do imperador Cláudio. A ascensão aos deuses converte-se em processo de rejeição; o governante que exercera poder judicial termina submetido a um julgamento e a tarefas degradantes no mundo inferior. O grotesco, o rebaixamento e a paródia oferecem uma contraparte cômica às mesmas questões de autoridade, violência e memória imperial que atravessam as tragédias. Colocada depois de Otávia, a sátira faz o conjunto terminar não com uma nova catástrofe mítica, mas com a desmontagem burlesca da pretensão imperial à divindade.

A influência de Sêneca tornou-se especialmente profunda a partir do Renascimento. Monólogos extensos, fantasmas, crimes de família, tiranos, mensageiros que descrevem o horror e personagens que constroem verbalmente a própria vingança passaram a integrar o repertório dramático europeu. Tiestes ocupa lugar central nessa descendência, mas o conjunto do volume mostra por que a permanência de Sêneca não se reduz à história das influências: suas obras continuam interrogando a fabricação verbal do poder, a transmissão da violência entre gerações e a facilidade com que indivíduos e Estados transformam desejo e medo em necessidade.

As traduções reunidas neste volume provêm de trabalhos independentes e conservam suas opções próprias. Foram mantidas as diferenças legítimas de vocabulário, sintaxe e colocação da numeração dos versos, assim como as indicações cênicas de cada tradutor. O trabalho editorial eliminou elementos alheios ao texto das obras — estudos, notas acadêmicas, textos latinos, cabeçalhos e rodapés das edições de origem — e corrigiu apenas falhas materiais inequívocas. A diagramação unifica títulos, nomes de personagens, hierarquia das divisões e paginação, sem apagar a individualidade das traduções.

REFERÊNCIAS ESSENCIAIS

BOYLE, A. J. Tragic Seneca: An Essay in the Theatrical Tradition. London: Routledge, 1997.

EDEN, P. T. Seneca: Apocolocyntosis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FANTHAM, Elaine. Seneca's Troades: A Literary Introduction with Text, Translation, and Commentary. Princeton: Princeton University Press, 1982.

FERRI, Rolando. Octavia: A Play Attributed to Seneca. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FITCH, John G. Seneca: Tragedies. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002–2004. 2 v.

SCHIESARO, Alessandro. The Passions in Play: Thyestes and the Dynamics of Senecan Drama. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SEGAL, Charles. Language and Desire in Seneca's Phaedra. Princeton: Princeton University Press, 1986.

FEDRA

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de Camila Machado Reis

ARGUMENTO

Na ausência de Teseu, Fedra confessa à ama a paixão por Hipólito, filho do marido e devoto de Diana. A ama tenta dobrar o jovem; repelida, converte a recusa em acusação. Teseu regressa, acredita na denúncia e amaldiçoa o filho; Netuno cumpre a imprecação, e Hipólito morre. Diante do cadáver, Fedra revela a verdade e se mata.

PERSONAGENS

HIPÓLITO
FEDRA
AMA
TESEU
MENSAGEIRO
CORO

A cena se passa em Atenas.

Cena I (1-84)

HIPÓLITO

Ide, Cecrópidas, sombreados bosques
contornai e o mais alto topo do monte!
Vagueai com célere pé lustrado
no planiço do pé do pedregoso
Parneto, onde o rio, com rápida
onda reverbera nos vales
de Tria, subi as colinas
perpetuamente brancas dos Rifeus.
Aqui, aqui, por onde o bosque de altos amieiros
é entrelaçado, por onde os prados livres
Zéfiro acaricia com o sopro de orvalho
para evocar o germe da primavera,
onde, pelos esguios campos, o breve Illisos
como o sinuoso Meandro
trabalha preguiçoso e as estéreis
areias o maligno rio raspa:
vós, descobri à sua esquerda o atalho
por onde Maratona abre clareiras, onde pela noite, as mães
se dirigem acompanhadas pelo pequeno rebanho das crias,
vós ides, por onde aos tépidos
austros submetido, abranda os frios
o duro Acarneu.
Um, trilhe a rocha do doce Himeto
outro, a pequena Afídna
parte dela de dia esvaziada
e os litorais praias do curvado ponto
Súnio impele. Se toca alguém
a glória das florestas convoca, assim, Phyle
aqui mora o medo dos agricultores,
um javali que muitas vezes abriu feridas.
Mas soltai as coleiras aos cães silentes,

segurem as correias pontiagudas
dos Molossos impetuosos e os combativos
de Creta estendam no pescoço
forte grilhão polido.
Mas cauteloso, une os Espartanos (a raça é audaz
e ávida por fera) com nó
mais próximo: chegará o tempo,
com ladrido, quando vamos tornar possível soar de suas cascas
as rochas:
agora os focinhos de olfato sutil, caídos
farejem a brisa e com o focinho apertado
procurem as tocas, enquanto a luz é incerta
enquanto a terra pisada possui sinais
orvalhados de pegadas. Outro, largas redes
no pescoço pesado carrega,
outro, arredondados laços apressa.
Que uma linha de pluma avermelhada
prenda as feras em terror vão.
Tu, com ambas as mãos,
simultaneamente, empunhará a lança pesada
de carvalho armada com ferro largo:
tu, à espreita, com o grito as feras
derruba: tu, já vitorioso, desatarás
as vísceras com a faca curva.
Está perto da assembleia, veja! Ó deusa guerreira,
cujo reinado à parte
da terra escondida, e cuja estocada certeira,
atinge a fera que bebe do gélido Araxes
e que brinca no Istro congelado.
À tua direita os leões da Getúlia
segue tuas cervas cretenses
agora cravas rápidas corças
com leve mão.
Aí, várias tigresas oferecem o peito
a ti, mostram o dorso bisões peludos
e os búfalos bravos de amplos chifres.
O que quer que paste em solos aráveis,
quer o árabe oriundo da opulenta floresta,
quer o fraco Garamante tenha conhecido,
e o errante sármata, das planícies vagas,
quer o cume dos ferozes Pirineus,
quer os desfiladeiros da Hircânia escondam,
quer o sármata errante entre os campos,
o teu arco, todos temem, Diana.
Se o grato camponês leva aos bosques teu aceno,
as redes manterão as feras presas, de nenhuma delas

as patas romperam o laço: a presa é levada
em carreta gemente: assim, os focinhos caninos
possuem muito sangue rúbeo,
e novamente ataca as tocas
a rústica turba.
Oh, deusa, sê favorável! Os argutos cães
deram o sinal. – Sou invocado às florestas.
Aqui, aqui irei pelo caminho
que compensa o longo percurso.

Cena II (85-273)

FEDRA
Ó grande despovoada Creta, soberana de vasto mar,
que por todo o litoral incontáveis jangadas
mantém no mar, até a Assíria
um curso cortas, com as proas, na terra de Nereu
por que a mim, entregue refém aos penates odiosos,
tomada noiva por um inimigo, a levar a vida em meio ao mal
e lágrimas, me conduzes? Exilado eis o marido ausente
e à noiva presta a boa-fé costumeira.
Pelas profundas sombras do lago sem retorno,
anda o soldado de um audacioso pretendente,
por arrancar Perséfone ao trono do rei infernal.
Prossegue do furor companheiro, nem lá o medo
com pudor mantém: adultérios e leitos ilícitos busca,
no fundo do Aqueronte, o pai de Hipólito.
No entanto, um outro sofrimento maior me arrebata.
Nem a tranquilidade noturna, nem o sono profundo
desatam-me dos cuidados: o mal nutre e cresce
e arde internamente tal como o vapor
transborda do antro do Etna. Os teares de Pallas estão esvaziados
e no meio delas próprias, suspendidas, escapam das mãos;
não tenho vontade de agradar os templos com consagradas
oferendas
nem de brandir, entre os altares, misturada pelo coro das áticas,
as tochas cúmplices em cerimônias silenciadas,
nem ainda submeter-me à pureza da prece ou do rito piedoso
da deusa que preside a terra consagrada:
agrada-me seguir o curso das feras excitadas
e arremessar dardos rígidos com a mão delicada.
Para onde dirigir-te-ás, ó alma? Por que, enraivecida, amas
as florestas?
Percebo o mal fatal de minha miserável mãe:
nas florestas, nosso amor soube pecar.
Ó mãe, compadeço-me de ti: tomada por um abominável mal,

o chefe feroz de um rebanho selvagem
amaste audaz; áspero, intolerante ao jugo,
aquele adúltero, condutor de um rebanho indomável,
porém amava alguém. Que deus poderá
apagar o meu ardor pela miserável ou que Dédalo?
Ainda que ele retornasse, capaz na arte ática,
o que fechou nossos monstros no labirinto,
prometeria qualquer auxílio à nossa queda.
Vênus, que inveja a estirpe do detestado Sol,
reivindica em nós as cadeias do seu Marte
e as suas, e com desgraças inomináveis, a geração de Febo
onera: nenhuma filha de Minos
está quite com o amor leve, sempre se associa à atrocidade.

AMA

Esposa de Teseu, ilustre filha de Júpiter,
do casto peito, extirpa rapidamente nefandos sentimentos,
apague as chamas nem te apresentes obediente à funesta esperança:
aquele que se opõe de imediato
ao amor e o combate, salvo e vencedor se manteve;
aquele que é complacente com esse mal, docemente nutrindo-lhe,
tarde recusará se opor ao que lhe submeterá ao jugo.
Ainda que me fuja, quão duro e desacostumada à verdade,
o orgulho da realeza não se deixa curvar à retidão:
qualquer que seja o êxito que o destino me dê, suportarei:
a liberdade próxima torna forte o velho.
Primeiro, querer a integridade, permanecer no caminho certo.
O pudor é o segundo, pesando seus pecados.
Para onde prossegues, miserável? Por que agravas a desonra da tua casa
e superas a mãe? O incesto é um monstro maior:
pois imputarás monstros ao fado; aos costumes, os crimes.
Se, porque o marido não enxerga as altas regiões,
crês estar seguro teu ato e desprovido de medo,
erras; resguardado oculto no extenso Lete crês
Teseu, e que carrega o perpétuo Estige.
Aquele que pressiona os mares com o seu amplo reino
e que a centenas de pessoas restitui a justiça, teu pai,
permitirá que permaneça oculto tamanho ato?
Sagaz é o cuidado dos pais. Cremos, porém, que
mesmo que nossa astúcia e artifício tenha sido capaz de esconder tamanho crime:
e àquele que sobre as coisas difunde luz,
pai da mãe? Quanto àquele que abala o mundo,
vibrando o raio do Etna com agitada mão,

criador dos deuses? Crês que isso possa ser feito,
entre os que veem tudo a fim de que escondas dos ancestrais?
Mas mesmo que o generoso favor dos deuses esconda
os coitos nefastos, e que atinja o sexo ilícito
a defesa sempre negada aos atos ímpios:
quanto à pena imediata, pavor cônscio da alma,
e ao espírito cheio de culpa e temente a si?
O crime de qualquer maneira protegido nada seguro carrega.
Contém as chamas ímpias do amor, suplico,
e o crime que nenhuma terra bárbara
nunca cometeu, nem dos campos o Geta errante
nem o inóspito Tauro ou os esparsos citas.
Expulsa o ato horrendo da alma casta
e lembrada de tua mãe, teme os coitos recentes,
visa obter a mistura de leitos do pai e do filho,
e em teu ímpio útero receber prole misturada?
Prossegue e com fervor ímpio transforme a natureza.
Por que cessam os monstros? Por que o palácio do teu irmão está vazio?
Muitas vezes o círculo ouvirá prodígios grandiosos,
muitas vezes a natureza será vencida em suas leis,
quantos amará uma cretense?

FEDRA

O que relembras,
sei verdadeiro para mim, Ama, mas o furor me faz seguir
o pior. Minha alma, ciente, vai para o precipício
e tenta em vão alcançar conselhos sãos.
Assim, quando a onda adversa empurra a embarcação
cheia de marinheiro, cede em vão teu esforço
e a popa vencida é arrancada pela inclinada água.
O que a razão é capaz de fazer? Venceu e reina o furor,
e um deus poderoso domina minha alma.
Esse que voa sobressai indiscutível por toda a terra
e queima o ferido Júpiter com suas chamas desenfreadas
o gradivo guerreiro estas tochas sente,
o deus artesão do raio de três pontas sente,
e ele que sempre, nos cumes enfurecidos do Etna,
torce as forjas, queima por tão pouco fogo
e o próprio Febo, que joga dardos do arco
Cupido crava-o certeiro, flecha atirada,
e volita por aí, implacável igualmente com céu e terra.

AMA

A torpe libido, favorecendo o vício, fez o amor
ser um deus, de modo que fosse mais livre,
adicionou ao furor o título de falso nume.

Logo se vê que Vênus Ericina despacha o filho
a vagar pelas terras todas, ele volita pelo céu,
projeta flechas audaciosas com a mão delicada
e o menor dos súperos possui tamanho reino?
Uma alma demente atribuiu para si essas mentiras
e inventou a deidade Vênus e o arco do deus.
Qualquer um que triunfa em demasia com as coisas favoráveis,
e no excesso se precipita, aspira sempre à novidade.
Assim, insinua a libido sinistra, acompanhada
da grandiosa sorte: não lhe agradam os alimentos de costume,
nem as casas de costumes sãos.
Por que tal peste que elege as casas atraentes
aparece menos nas famílias mais humildes?
Por que a santa Vênus habita as casas mais humildes
e o povo comum possui os afetos íntegros
e os modestos se contêm? Os ricos, por outro lado,
e os entronados apoiados almejam além do justo?
Quem muito pode, quer poder o que não pode.
Percebe o que convém a quem ao alto trono pertence;
teme e reverencie o cetro do marido que, com efeito, volta.

FEDRA

Do amor tenho para mim como o mais alto reino
e não temo os que retornam: nunca realcança
os círculos superiores quem, submerso uma vez em noite eterna,
vai em direção à silenciosa morada.

AMA

Não acredite em Dite. Feche ele seu reino,
e o cão do rio Estige guarde as suas portas terríveis,
sozinho, Teseu encontra os caminhos que lhe foram negados.

FEDRA

Talvez ele concederá perdão ao nosso amor.

AMA

Foi rude até para uma esposa casta,
a bárbara Antíope provou de sua cruel mão.
Porém, se acha capaz de dobrar o esposo irado?
Quem curvará o espírito intratável do outro?
Odioso, evita tudo que é nomeado feminino;
rude, dedica os seus anos a uma vida casta,
evita o sexo, sabida sua origem da raça das amazonas.

FEDRA

Ao que adere os pés aos topos das colinas em neve,
do pé veloz calca as pedras ásperas,
agrada-o seguir pelos altos bosques, pelas colinas.

AMA
Ele vai resistir dar-se às carícias,
e pela Vênus não casta deixar de lado os ritos castos?
Por ti deixa de lado o ódio, que tal ódio talvez nos
persiga a todos? Não pode ser vencido com preces?
É uma fera.

FEDRA
É sabido que os ferozes são vencidos pelo amor.

AMA
Ele fugirá.

FEDRA
Se ele fugir, por todos os mares, também sigo eu.

AMA
Recorda-te do teu pai.

FEDRA
Da mesma forma, recordemo-nos de nossa mãe.

AMA
Ele foge de todas as mulheres.

FEDRA
Não temo outras.

AMA
Seu marido estará presente.

FEDRA
Com certeza o companheiro de Pirito?

AMA
Seu pai também estará.

FEDRA
O pai de Ariadna foi brando.

AMA
Por estes cabelos gloriosos da velhice, humilde
por este peito exausto de cuidados, por estes seios queridos
rogo: pare esse furor, ajude a si mesma.
Parte da saúde veio do querer ser são.

FEDRA
Nem todo o pudor acabou em minha alma ingênua.
Obedeço, Ama. Que seja vencido o amor que não quer
ser governado. Não permitirei de forma alguma que a honra
seja manchada. Esta é a única forma, única forma de escapar do mal.
Vamos seguir o marido, contenho o mal por meio da morte.

AMA
Pondera, pupila, o impulso de sua alma desenfreada,
contenha os ânimos. Acredito que és digna desta vida,
porque tu mesma acreditas que sejas digna da morte.

FEDRA
A morte está decretada: procura-se a origem da fatalidade.
Dar cabo da vida com um laço ou que eu me atravesse uma faca
ou do alto do castelo de Palas, despachada, cair de cabeça para
baixo?
Por consequência, armemos a mão vingadora da castidade.

AMA
Nossa idade avançada consentirá que morras assim, por meio de
uma morte prematura? Reprima o ímpeto delirante.
Não se pode reconduzir ninguém à vida de forma fácil.

FEDRA
Razão alguma pode afastar o que perecerá;
aí estabeleceu a sua morte e deve morrer.

AMA
Ó senhora, único alento aos meus anos estafados,
se tal furor audacioso incuba em tua alma
menospreza a fama: esta dificilmente tem afeição pela verdade,
é melhor para quem menos merece e pior ao bom.
Vamos provocar esse espírito triste e intratável.
É meu trabalho aproximar-me do jovem feroz
e flexionar o espírito furioso desse homem imaturo.

Coro I (274-356)

CORO
Ó deusa gestada em mar pouco ameno,
a quem o duplo Cupido chama de mãe,
desenfreado com ambas chamas e setas
esse jovem lascivo e reluzente,
quão bem com o arco conduz as flechas!
A paixão desliza por toda a medula,
consome as veias pelo fogo furtivo.
Não tem aspecto vasto a ferida infligida,
porém devora as medulas cobertas no âmago.
Nenhuma paz a esse jovem: pelo globo
espalha agilmente as flechas lançadas,
de costa que vê o sol nascente,
em costa que se joga em direção ao extremo oeste hespérico,
seja esta submetida ao fervente Câncer,
seja à Ursa glacial da Parrásia,

suportando os colonos sempre errantes,
é sabido o seu ardor. Dos jovens excita
ferozes chamas e nos velhos fatigados
reconvoca ainda extintos calores,
fere o peito das virgens com um fogo ignorado,
e convida os divinos, tendo renunciado ao céu,
a habitar a terra com falsos semblantes.
Febo, pastor do rebanho da Tessália,
conduziu o rebanho e, tendo deposto o pleto da lira,
invocou os touros por meio da díspare flauta de Pã.
Quantas vezes assumiu formas menores,
ele mesmo, que conduz o céu e as nuvens:
ao modo dos pássaros, moveu asas brancas
mais doce canto do que de um cisne moribundo.
Assim, petulante novilho de semblante terrível,
estendeu as suas costas em brincadeira com as virgens,
e, por ondas fraternas de um novo reino,
o casco imitando lentos remos,
com o peito contrário domestica as profundezas,
temente diante da presa que carrega.
Ardeu a clara deusa do mundo obscuro,
desertando a noite e, ao irmão,
nítido carro entregou, para ser guiado de outra forma:
então ele aprendeu a guiar as bigas noturnas
por meio de breve giro torneado,
nas noites, não tendo seu tempo,
o dia repassava a um tardo nascer
enquanto os eixos tremiam por um carro mais pesado.
O filho de Alcmena depôs as aljavas
e a ameaçadora pele do grande leão;
acomodou esmeraldas nos dedos,
deixou juntar seus rijos cabelos;
ligou as pernas pelo distinto ouro,
mantendo os pés em coturno amarelo
e a mão que trazia a clava consigo,
agora tece fios em fuso apressado.
A Pérsia e a fértil Líbia de rico reino viram a pele do feroz
leão jogada sobre os ombros, em que a corte do alto céu
se assentara,
o tênue manto de Tíria fibra.
O fogo é maldito! – acreditai nas vítimas –
e de excessiva potência! Onde as terras
são cercadas pelo mar profundo
e onde pelo próprio céu correm as brilhantes estrelas,
ali o menino imaturo reina,
que sente dardos nas profundas ondas

o coro azulado das nereidas,
e o mar não consegue erguer a chama.
A raça alada sente os fogos.
Instigado por Vênus, o audacioso novilho sustém
guerras para se impor frente ao bando,
se temem por sua companheira
os tímidos cervos requerem batalhas
e pelo mugido dão o sinal
do furor contido; então, o indiano escuro
se horroriza com os tigres listrados,
então, afia os dentes ferinos
o javali e sua boca é toda espuma.
Os púnicos leões sacodem as jubas,
quando o amor agita-se: então, a selva geme
em selvagem murmúrio. Ama a besta
do mar insano e também os bois lucanos:
a natureza reivindica todos para si,
a nada é imune e perece o ódio, quando o amor impõe,
cedem as iras antigas aos seus fogos.
Por que dizer algo mais? A paixão vence
as selvagens madrastas.

Cena III (357-386)

CORO

Ama, profira o que carregas: onde se encontra
a rainha? Por um acaso há medida para suas chamas selvagens?

AMA

Esperança nula de poder abrandar tanto mal,
e não haverá fim para as chamas insanas.
É tostada por um calor silencioso, e também confinado,
ainda que seja oculto, o furor é revelado no semblante:
irrompe-lhe dos olhos o fogo e as lânguidas órbitas oculares
recusam a luz; nada mesmo agrada à inconstante,
e uma dor vacilante agita seus vários membros.
Então, com passo enfraquecido, desfalece débil
e, com dificuldade, sustém a cabeça sob pescoço vacilante.
Então retorna à quietude, e, sem memória do sono,
passa a noite em queixas; impõe que seja erguida
e que, novamente, seu corpo seja deposto e que seus cabelos
sejam soltos
e de novo moldados; sempre impaciente consigo,
a aparência é mudada. Já nenhum cuidado
de Ceres; caminha com pé incerto,
já sem forças: não possui mais vigor,

o rubor púrpureo não lhe tinge as reluzentes faces,
a inquietação assola as articulações, o caminhar já treme
e a tenra graça do reluzente corpo sucumbe.
E os olhos que traziam os sinais do facho de Febo
nada pulsam dos parentes nem do pai.
Lágrimas lhe quedam pelas faces e as bochechas são
regadas por obstinado orvalho, bem como nos cumes do Tauro,
as neves tocadas pela chuva morna se umedecem.
Mas eis que se mostra o proscênio real:
ela própria, reclinada no colchão de seu trono áureo,
insana, recusa os mantos a que está acostumada.

Cena IV (387-405)

FEDRA
Afastai, escravas, as vestes cobertas de púrpura
e ouro, para longe esteja, o rubor do Múrice tírio
e os fios que os longínquos Seres colhem dos ramos de árvores:
que um estreito cinto junte as pregas da minha veste,
o pescoço sem colar, que não penda as pedras níveas
das orelhas, presente do mar das Índias;
que meu cabelo disperso esteja sem o perfume assírio.
Assim, ao acaso, os fios jogados cobrindo o pescoço
e o alto dos ombros, movidos por sopros rápidos,
sigam os ventos. A mão esquerda cuidará do porta-flechas;
a direita vibrará o dardo da Tessália,
tal foi a mãe do severo Hipólito:
qual, deixada para trás a região do gélido Ponto,
repelida para o solo da Ática
impeliu a horda selvagem de Tânais e Meotas, os cabelos reuniu
em um nó e soltou, os flancos protegidos por pequeno escudo
em lua crescente, assim serei levada às selvas.

CORO
Afaste os lamentos: a dor não alivia os miseráveis;
aplaca o poder agreste da deusa virgem.

Cena V (406-430)

AMA
Ó rainha dos bosques, que sozinha cultiva os montes
e única deusa pelos solitários montes cultuada,
converte as tristes ameaças no melhor dos presságios.
Ó grandiosa deusa, entre selvas e bosques consagrados,
astro claro do céu e enfeite da noite,
que reluz o mundo por vez alternada.

Aproxima, Hécate triforme, se faça presente, auxilia favorável,
doma o rígido espírito do sombrio Hipólito;
que nos dê ouvido fácil; amansa o peito feroz:
que aprenda a amar, porte chamas recíprocas.
Prende-lhe o coração: terrível, opositor, feroz,
que retorne ao jugo de Vênus. A isto intente
suas forças: que, assim, mostre faces lúcidas
e, nuvem rompida, que vá com os chifres claros
assim, tu que reges as rédeas do éter noturno,
que nunca possam rebaixar-te os encantamentos tessálicos,
e que nenhum pastor de ti carregue glória.
Aproxime, ó deusa invocada, os votos já favoreces!
O próprio, vejo-o vindo solitário,
sem os companheiros, oferecer reverência. Por que vacilas?
O acaso deu o tempo e o lugar: usa teus ardis.
Tememos? Não, não é fácil ousar
ao crime mandado, em verdade, quem teme as leis reais
deponha, todo o decoro lance fora da alma:
o pudor é mau servo do poder régio.

Cena VI (431-588)

HIPÓLITO

Por que, cansada, arrastas os senis passos até aqui,
ó Ama fiel, carregando a fisionomia perturbada
e o rosto abatido? Certamente está a salvo o pai,
a salvo Fedra e o jugo de dupla estirpe?

AMA

Repele o medo, o reino está em estado próspero
e o florescente lar prospera em feliz sorte.
Mas tu me pareces mais brando a esta prosperidade:
na verdade, a mim aflita a tua saúde,
mas tu, assolado por graves penas, subjugas a ti mesmo.
O destino coage quem lhe é concedido ser miserável;
mas se alguém livre e espontaneamente se oferece aos infortúnios,
e a si mesmo tortura, é digno que perca a bonança
quem não sabe fazer uso. Antes, recorda que é jovem,
acalma a alma, nas noites de festa levanta a tocha,
que Baco alivie as inquietações importantes,
curta a sua idade: foge com seu passo móvel.
Agora é fácil o sentimento, agora Vênus é favorável à juventude:
exulte o espírito! Por que deitas numa cama vazia?
Solta a juventude da tristeza, toma agora o curso
espalha as rédeas, proíba a vida fluir
os melhores dias. A deidade transcreveu ofícios próprios

e conduz eternamente por seus degraus.
A felicidade ao jovem: ao velho a fronte sombria.
Por que tu te reprimes e mata tua índole correta?
O jovem milharal, que dará grande proveito ao agricultor,
com alegria será plantado abundante;
e a copa sobressai no bosque
que mão maligna nenhuma corta ou tira.
O temperamento reto consegue honras maiores
se a viva liberdade alimenta a nobre alma.
Truculento e selvagem, da vida ignorante
vais cultivar uma juventude sombria em deserção à Vênus?
Acreditas ser esse o declarado aos homens,
que tolerem as dificuldades, dominem os cavalos em curso
e guerras selvagens empreendam com Marte sanguinário?
Ele o previu, o mais grandioso pai do mundo,
como tão violentas percebesse as mãos do destino,
como se reparasse os danos sempre com nova prole.
Eia, pois! Que Vênus se afaste das coisas humanas,
que ela supra e restitua a raça exausta,
o mundo torpe jazerá em negligente descuido:
vazio, sem os peixes, o mar permanecerá imóvel
não sobrará ave no céu nem animal na selva,
somente o ar ficará para os ventos.
Quão variadas as formas da morte arrebatam
e arrancam a desordem mortal: o mar e a espada e os ardis!
Mas acreditas que os fados estão ausentes: da mesma forma
ao escuro Estige
já nos dirigimos. Que aprecie a vida celibatária
à estéril juventude: isto será o que tu vês,
a desordem de uma existência e que se autoarruinará.
Portanto, segue a natureza como condutor de sua vida:
frequenta a cidade, cultiva a convivência dos cidadãos.

HIPÓLITO

Não há outra vida mais livre e ausente de vícios,
e que melhor cultive o antigo rito,
que aquela que, relegados os muros da cidade, ama as selvas.
O furor da alma avara não inflama
aquele que se dedicou, inocente, às cadeias das montanhas,
nem o popular, nem o vulgo, infiel aos bons,
nem a inveja pestilenta, nem o frágil favor:
ele não serve a reino nenhum, nem se apressa por reinos,
persegue honras vãs ou riquezas inconsistentes
livre de esperança e medo, a inveja negra
e devoradora não te ataca com dentes degenerados;
nem tomou conhecimento dos atos vis plantados

entre povos e cidades, se assusta com todos os estalos
ou inventa palavras; não procura esconder-se
nem sob mil colunas, nem insolente, substituir as vigas
com muito ouro; nem sangue abundante
inunda os sagrados altares, nem cem touros brancos,
cobertos pelos sagrados cereais, submetem-lhe os pescoços.
Porém, toma posse da terra vasta e ao ar livre,
vaga inofensivo. De tal forma,
soube construir armadilhas hábeis para as feras e, exausto
do pesado
trabalho, amorna o corpo no Ilisso níveo:
ora segue a costa do rápido rio Alfeu,
ora percorre as densas regiões das profundezas do bosque,
onde o gélido Lerna brilha no claro banco de areia,
e muda o curso: aqui as aves querelantes gemem
e gentilmente tocados pelo vento treme os ramos
e as velhas árvores. Agrada-lhe deitar-se às margens
do rio errante, ou sobre a relva nua
levar um sono leve, quer a abundante fonte
derrame rápidas águas, quer por entre os botões de flores,
do regato furtivo, murmure um doce som.
Os frutos caídos das árvores lhe compensam a fome
e os morangos arrancados do pequeno bosque
oferecem comida fácil. O ímpeto é fugir para longe
do luxo real: os orgulhosos bebem
em taças de ouro provocante; tão agradável beber
da fonte com a mão nua: um sono certo atinge
aquele que deita os membros relaxados em um leito duro.
Não procura, mau, adultérios em segredo
e em leito obscuro, nem se encerra, temeroso,
no palácio múltiplo: se dirige para o ar e a luz
e vive com o céu de espectador. Daí, seguramente, penso assim
terem vivido os que a primeira era derramou,
em meio aos deuses. Foi nula a cegueira
por ouro: no campo, nem uma pedra consagrada
delimitava o espaço para o juiz dos povos:
as águas ainda não golpeavam as jangadas passivas:
cada um conhecia seus próprios mares; frequentemente as cidades
não rodeavam o flanco com vastas muralhas e torre.
O soldado não armava as mãos com armas furiosas
nem a catapulta, arrastada com a pedra pesada, quebrava
as portas trancadas; livre das ordens de senhores,
a terra não aguentava a escravidão do boi preso,
mas os campos, fecundos por si, alimentavam povos
que nada pediam; a floresta dava opulência nativa
e as grutas a sombra, abrigos nativos.

Rompida a aliança, o desrespeitoso furor de lucro,
e daí a ira temida e a libido que move
almas incendiadas; cai a cruenta sede de governar
o menor é feito presa do maior:
ser conforme a força, em detrimento do direito. Assim, no princípio
lutar com a mão nua, pedras e ramos rudes
tornar armas: o leve chifre não tinha equipado
o ferro delgado, nem a espada de ponta longa
reveste o flanco, ou a crista do elmo, ao longe,
vibrante: a cólera fazia as armas.
Inventou o belicoso Marte novas artes
e mil formas de morte. Daí, o sangue derramado impregnou
todas as terras e tornou o mar rúbeo.
Então, suprimido o limite, os crimes foram levados para todas
as casas;
nenhum mal careceu de exemplo:
irmão pelo irmão morreu; pela direita do filho, o pai;
o marido jaz pelo ferro da esposa
e mães sacrílegas destroem os seus filhos.
Eu silencio acerca das madrastas. Em nada são mais amenas
do que as feras.
Porém, a mulher é a condutora dos males: destes crimes, a artífice
perturba os espíritos: por causa de suas impurezas lascivas
tocam fumaça em tantas cidades, quantos povos travam guerras,
e quantos reinos vieram abaixo oprimindo seus povos.
Vamos silenciar sobre as outras: apenas a esposa de Egeu,
Medea reproduz como a raça feminina é sinistra.

AMA

Por que o crime de poucas torna-se culpa de todas?

HIPÓLITO

Abomino todas, tenho horror, fujo, as detesto!
Por razão, por natureza, por furor sinistro!
Me agrada odiá-las. Unirás as águas ao fogo,
e às jangadas prometerá o incerto Sirte
amigáveis vaus; do extremo golfo,
Tétis da Hespérida elevará o luminoso dia
e os lobos apresentarão aspecto brando às corças,
antes que eu, vencido, carregue espírito amável em relação a
uma mulher.

AMA

Frequentemente o Amor coloca freios nos obstinados
e muda os ódios. Veja o reino de sua mãe:
aquelas ferozes sentem o jugo de Vênus.
Tu o sabes como único rapaz descendente dessa raça.

HIPÓLITO
Carrego da mãe perdida um único consolo:
agora poder odiar todas as mulheres.

AMA
Tal como a pedra dura, indomável por toda parte,
resiste às ondas e exasperantes águas
envia para longe, assim ele também desdenha as minhas palavras.
Porém, Fedra pisa apressada, impaciente com a demora.
Como se dará o destino? Como se dirigirá sua loucura?
De repente seu corpo sem vida cai por terra,
e cor similar à morte cobre o seu aspecto.
Ergue o rosto, dispersa a demora da voz:
é ele, pupila, teu Hipólito te ampara.

Cena VII (589-718)

FEDRA
Quem me entrega à dor e repõe o pesado ardor
na alma? Quão bem me fez ter desmaiado!

HIPÓLITO
Por que foges da doce graça da luz trazida novamente?

FEDRA
ousa, espírito, tenta, realiza teu propósito.
Intrépidas, que as palavras permaneçam: quem roga timidamente
ensina a dizer não. Grande parte do meu crime
já é levada a cabo, nosso pudor é tardio:
amamos o crime. Se eu der continuidade ao que foi começado,
talvez com a tocha conjugal oculte o crime:
o sucesso torna honestos alguns crimes.
Vamos, alma, começa! Peço que me emprestes um pouco
os teus ouvidos em segredo. Se tem alguém, afasta o companheiro.

HIPÓLITO
Vamos, o lugar está livre de todo juízo.

FEDRA
Porém, os lábios negam o fluir das palavras iniciadas;
grande força convoca minha voz, e uma maior a contém.
Seres celestes, aqui tenho todos por testemunhas, isso que quero,
não quero!

HIPÓLITO
Seu espírito é ávido de algo e não consegue dizê-lo?

FEDRA
As inquietações leves falam; as gigantescas ficam estupefatas.

HIPÓLITO
Entrega aos meus ouvidos tuas inquietações, minha mãe.

FEDRA
O nome materno é orgulhoso e excessivamente poderoso.
Convém aos nossos afetos nome mais humilde.
Me chama ou de irmã, Hipólito, ou de escrava,
escrava, de preferência: hei de suportar toda escravidão.
Se ordenares que eu caminhe por profundas neves,
não me seria incômodo marchar sobre os gélidos cumes do Pindo:
se ordenares que eu caminhe pelos fogos e por exércitos inimigos,
não tardaria a oferecer o peito às espadas preparadas.
Recebe minha autoridade; me aceite como escrava,
a ti convém reger impérios; a mim, seguir ordens!
Não diz respeito a uma mulher guardar os reinos.
Tu que floresces na primeira flor da juventude,
forte, governe os cidadãos com autoridade do pai,
no peito me recebe e protege, suplicante e escrava.
Apieda-te pela viúva.

HIPÓLITO
Que o Supremo deus afaste este presságio.
Rapidamente, meu pai estará presente e salvo.

FEDRA
O senhor do reino tenaz, do silencioso Estige,
nenhum retorno abra a quem deixou a terra:
ele permitirá um raptor de seu tálamo?
A menos que, por sorte, mesmo Plutão seja favorável ao amor.

HIPÓLITO
Os justos deuses do céu deixarão retornar,
porém, enquanto a divindade mantiver os votos incertos,
com a devida piedade cuidarei de meus caros irmãos
e serei digno para que não considere-se viúva
e para ti eu mesmo suprirei o lugar do meu pai.

FEDRA
Ó esperança crédula dos amantes, ó Amor enganador!
Disse eu o bastante?! Vou me aproximar com pedidos.
Por misericórdia, ouve bem os pedidos de uma alma apavorada.
Tenho vontade de falar e me é pesaroso.

HIPÓLITO
Mas que mal é esse?

FEDRA
Mal que dificilmente acreditarias acometer uma madrasta.

HIPÓLITO
Em voz ambígua dizes palavras enigmáticas.
Fala abertamente.

FEDRA
Vapor e amor queimam
meu peito ensandecido. No íntimo se enraivece, feroz,
profundamente e circula pelas veias;
nas minhas vísceras, um fogo mergulhado e latente nas veias
como uma chama ágil corre altas vigas.

HIPÓLITO
Certamente estás louca de amor casto por Teseu?

FEDRA
Sim, Hipólito: amo as feições de Teseu,
aquelas primeiras, que outrora tinha quando jovem,
quando a primeira barba marcava faces límpidas,
e encontrou a invisível morada do monstro de Cnossos,
e pelo sinuoso caminho uniu o longo fio.
Naqueles tempos como ele resplandeceu! Faixas prendiam-lhe
o cabelo,
e um pudor avermelhado coloria o terno rosto;
nos braços jovens, havia músculos fortes,
e da sua Febe as feições, ou do meu Febo;
antes, os teus; tal ele foi,
quando agradou à inimiga, assim trouxe a cabeça erguida;
em ti resplandece mais uma beleza rude:
há todo o seu pai em ti e, contudo, uma parte
um tanto selvagem da sua mãe se mistura igualmente à tua graça:
na feição grega aparece o rigor do cita.
Se tivesses entrado, com teu pai, na agitação do mar cretense,
nossa irmã teria trançado os fios para ti.
A ti, irmã, a ti qualquer que seja a parte do estrelado céu
em que brilhes, te invoco para uma causa parecida:
uma única casa apoderou-se de duas irmãs.
A ti, o pai; a mim, o filho. Aqui, jaz, suplicante,
arrastada pelos joelhos, a filha de uma casa real.
Por nenhuma desonra salpicada, intocada e inocente,
por ti, unicamente, me transformo. Decidida, rebaixei-me
em súplicas.
Este dia trará fim à dor ou à vida.
Misericórdia por aquela que ama!

HIPÓLITO
Senhor maior dos deuses,
tão indiferente ouves esses crimes, tão indiferente os percebes?

E quando enviarás o raio com a mão furiosa,
se agora está límpido o céu? Que todo esse, agitado,
desabe e sepulte o dia com nuvens negras,
e as estrelas, invertidas, percorram em sentido inverso
órbitas oblíquas. E tu, principal dentre as estrelas,
irradiante Titã, tu que, do alto, espias as atrocidades de
sua estirpe? Oculta a luz e foge para as trevas.
Por que a sua direita está vazia, soberano dos deuses e dos homens:
e o mundo não arde com o teu facho de três fendas?
Troveja em mim, me fura; veloz, que me queime
o fogo que me perfura: sou criminoso, mereço morrer:
agradei à minha madrasta. Eis-me digno de incesto?
E desse crime eu tão somente pareci a ti
objeto fácil? Foi esse meu devido rigor?
Ó todo o gênero feminino, vencedor no crime,
ó mais ousada no mal do que a sua mãe,
que pariu monstros! Ela, com o sexo ilícito,
contaminou-se: e ainda assim, muito tempo
o crime silenciado o rebento expôs o sinal biforme.
A criança biforme de rosto selvagem
demonstrou o crime da mãe: aquele ventre te abrigou.
Ó três, quatro vezes agraciados com um destino próspero
os que o ódio e a trapaça esgotaram, tomaram,
levaram à morte; pai, eu te invejo:
esta é um mal maior, maior do que a sua madrasta da Cólquida.

FEDRA

Eu mesma reconheço o destino da nossa casa:
procuramos aquilo do que devemos fugir, porém, não sou senhora de mim.
A ti, mesmo pelo fogo, pelo mar furioso, hei de seguir
e por pedras e rios, que a onda violenta arrasta,
e onde quer que leves teus passos, para aí seguirei, enlouquecida:
de novo, soberbo, eu me jogo aos seus joelhos.

HIPÓLITO

Afasta para longe do meu casto corpo o toque impuro.
O que é isto? Já desaba em meu peito?
Que a espada seja desembainhada e que se exijam os merecidos suplícios.
Eis que a cabeça impura tendo sido torcida pela cabeleira,
pela mão esquerda dobrei: nunca mais justo sangue
foi-te ofertado aos altares, deusa arqueira.

FEDRA

Hipólito, agora me conceda o pedido,
cura a minha loucura. Isto é maior do que meu pedido,

que eu morra, o pudor a salvo pelas suas mãos.

HIPÓLITO

Se afasta, vive, não peças nada, e que esta
espada que te encostou, deixe a minha casta cintura.
Qual Tânais vai me purificar, ou qual Meótida,
que abate suas ondas bárbaras no mar do Ponto?
Nem o próprio magno pai, com todo o oceano,
expiaria tal crime. Ó selvas, ó feras!

Cena VIII (719-735)

AMA

A culpa foi pega em flagrante. Alma, por que tu te manténs
estupefata?
Lançaremos a ele o crime e, além disso, vamos acusá-lo
de amor monstruoso: um crime é encoberto por outro crime;
quando se teme, o passo mais considerável é avançar.
Ao sermos as primeiras a ousar suportar o nefasto,
como a culpa é secreta, que testemunha vai saber?
Vem, Atenas! Punhado de fiéis escravos,
conduzi-vos! O usurpador Hipólito ameaça com sexo ilícito
atroz e persegue, pressiona, desperta o medo da morte,
aterroriza, armado, a pudica: eis que daí vai embora
e, perturbado, deixa a espada na fuga apressada.
Temos a prova do crime. Primeiro reanimai esta infeliz.
A cabeleira desmanchada e os fios arrancados
fiquem como estão, instrumento de tamanho crime.
Anunciai na cidade! – Recobra já os sentidos, senhora.
Por que, se torturando, foges aos olhares de todos?
O discernimento normalmente torna a mulher sem pudores, não
o acaso.

Coro II (736-834)

CORO

Foge como uma tempestade insana,
mais rápido do que o vento Caurus ao juntar nuvens,
mais rápido do que a chama que arrasta o curso,
quando a estrela agitada pelos ventos
espalha longo rastro de fogo.
Compare contigo todo o esplendor antigo,
a fama admiradora de uma era anterior:
tanto mais bela reluz a tua beleza,
tão claro quanto o seu pleno orbe,
quando, reunidos seus chifres os fogos

atrelai o carro apressando pela noite,
Febe rúbia o rosto revela
não aparecem as estrelas menores:
assim é, carregando as primeiras trevas,
o mensageiro da noite, ainda agora lavado pelas ondas,
Héspero, impelidas as trevas novamente,
e a Estrela da Manhã também.
E tu, Baco da Índia, portador do bastão bacante,
jovem de cabelos perpetuamente por cortar,
que controla os tigres com a lança coberta de videiras
e que mantém com um turbante a cabeça cornífera,
não vencerás os cabelos rijos de Hipólito.
Não admires demais o seu rosto:
por todos os povos espalhou a história
de que a irmã de Fedra preferiu a Brômio.
Ambígua é a beleza aos mortais,
breve dádiva de um tempo exíguo,
como foge veloz em passo acelerado!
Nem o vapor quente do verão priva assim
os prados no início da primavera,
quando o meio-dia queima no solstício
e precipita a noite em breves rotas.
Como os lírios de pálidas pétalas murcham
e as agradáveis rosas definham grinaldas,
o fulgor que irradia do rosto jovem também,
em um momento arrebatado, e nenhum dia
retirou seu espólio do formoso corpo.
Coisa passageira é a beleza: que sábio pode confiar
em bem frágil? Enquanto pode, desfruta.
O tempo te abate calado, e uma hora,
sempre pior do que a anterior, chega.
Por que busca os desertos? A beleza não está mais protegida
em lugares remotos: a ti, escondido no bosque,
quando o Titã estabelecer o meio-dia,
vão te cercar uma algazarra permitida, as Náiades maliciosas,
acostumadas a prender os belos moços nas fontes,
e farão armadilhas com seus sonos
as lascivas deusas dos bosques,
Dríades perseguidoras dos Faunos errantes das montanhas.
Ou, desdenhando-te do céu estrelado,
o astro dado à luz após os antigos Árcades
não poderá guiar de volta o carro branco.
Eis que enrubesceu, nenhuma nuvem
mais pesada fez oposição a seu rosto resplandecente.
Porém, nós, inquietos com a deidade perturbada,
calculando que havia sido cativada por feitiços da Tessália,

tinimos címbalos: tu és trabalhoso,
tu, causa da demora da deusa das noites
enquanto te observava, sustentou os caminhos rápidos.
Que os frios sacudam pouco esta face,
que estas faces alcancem raramente o sol:
reluzirá mais claro do que o mármore de Paros.
Quão bem-vinda é a face virilmente terrível
e o peso da velha e triste sobrancelha!
É permitido que compares seu esplêndido pescoço ao de Febo:
a cabeleira ignorante de união,
espalhando-se sobre os ombros, o orna e cobre:
um aspecto rude te convém, livre
um cabelo mais curto te cai, com a sua força viril
te é permitido desafiar os deuses severos e belicosos
e vencer, pela grande extensão de seu corpo:
pois, jovem, tu te igualas a Hércules em músculos,
de peito mais largo que o de Marte belígero.
Se te agradar montar o dorso de um cavalo,
mais ágil nos freios do que a mão de Castor,
poderás domar o espartano Cílaro.
Estira a correia com as pontas dos dedos
e atira o dardo com toda força:
nenhum cretense, instruído atirador de flechas,
irá tão longe espetar a sua flecha fina.
Ou se, como os Partas, te agradar
lançar setas até o céu, nenhuma cairá
sem ave, encerrando-se nas vísceras mornas,
trarão a presa do meio das nuvens.
Em raros homens, a beleza (examina as épocas!)
ficou impune. Que um deus mais bondoso
passe seguro por ti, e tua nobre beleza
mostre a representação de um velho disforme.
O que o ameaçador furor feminino consegue permitir não se ousar?
Fabrica mentiras nefandas a um jovem inocente.
Eis os crimes! Procura obter crédito arrancando os cabelos,
desordena toda a glória da cabeleira, molha as faces:
é instruída por todo tipo de fraude com seu ardil feminino.
Mas quem é esse aí, carregando no rosto uma dignidade
real e no cimo sustido, a cabeça erguida?
Como possui o rosto parecido com o do jovem descendente
de Piteu,
se as faces não sucumbissem com lânguida palidez
e a cabeleira dura não estivesse em pé com sujeira grosseira!
Eis aí, o próprio Teseu devolvido à Terra!

Cena IX (835-853)

TESEU
Finalmente, fugi da armadilha da noite eterna
que do Polo em vasto cárcere toma de sombras os manes,
e, com dificuldade, os olhos suportam o desejado dia.
Elêusis já corta quatro vezes os dons de Triptólemo,
tantas vezes Libra compôs o dia igual,
enquanto a carga ambígua da sorte ignota
me deteve entre os males da morte e da vida.
Uma parte da vida persistiu, estando eu extinto:
a percepção dos males. Alcides pôs um fim,
o qual, puxando o cão arrancado do Tártaro,
também me trouxe junto para a morada supera.
Mas a força fatigada carece do antigo vigor
e meus passos tremem. Ai! Como foi trabalhoso,
do fundo do Flegetonte, procurar atingir o éter longínquo
e, ao mesmo tempo, fugir da morte e seguir Alcides.
Que ruído flébil fere meus ouvidos?
Alguém me esclareça. Luto e lágrimas e dor,
triste lamentação em minha própria porta?
Hospitalidade perfeitamente digna de um hóspede infernal.

Cena X (854-863)

AMA
Fedra tem o plano obstinado de se matar,
despreza nosso choro e persegue a morte.

TESEU
Qual o motivo para se suicidar? Com o marido de volta,
por que morrer?

AMA
É esse o motivo que traz o suicídio.

TESEU
Desconheço o que de tão importante reveste as suas
palavras obscuras,
fala sem rodeios a dor que lhe pesa o espírito.

AMA
Não revela a ninguém: a aflita oculta um segredo
e decidiu carregar consigo o mal, ao morrer.
Vem já, imploro, vem: é necessário correr.

Cena XI (864-958)

TESEU
Abri as portas fechadas do lar real.
Ó companheira do leito, é assim que recebes
a chegada do varão e o rosto do esposo aguardado?
Por que não esvazias a mão direita da espada e a mim
devolves o ânimo, e expões o que te faz fugir
da vida?

FEDRA
Ai, pelo cetro do seu reino,
magnânimo Teseu, e pela índole de tua prole
e pelo teu retorno e já por minhas cinzas,
permite minha morte.

TESEU
O que te força a morrer?

FEDRA
Se o motivo da morte for dito, teu fruto perece.

TESEU
Ninguém ouvirá, exceto eu, por certo.

FEDRA
A mulher pudica teme somente os ouvidos do marido.

TESEU
Fala: no coração fiel esconderei os segredos.

FEDRA
O que queres que o outro silencie, silencia primeiro.

TESEU
Nenhuma possibilidade de morrer te tocará.

FEDRA
A morte nunca pode lamentar por quem quer morrer.

TESEU
Indica o delito como pagamento de tua morte.

FEDRA
O de viver.

TESEU
As nossas lágrimas não te comovem?

FEDRA
Morte excelente é perecer chorada pelos seus.

TESEU
Segue calando. Com correia e correntes, a velha
revelará o que esta se recusa a contar.
Amarrai aos grilhões. Que a força destes te extraia
os segredos da alma.

FEDRA
Eu mesma contarei, espera.

TESEU
Por que afastas o rosto abatido e as lágrimas,
aparecidas subitamente no rosto, as escondes com o véu estendido?

FEDRA
A ti, a ti, criador dos deuses, invoco por testemunha,
e a ti, vibrante estrela da luz etérea,
de cujo nascimento nossa casa depende:
tentada por pedidos, resisti; à espada e às ameaças
não cedeu meu espírito: contudo, o corpo sofreu violência.
Nosso sangue purificará esta mancha do pudor.

TESEU
Fala, quem foi o destruidor da nossa honra?

FEDRA
Quem de menos suspeitas.

TESEU
Exijo ouvir quem é.

FEDRA
Dirá esta espada que o violador, aterrorizado pelo tumulto,
abandonou temeroso pela chegada dos cidadãos.

TESEU
Que crime, ai de mim, percebo? Que monstro contemplo?
O marfim real, com as insígnias do pai,
no cabo cintila, a glória do povo ateniense.
Mas esse mesmo, para onde fugiu?

FEDRA
Estes escravos o viram tremendo,
em fuga, apressado e com o passo célere.

TESEU
Ó sagrada piedade, ó governador do universo,
tu que moves o segundo reino com ondas,
de onde vem essa peste de origem infame?
Nutriu-lhe a terra grega ou o Tauro da Cítia
e o Fásis da Cólquida? O descendente retorna aos progenitores

e o sangue degenerado traz de novo a primeira estirpe.
É essa, absolutamente, a loucura dessa raça belicosa,
odiar as leis de Vênus e tornar repugnante à multidão
o corpo outrora casto. Ó raça repulsiva,
que não se submeteu às leis de uma terra melhor!
Mesmo os próprios animais evitam encontros ilícitos,
e o pudor inconsciente preserva as leis da raça.
Onde está aquele rosto viril com falsa majestade,
aspirando usos antigos e primitivos,
a disposição de espírito triste e carregada e os costumes desse velho?
Ó vida enganadora, manténs escondidos os sentimentos
e revestes uma bela fachada com almas torpes:
o pudor encobre o descarado; a quietude, o audaz;
a piedade, o criminoso; os mentirosos apreciam o verdadeiro
e os moles simulam dureza. O famoso habitante das florestas,
feroz, casto, intacto, rude,
a mim te escondes? Primeiro no meu leito
e com tamanho crime, te agradou iniciar a virilidade?
Já agora agradeço à divindade supera,
porque Antíope caiu abatida por nossa mão,
porque, descendo pelas cavernas do rio Estige,
não te deixei a tua mãe. Fugitivo, corre longe,
até povos desconhecidos: embora distante a terra,
no fim do mundo, te separe com as ondas do Oceano,
e habite no globo, lugar oposto ao nosso,
ainda que escondido distante, em retiro extremo,
transponhas os horríveis reinos do pólo alto
e, instalado sobre os invernos e as neves níveas,
abandones as ameaças estrondosas do gélido Bóreas
deixadas atrás de ti, enfurecidas, pagarás a expiação por teus crimes.
Obstinado, perseguirei a ti, fugitivo, por todos os esconderijos:
caminhos distantes, fechados, ocultos, afastados,
intransitáveis atravessarei, nenhum lugar fará obstáculo:
sabes de onde volto. Para onde os dardos não podem ser atirados,
para lá atirarei súplicas. Meu pai marítimo,
enquanto deidade benévola, concedeu-me três pedidos,
e, invocado o rio Estige, tornou sagrado esse presente.
Vai, leva a cabo a triste dádiva, soberano do mar!
Que Hipólito não veja mais o brilhante dia,
e, mesmo jovem, vá de encontro aos manes irados do pai.
Conduz a abominável ajuda ao teu filho, pai:
jamais usaríamos a última dádiva do teu poder divino
se grandes males não nos abatessem:
entre o profundo Tártaro e o horrível Dite
e as iminentes ameaças do rei infernal
poupei esse desejo: agora cumpre o combinado com boa fé.

Pai, te demoras? Por que as ondas ainda se calam?
Agora cobre a noite com nuvens negras
impelidas pelos ventos, arranca estrelas e céu,
derrama o mar, move a multidão marinha
e, soberbo, do próprio Oceano convoca as ondas.

Coro III (959-990)

CORO
Ó natureza, magnífica mãe dos deuses
e tu, guia do ardente Olimpo,
que arrebates, no veloz céu, as estrelas dispersas
e as órbitas dos astros, faças retornar os céus
aos seus rápidos eixos,
por que tanto cuidado teu em manter
os movimentos sazonais do elevado éter?
Para que então o frio da branca bruma
desnude as florestas, para que retornem
as sombras das árvores, e que as hastes
da constelação de Leão amadureçam
os cereais com o grande calor
e que o ano abrande as suas forças? Mas por que tu próprio,
que tantas coisas governas, sob quem os pesos
equilibrados do vasto mundo
conduzem suas órbitas, te ausentas,
dos homens excessivamente indiferentes,
não atento em servir aos bons, prejudicar os maus?
As coisas humanas sem nenhuma ordem
a fortuna governa e distribui presentes
com a mão cega, favorecendo os piores:
a libido sinistra vence os escrupulosos,
a fraude reina na sublime corte.
O povo se alegra ao entregar o poder
ao desonroso, aos mesmos cultiva e também odeia.
A triste virtude entregou prêmios perversos
ao correto: persegue os castos
a pobreza maléfica e, potente no vício,
reina o adúltero: ó pudor vão
e falso decoro!
Mas o que mensageiro transporta a passo rápido
e banha o sinistro rosto de aspecto maléfico?

Cena XII (991-1122)

MENSAGEIRO
Ó sorte amarga e dura, escravidão pesada,

por que me convocas para o anúncio nefasto da desgraça?

TESEU
Não temas dizer corajosamente as penas da ruína:
não carrego um coração despreparado para as provações.

MENSAGEIRO
A língua nega palavras funestas à dor.

TESEU
Fala abertamente que sorte pesa esta casa abalada.

MENSAGEIRO
Hipólito, ai de mim, pereceu numa morte lamentável!

TESEU
Como pai, sei que meu filho morreu já há muito tempo:
agora morreu o transgressor. Conta as circunstâncias da morte.

MENSAGEIRO
Ao deixar a cidade, fugitivo, em marcha perigosa,
o curso acelerado a passos rápidos,
rapidamente atrela os cavalos ao alto carro
e prende as bocas domadas com freios estreitos.
Então fala muito consigo mesmo e abomina
o solo da pátria, chama muitas vezes o pai
e, violento, sacode o chicote com as rédeas soltas:
subitamente, das profundezas, o vasto mar ressoou fortemente
e cresceu até os astros. Nenhum vento sopra as águas salgadas,
nenhuma parte do céu calmo troveja
e uma tempestade peculiar agita o mar manso.
O Austro não perturba tanto o estreito da Sicília
nem tão furioso se levanta o Mar Jônico
quando reina o vento nordeste Cauro; tremem os rochedos com as ondas
e a branca espuma se lança ao cume do Leucates.
O mar enorme se ergue em vasta muralha
e, inchado por um monstro, o mar alto rui por terra.
Esta tamanha desgraça não se constrói contra os barcos,
ameaça a terra. A onda se lança em curso
não leve: desconheço o que, no seio carregado,
a pesada onda traz. Que terra mostrará aos astros
a sua nova cabeça? Surge uma nova Cíclade?
Ocultaram-se os rochedos do grande deus Epidauro,
e as pedras conhecidas pelos crimes de Escirônides
e a terra que é comprimida por dois mares.
Enquanto, estupefatos, acompanhamos esses acontecimentos, eis que, todo o mar

ruge, por todos os lados ressoam as ondas de recife.
O extremo cume umedece com borrifos de água salgada,
espuma e vomita águas alternadamente
como, pelas profundezas do Oceano, faz-se transportar
a espaçosa baleia, transbordando da boca a onda.
Eriçou-se, agitado, o globo das ondas,
e se dissolveu e arrastou o litoral para um mal
maior do que o temor, o mar rui pelas terras
e persegue o seu monstro. O temor sacode os ossos violentamente.
Que aparência tinha seu vasto corpo!
Um touro sublime, trazendo o pescoço azul
ergueu pela fronte verdejante a alta cabeleira;
ficam eriçadas orelhas ásperas, os olhos mudam a cor,
e como tivessem tanto o chefe de um rebanho selvagem,
e como nascido sob as ondas: os olhos ora vomitam chamas,
ora reluzem notavelmente com um brilho azulado;
a abundante nuca ergue elevados músculos
e as narinas abertas ressoam com grandes engolidas;
verdeja o musgo grudento o peito e a papada,
e o fuco vermelho se espalha por seu longo flanco;
então, por trás, o seu dorso encontra-se em uma forma monstruosa
e a poderosa besta escamosa traz
uma imensa cauda, tal como, no mar extremo
a baleia traga ou despedaça as barcas rápidas.
Tremeram as terras, o gado foge atordoado,
espalhados pelos campos, o pastor não se lembra
de seguir seus novilhos. Todos os animais fogem
da floresta, todos os caçadores, lívidos de medo congelante
horrorizam-se. Só Hipólito, imune ao medo,
contém os cavalos ajustando os freios
e os chama, apavorados, com a familiar voz de encorajar.
Há elevado caminho até Argos, por montes rompidos
tangente à terra vizinha ao mar abaixo.
Aqui se anima o monstro e prepara a sua ira.
Então como ganhou ânimo, passado tempo suficiente,
graças aos prelúdios sua ira, investe, sai voando em um salto rápido
mal tocando a superfície da terra com as patas ligeiras,
e para, feroz, diante dos cavalos estremecidos.
Em oposição, teu filho insurge com semblante feroz,
a expressão não se altera e grita com força:
“não rasga meu ânimo este temor vão,
pois vencer touros é tarefa que me foi herdada do meu pai.”
Imediatamente desobedientes às rédeas,
os cavalos arrastaram o carro e, já encaminhados,
por onde quer que, enraivecidos, o furor apavorado os levou,
por lá vão seguindo pelos rochedos.

Mas ele, como o piloto no mar turbulento,
retém o barco, para que desviasse o flanco oblíquo,
e engana com arte as ondas, não governa diferente
os acelerados cavalos: ora contra as bocas presas
aos freios estreitos, ora as costas castiga
com frequente açoitada. O companheiro o segue incessante
ora perseguida distância igual, ora dando volta para se expor
de frente, por toda parte espalha medo.
Não se podia fugir para longe: de fato, com tamanha fronte
assalta o horrível cornígero do mar.
Então, os cavalos de fato aterrorizados, tamanho era o terror
no espírito,
recusam o controle e tentam soltar-se do jugo,
e, ao empinar-se nas patas traseiras, soltam a carga.
Caindo de cabeça no litoral enroscou o corpo
ao laço tenaz e quanto mais
lutava, mais amarrava-se assim, mais nós surgiam.
Os cavalos pressentem o crime e, com o carro leve
desprovido de condutor, desabam para onde o temor mandar.
Tal como pelos ares, não reconhecendo sua carga
e indignados com o dia entregue ao falso Sol,
os cavalos de Faetonte desviaram-se do Polo.
Cobre de sangue extensamente o solo, e a cabeça despedaçada
saltita nos rochedos; o arbusto lhe toma a cabeleira
e a dura pedra lhe devasta o rosto e
perece a beleza infeliz, por muitas feridas.
As rodas céleres rolam seus membros moribundos.
E, por fim, sendo arrastado, um tronco consumido pelo fogo em
uma estaca
detém-no introduzindo o cepo na virilha.
Por um momento o carro permanece imóvel, com o condutor.
A ferida fixa à parelha de cavalos e, de uma vez,
ultrapassa condutor e obstáculo. Daí, os arbustos
abrem o semimorto, as moitas ásperas de pontudas amoreiras
e todos os troncos carregando do corpo uma parte.
Erram pelos campos bando fúnebre de escravos,
pelos lugares em que Hipólito foi destroçado,
sinais sangrentos assinalam uma longa estrada
e cadelas tristes investigam os membros do senhor.
O zeloso trabalho dos lamentosos ainda não pode
completar o corpo: é esta a graça da beleza?
Aquele que há pouco foi companheiro do império paterno
e seu herdeiro certo, que brilhou como uma estrela,
espalhado por toda parte é recolhido para a pira funerária
e levado para o funeral.

TESEU
Ó natureza demasiado poderosa
com tal vínculo de sangue retém os pais!
Como te cultivamos, também a contra gosto!
Quis matar o criminoso, choro o abandonado.

MENSAGEIRO
Não se chora honestamente aquilo que desejou.

TESEU
Penso que, dos males, esse é certamente o máximo:
o acaso obrigar a desejar o que se abomina.

MENSAGEIRO
E se guarda ódio, por que o pranto banha as tuas
faces?

TESEU
Chorei não porque tirei a vida dele, mas porque renunciei
a ele.

Coro IV (1123-1155)

CORO
Quantos acasos, ai, grandes reviravoltas!
Entre os pequenos a Fortuna menor se enfurece
e mais levemente o deus fere os mais fracos;
a tranquilidade e obscurantismo lhes mantêm calmos
e a casa lhes proporciona uma velhice segura.
Os cumes próximos das moradas etéreas
sustentam os Euros, sustentam os Notos,
as ameaças do insano Bóreas,
e o chuvoso Cauro.
Raros golpes dos raios
suporta o úmido vale:
treme com o dardo do altíssono Júpiter
o gigantesco Cáucaso e o bosque frígio
da mãe Cibele: temeroso pelo céu,
Júpiter ataca quem se aproxima do alto;
não recebe nunca grandes tremores
a casa plebeia de teto baixo.
Ao redor do reino troveja,
voa com asas incertas a movediça hora
a ninguém empresta a sua boa-fé,
a Fortuna veloz. Esse que viu de novo
as estrelas do brilhante céu
e o nítido dia, a morte deixada para trás,
lamenta, triste, a volta sombria

e percebe como mais chorosa do que o próprio Averno
a hospitalidade da morada paterna.
Palas Atena, deusa venerável do povo ático,
por que o teu Teseu observa o céu e os vivos
e abandona os pântanos do Estige?
Casta, nada deves ao teu ávido tio:
para o Tirano do Inferno,
o número de almas é mantido.
Que voz chorosa soa de dentro do alto palácio
e o que prepara a louca Fedra, com a espada em punho?

Cena XIII (1156-1280)

TESEU

Que furor te abala, estimulada pela dor?
Que espada é esta? Que querem estes gritos
e lamento sobre o corpo odioso?

FEDRA

A mim invade, cruel senhor do profundo mar
e solta em mim os monstros do mar azul
o que quer que, no íntimo do seio,
a distante Tétis gere e o que quer que, no abraço de vagas agitadas,
o oceano protege com suas longínquas ondas.
Ó Teseu, sempre duro, ó o que nunca retorna para os seus
em segurança: filho e genitor com a morte
pagaram os teus retornos: pervertes a casa,
por amor ou por ódio, sempre nocivo às esposas.
Hipólito, tal é o teu rosto?
E tal foi o que fiz? Que Sínis cruel
ou que Procusto te espalhou os membros, ou que touro cretense
com fortes mugidos preenchendo o labirinto de Dédalo,
touro biforme feroz, de feição cornífera,
te dilacerou? Ai de mim, para onde fugiu tua beleza
e os teus olhos, nossas estrelas? Jazes sem vida?
Sê presente, por um tempo, e escute minhas palavras
nada torpe falamos: com esta mão, a ti me liberto
e meto a espada neste peito nefasto,
e que Fedra se liberte igualmente da vida e do crime
e seguir-te-ei, insana, por ondas e pelos lagos do Tártaro,
pelo Estige e pelos rios de fogo.
Aplaquemos as almas dos mortos: da minha cabeça
recebe os despojos e aceita a mecha de cabelo que corto da fronte
dilacerada.
Não foi possível unir as vidas, mas é possível, certamente,
unirem-se os destinos. Se casta és, morre pelo marido,

se incestuosa, pelo amor. Procurarei o leito conjugal,
maculado por tamanho crime? Esta atrocidade lhe faltava,
para que se gozasse desse leito nupcial como santa.
Ó morte, consolação única do amor maléfico,
ó morte, máxima dignidade do pudor machucado,
a ti recorremos: abre o teu seio apaziguado.
Ouvi Atenas, e tu, um pai pior
do que a madrasta funesta: relatei coisas falsas e, mentindo, o crime
que eu mesma transpassei o peito insano
representei. Puniste em vão, pai,
e o jovem casto, por crime incestuoso, jaz.
Pudico, inocente: recupera já as tuas leis.
Meu peito manchado está à disposição da ponta da justa espada
e o meu sangue isenta o sacrifício aos manes de um homem íntegro.

TESEU

O que fazer, pai, que tenhas o filho tomado à força,
aprende com a madrasta: encerra-te nas zonas do Aqueronte.
Garganta do pálido Averno e vós, grutas do Tênaro,
ondas do Lete, gratas aos miseráveis, e vós, lagos entorpecidos,
arrebatai o ímpio e mergulhai-o em males eternos.
Agora vinde, monstros furiosos, do Ponto, agora, mar vasto
e o que quer que Proteu esconda no remoto seio das águas
e a mim, que regozijei por tamanho crime, arrastai para o profundo
turbilhão d'água
e tu, pai, sempre apoiador favorável de minha ira.
Não sou digno de morte fácil, eu que com uma nova natureza de
morte
espalhei o filho dispersado pelos campos, enquanto ao falso criminoso
persegui até a morte como vingador severo, com meus crimes
completei céus.
Constelações e manes e oceanos completei com meu crime:
nada além restou da ampla sorte: os três reinos me conhecem.
Regressamos para isso? Abriu-se um caminho em direção ao céu
para que eu visse dois funerais e a morte gêmea,
solteiro e destituído, com uma única tocha
que cremo piras funerárias da prole e do leito nupcial?
Alcides, doador da luz negra, devolve a Dite
o favor conseguido, me restitui
aos manes. Ímpio, invoco a morte relegada
em vão, sangrento e artífice da morte,
tu que produzes mortes brutais, insólitas,
agora impõe a ti mesmo os justos suplícios.
Deve um pinheiro com o cume forçado ao chão
ao céu me retornar, partindo-me em duas vigas,
ou eu devo ser lançado de ponta cabeça nos rochedos de Cirão?

Vi muito pior que Flegetonte impõe, enclausurados
os culpados a sofrer, envolvendo-os em círculo de fogo.
Sei qual pena e que lugar me estão realmente reservados:
sombras culpadas, cedei lugar e que neste pescoço,
nele o rochedo posto carregue as mãos
fatigadas, trabalho perene do senil filho de Éolo.
Que a água que me banha os lábios me ridicularize,
que o abutre selvagem, ao largar Tício, voe rápido até mim,
e meu fígado sempre cresça como pena
e tu, pai do meu Piríto, repousa:
que conduza os membros pelos turbilhões excitados
a roda que em nenhum lugar resiste rolar em círculos.
Abre-te terra, recebe-me caos cruel,
recebe-me. Esta é, para nós, a via mais justa até às sombras.
Sigo meu filho. Não temas, tu que reges os manes:
viemos castos; recebe-me na casa eterna
não hei de sair. Não comovem os deuses as preces,
mas se rogasse por crimes, quão propensos seriam!

CORO

Teseu, um tempo eterno está reservado às suas queixas.
Agora, cumpra o que é digno ao teu filho e oculta o mais rapidamente possível
os membros horrivelmente dispersos pelo feroz esquartejamento.

TESEU

Para cá, para cá trazei os restos queridos do corpo
e dai-me a matéria e as articulações ajuntadas às cegas.
Hipólito é isto? Reconheço meu crime:
eu te matei. E para que não fizesse tanto mal uma vez só
e sozinho eu convoquei o pai, a fim de que, o pai
ousasse o mal feito. Eis o presente paterno de que usufruo,
Ó perda, triste infortúnio de anos enfraquecidos!
Abraças as articulações e o que mais é do teu filho,
miserável, descansando no peito melancólico.

CORO

Pai, os membros dispersos deste corpo dilacerado
dispõe em ordem e as partes espalhadas
restitui ao seu lugar: aqui o lugar da forte mão destra,
aqui a esquerda, instruída em moderar as rédeas,
há de ser posta: reconheço sinais do lado esquerdo.
Que imensa parte nos está ainda tão longe das lágrimas!
Endurecei, mãos trépidas, pela tarefa lúgubre
e o choro abundante reprimis,
enquanto o pai enumera os membros de seu filho
e lhe molda o corpo.

TESEU
Que é isto sem forma e horrendo,
rompido pelas muitas feridas por toda parte?
Duvido que sejam partes tuas, mas é parte tua:
restaura aqui, aqui, não no seu, mas num lugar vazio.
Esta é aquela conhecida face brilhante com o fogo dos astros,
apaziguadora de olhares inimigos? A isto a beleza se reduziu?
Ó destino sinistro, ó selvagem favor divino,
é assim que o filho retorna ao pai por suas preces?
Eis, daqui toma a última graça do seu genitor,
tu, muitas vezes trazido, nesse meio tempo, que as chamas
carreguem estas partes.
Escancarai o palácio maculado por cruel assassinato:
que ressoem claros lamentos por toda Atenas.
Vós, preparai as chamas da pira funerária real;
quanto a vós, procurai pelos campos outras
partes do corpo. Já esta, que a terra lhe oprima
enterrada, e que pese grave sobre a sacrílega cabeça.

TIESTES

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de José Eduardo S. Lohner

ARGUMENTO

Atreu, rei de Argos, prepara uma vingança contra o irmão Tiestes, antigo rival no poder e sedutor de sua esposa. Sob o pretexto de reconciliação, chama-o do exílio, assassina seus filhos e serve-lhes a carne num banquete. Somente depois da refeição revela o crime. Tiestes invoca os deuses e amaldiçoa o irmão, enquanto a casa dos Pelópidas afunda ainda mais no ciclo de violência.

PERSONAGENS

ESPECTRO DE TÂNTALO
FÚRIA
ATREU
CONSELHEIRO
TIESTES
TÂNTALO, FILHO DE TIESTES
PLÍSTENES E UM TERCEIRO FILHO DE TIESTES (PERSONAGENS MUDAS)
MENSAGEIRO
CORO DE CIDADÃOS ARGIVOS
SERVOS DE ATREU

(A ação se passa na cidade de Argos, no palácio dos Pelópidas.)

ATO I

ESPECTRO DE TÂNTALO

Quem da infausta mansão dos ínferos me arrasta,
eu que, com lábios ávidos, persigo frutos
que fogem? Quem a Tântalo ostenta outra vez
a morada dos deuses? Algo pior me impingem
que a sede ardente à beira d'água, e pior que a fome
de boca sempre aberta? De Sísifo a pedra
lisa me vem para levá-la nos meus ombros,
ou a roda de giro veloz, quebra-membros,
ou a pena de Tício, cuja enorme chaga
nutre de vísceras roídas negras aves,
e à noite reavendo o que perdeu de dia
farto repasto serve aos monstros que retornam?
Transferem-me a que males? Ó quem quer que aos mortos
novos suplícios, duro árbitro das sombras,
disponha, se é possível somar a tais penas
algo que aterre o guardião do diro cárcere
e ao tristonho Aqueronte espante e, por temê-lo,
tremamos até nós, procura-o! Já de nossa
estirpe surge um ramo p'ra exceder a raça
e fazer-me inocente ousando o nunca ousado.
Local vago que houver na ímpia região
ocuparei. Reinando os Pelópidas, nunca
Minos terá repouso.

FÚRIA

Avante, detestável
espectro, e atiça a fúria em teus ímpios penates.
Dispute-se no crime e, no alternar das chances,
saque-se a espada. Nem limite tenham as iras
nem pejo. Instigue as mentes um cego furor,

dure o ódio paterno e longo desatino
perpasse as gerações. Ninguém um crime antigo
possa execrar: seja engendrado sempre um novo;
não um por outro, e sim, a punição de um crime
o supere. Soberbos irmãos percam o reino
e fujam e o retomem. Entre incertos monarcas
balance a dúbia sorte de violenta corte:
de rei passe a mendigo e de mendigo, a rei
e, num contínuo fluxo, o acaso afunde o reino.
Por crime expulsos, se os trouxer à pátria um deus,
que recaiam no crime, a todos tão odiosos
quanto a si. Nada tenha a ira por proibido.
O irmão aterrorize o irmão e o pai ao filho
e o filho ao pai; morte ruim os filhos tenham,
porém, pior nascença. Ameace seu marido
a esposa odienta. Guerras avancem além-mar,
o sangue escoado banhe todos os lugares,
por sobre magnos chefes de nações exulte
Libido vitoriosa. Em ímpia corte, a fraude
seja das faltas a mais leve, e tenham fim
lei, lealdade e direito. Nem o céu esteja
imune a vossos males. Por que brilham os astros
e os luzeiros mantêm no mundo o justo adorno?
Seja alta noite e afaste-se do céu o dia.
Teus penates incita e ódios, sangue, carnagens
conclama e farta de Tântalo inteiro o paço.
Orne-se a alta cumeeira e alegre louro
verdeje nos portais. Rebrilhem chamas dignas
de tua chegada. O crime trácio se renove
em maior número. O que a mão do tio aguarda?
- ainda não, não chora Tiestes seus filhos.
E quando irá erguê-la? Sobre vivas chamas
os bronzes espumejem, em postas venham os membros
talhados e seu sangue polua o larário.
Prepare-se o festim. Serás conviva não
de um crime que te é novo. Tens um dia livre,
soltamos tua fome diante dessa mesa.
Sacia os teus jejuns! Sangue mesclado a Baco
sob teu olhar será bebido. Urdi uma ceia
de que tu fugirias. Para, aonde te abalas?

ESPECTRO DE TÂNTALO

Volto aos lagos e rios e águas arredias
e a uma árvore farta que foge a meus lábios.
Possa eu ir para o fosso escuro de meu cárcere;
que eu possa, se pareço pouco miserável,
mudar de margens: que me deixem no teu leito,
Flegetonte, cercado por teus fluxos ígneos.
Quem quer que sofra as penas dadas pela lei

dos fados, quem num antro carcomido jaz
apavorado e teme que despenhe a massa
de um rochedo pendente, quem, agrilhoado,
as feras fauces de leões e a tropa horrenda
das Fúrias terrificam, quem repele o ataque
dos fachos, chamuscado, escuta a voz de Tântalo
que me apresso até vós: crede em minha experiência,
amai vosso penar. Quando é que poderei
fugir dos súperos?

FÚRIA

Conturba antes a corte
e traz contigo as lutas e o amor ao ferro,
maligno aos reis. Excita com tumulto insano
um peito fero.

ESPECTRO DE TÂNTALO

A mim cabe sofrer castigos,
e não ser um castigo. Qual vapor daninho,
enviam-me por vão da terra ou, pelos povos,
peste a espalhar grave infecção? A um ato infando
induzirei meus netos? Magno pai dos deuses,
e nosso, em que lhe peje, inda que dura pena
sofra e seja esta língua loquaz supliciada,
não calarei! Advirto: não mancheis as mãos
com sacrílega morte ou, com furial mazela,
não nodoeis os altares. Reagirei alerta.
Por que feroz aterras meu rosto e o fustigas
com minazes serpentes? Por que a fome aguças
cravada fundo na medula? Arde de sede
meu peito em chamas que consomem até as entranhas.
Sigo-te!

FÚRIA

Isso, reparte esse furor por toda a casa.
Assim, que sejam assim tomados; mútua ira
sede lhes dê do sangue seu. Sentiu-te entrar
o palácio e tremeu ao contato nefando.
Foi já o bastante! Marcha às grutas infernais
e ao noto rio. Aflita já sob os teus pés
vexa-se a terra. Vês como a água da fonte
se introverte e falece, como secam as margens
e o vento ardente como arrasta nuvens raras?
Perdem a cor as árvores e, sem os frutos
que fogem, resta nu o ramo. E até o Istmo,
estreita terra que separa costas próximas -
fervem-lhe as águas de ambos os lados -, mais largo,
ao longe agora ele ouve um remoto fragor.
Já refluiu o Lerna e já do Foroneu
os veios se esconderam, nem o sacro Alfeu

mostra suas águas, nem do Citerão as serras
estão em parte alguma encobertas de neve
e Argos famosa teme a sede primitiva.
Eis Titã, sem saber se, ao dia que falece,
manda que siga e se o compele com as rédeas.

CORO

Se algum dentre os deuses ama Argos, na Acaia,
e a vila de Pisa, de célebres carros,
se algum ama o reino do istmo coríntio
e os seus duplos portos e o mar dividido,
se há um que ama as neves vistosas do Táigeto,
que o Bóreas sarmático, de sopro frio,
fez acumular na cumeada dos montes
e o estio as desfez com o velífero Etésio,
algum que é aspergido com as águas geladas
do Alfeu, rio que as pistas olímpias afamam,
teu nume nos seja propício e não deixe
que voltem a ter vez alternadas matanças,
nem neto pior que o avô lhe suceda,
nem culpas antigas deleitem os mais novos.
Sem forças enfim, largue os feros impulsos
a prole sem dó de Tântalo sedento.
Já chega de crimes. O bem não valeu,
nem mútuas maldades. Mírtilo traiu
seu amo e foi morto à traição, arrastado
por mesma perfídia que a sua; seu nome
ao mar deu renome. Não há outra história
que mais se conheça nos barcos do Jônio.
Colhido por gládio impiedoso, o menino,
que vinha correndo até o pai para os beijos,
qual hóstia imatura, tombou ante o altar.
Talhaste-o, ó Tântalo, com tua destra,
p'ra à mesa ofertá-lo aos divinos convivas.
Persegue essa ceia a dor de eterna fome
e de eterna sede, nem pôde uma pena
mais certa ser dada a tão fero banquete.
Sem forças eis Tântalo, a boca vazia,
tem sobre a culposa cabeça profuso
manjar que lhe escapa mais presto que harpias.
Em torno a deitar os seus ramos frondosos,
curvada e oscilante com o peso dos frutos,
uma árvore brinca em seus lábios abertos.
Voraz e impaciente, porém, tão amiúde
frustrado, descuida de tentar tocá-los
e os olhos desvia e os lábios comprime,
nos dentes cerrados a fome enclausura.
Então todo o bosque lhe chega mais perto
as suas riquezas e os pomos em cima

balançam-se tenros sob lânguidas folhas
e acendem-lhe a fome, que ordena um inútil
trabalho das mãos. E depois que as estende,
que acede no logro, vão todos aos ares
os dons desse outono e a ramagem flexível.
Já a sede o aflige não menos que a fome.
Depois que ela aquece o seu sangue e com fachos
em chamas o ferve, o coitado persegue
o fluxo das águas, que foge a seus lábios,
reverte e definha num vau extenuado
e o deixa tentando segui-lo. Ele engole
a areia do fundo da ardente voragem.

ATO II

ATREU

Incapaz, indolente, imbele! E o que é a afronta
máxima, creio, a um soberano onipotente:
não vingar-se! Ante tantos crimes e perfídias,
e profanadas leis, com queixas vãs reages,
iroso Atreu? As armas tuas já deviam
atroar pelo orbe inteiro e frotas agitar
os dois mares vizinhos, campos e cidades
tinham de arder em chamas, nua, faiscar
a espada em toda parte. Argos inteira troe
sob nossos cavaleiros. Nem matas abriguem
o inimigo, nem fortes erguidos no alto
dos montes. Fora de Micenas todo o povo
solte um brado guerreiro. De morte sangrenta
morra quem tão odioso ser guarde e proteja.
Que esta potente casa de Pélope ilustre
desabe em mim, tanto que esmague meu irmão.
Eia, minh'alma, faz o que reprovem os pósteros,
mas não possam calar. Ousa um ato nefando,
atroz, cruento, tal que meu irmão quisesse
que fosse um ato seu: de crimes não te vingas
sem excedê-los. E o que tão feroz existe
que supere tal homem? Rebaixa-se humilde?
Suporta comedir-se na boa ventura?
Na aflição, retirar-se? Eu conheço seu gênio
indócil: não se curva, mas pode quebrar-se.
Pois antes que se firme ou que forças apreste,
seja atacado; não me ataque desatento.
Ou mata ou morre: posto entre nós dois, o crime
é de quem se antecipe.

CONSELHEIRO

A má fama entre o povo
não te assusta?

ATREU
De um reino é este o bem maior:
os atos do senhor o povo ser forçado
tanto a sofrer quanto a louvar.

CONSELHEIRO
A quem o medo
força a louvar, o medo o torna um inimigo.
Quem busca a glória de um afeto verdadeiro
louvor sincero há de querer, mais que palavras.

ATREU
Louvor sincero cabe mais ao homem humilde,
só o falso ao tirano. Queiram o que não querem.

CONSELHEIRO
Queira o rei vida honrosa e todos vão querê-la.

ATREU
Onde só vida honrosa cabe ao soberano,
é precário o reinado.

CONSELHEIRO
Onde não há pudor,
respeito à lei, decoro, afeto, lealdade,
tudo é instável.

ATREU
Decoro, afeto, lealdade
são bens do homem comum; reis façam o que bem queiram.

CONSELHEIRO
Vê: lesar um irmão, mesmo perverso, é grave.

ATREU
Contra um irmão como ele um ato grave é lícito.
O que livre de crime ele deixou ou quando
de escândalo se absteve? Por traição, a esposa,
por furto obteve o reino; a antiga insígnia régia
ganhou por fraude e conturbou este palácio.
Há nos currais de Pélope famosa rês,
líder de farto aprisco, anho misterioso,
do corpo todo o velo pende a derramar
ouro, do dorso extraem-lhe cetros dourados
os novos reis Tantálidas; seu detentor
é quem reina e a fortuna de tão magna casa
o segue. Pasta esse sagrado ser em prados
seguros e apartados, que uma laje obstrui,
fatal pastio protegido em pétreo muro.
Essa rês, quanta audácia, ele toma, captando
minha consorte, pérfido, para seu crime.
Daí brotou todo esse mal, mútuos flagelos.

Trêmulo, errei no exílio a percorrer meus reinos,
ninguém de nossa raça a salvo está de insídias.
Incasta a esposa, aluiu-se a fé no meu poder,
a corte adoeceu, meu sangue é dúbio. É certo
só meu irmão hostil. Que esperas? Vai, começa!
Toma ânimo! Em Tântalo e Pélope atenta;
por tais exemplos minhas mãos são instigadas.
Fala-me como vitimar alguém tão vil.

CONSELHEIRO
Varado pelo ferro, exale a alma hostil.

ATREU
Falas do fim da pena, eu quero a própria pena.
Leniente é o tirano que mata; em meu reino
a morte é uma conquista.

CONSELHEIRO
Não te toca o afeto?

ATREU
Afeto, vai-te embora, se é que já estiveste
nesta casa. Das Fúrias a brutal coorte
venha, e Erínis insurgente e as gêmeas tochas
brandidas por Megera. Não arde em meu peito
fúria aguda o bastante, apraz-me que o replete
de um monstro ainda maior.

CONSELHEIRO
O que trama teu ódio?

ATREU
Nada que caiba no limite usual da dor.
Ato nenhum omitirei, nenhum me basta.

CONSELHEIRO
O ferro?

ATREU
É pouco.

CONSELHEIRO
Então o fogo?

ATREU
Ainda é pouco.

CONSELHEIRO
Mas que arma uma tão grande fúria empregará?

ATREU
Tiestes, ele próprio.

CONSELHEIRO
Um mal maior que a ira!

ATREU
Admito. Turba-me o peito em transe um tumulto
e revolve-me fundo; onde me arrasta ignoro,
mas me arrasta. Um mugido vem das profundezas,
troveja o dia claro e, como se ruísse,
da casa o teto inteiro estrala e os Lares, pasmos,
voltam seu rosto - cumpra-se esse nefas, cumpra-se,
deuses, o que temeis!

CONSELHEIRO
Que feito então preparas?

ATREU
Algo maior, além do usual e muito acima
dos limites humanos faz minh'alma inchar
e insta minhas lentas mãos - não sei o que é,
mas que é grandioso. Seja! Minh'alma, antecipa-te,
é um feito digno de Tiestes e de Atreu!
Ambos o façam. Mesas viu a corte trácia
nefandas - reconheço, é um crime escomunal,
mas já explorado; que meu ódio algo maior
invente. Inspira-me, daulíade matrona,
também tua irmã - é símil nossa causa -, assiste-me
e impele minhas mãos! O pai, voraz, lacere
os filhos, deliciado, e devore seus membros.
Bravo! É o bastante! Apraz-me esse grau da vingança
por ora. Onde ele está? Por que tão longo tempo
Atreu vive inocente? A imagem da chacina
ante meus olhos paira: os restos de uma prole
dada aos beiços do pai. Minh'alma, por que temes
e ante o fato sucumbes? Há que ousar, avante!
A parte extrema de impiedade neste crime
ele próprio a fará.

CONSELHEIRO
Preso por quais ardis
será atraído a pôr os pés em nossos laços?
De tudo desconfia.

ATREU
Presa não seria,
não fosse apresador. Já meu reino ele espera.
Nessa esperança, há de aturar grossas voragens
e penetrar nas inconfiáveis Sirtes líbicas,
nessa esperança, a Jove e ao raio há de se opor,
nessa esperança - o que ele crê um mal maior -
irá rever o irmão.

CONSELHEIRO
A paz quem lhe afiança?
Crerá tanto em alguém?

ATREU
A cupidez é crédula.
Porém, meus filhos levarão ao tio meus rogos
que deixe seus refúgios de exilado e troque
pelo reino as agruras, em Argos reinando,
parceiro no poder. Se, contumaz, tais súplicas
Tiestes rejeitar, os filhos dele, rudes
e exauridos por graves males, presas fáceis,
elas vão comover. A fúria por reinar
e ainda a triste privação e a dura faina
vão dobrá-lo, enrijado que esteja na dor.

CONSELHEIRO
O tempo aliviou-lhe já seus infortúnios.

ATREU
Erras; dos males só aumenta a consciência.
Leve é sofrer desgraças; duro é viver nelas.

CONSELHEIRO
Escolhe outros agentes de teu triste plano.

ATREU
Os jovens facilmente atendem maus conselhos.

CONSELHEIRO
Farão no pai o que no tio mandas fazer;
sói recair sobre o mandante os próprios crimes.

ATREU
Mesmo que não se ensine a fraude nem o crime,
o reino ensinará. Que fiquem maus tu temes?
Nascem assim. Isso que chamas fero e bárbaro
e crês uma ação dura e plena de impiedade,
talvez por lá também se faça.

CONSELHEIRO
Dessa fraude
teus filhos saberão?

ATREU
Não há fiel silêncio
em anos tão em flor. Talvez desvelem o dolo.
Só sabe silenciar quem já viveu mil males.

CONSELHEIRO
E aqueles com que pensas enganar um outro,
hás de enganá-los?

ATREU
P’ra anular seu crime e culpa.
Mas por que devo unir meus filhos a esse crime
que é meu? Por mim desencadeiem-se meus ódios.
Cedes, minh’alma, e ages mal. Poupando os teus,
também os dele pouparás. De meu projeto
seja Agamêmnon cônscio executor, e cônscio,
me assista Menelau. De minha incerta prole
seja esse crime a prova; se o combate abnegam,
nem querem nutrir ódio, se lhe chamam tio,
é ele o pai. Avante! Mas a face trêmula
costuma tudo revelar; os grandes planos
delatam até quem se previne. A magnitude
ignorem dessa ação. Tu, nosso intento oculta.

CONSELHEIRO
Não carece advertir-me; a lealdade e o medo
mantêm isso em meu peito, mais a lealdade.

CORO
Enfim esta nobre realeza,
estirpe de Ínaco antigo,
conteve entre irmãos as ameaças.
Em vós, que furor vos instiga
a mútuo derrame de sangue
e à busca do cetro com crimes?
Na ânsia do trono, ignorais
onde é que reside a realeza.
Riquezas não fazem um rei,
nem vestes de tírio carmim,
nem régio diadema na fronte,
nem tetos luzentes de ouro.
É rei quem depôs os seus medos
e os males de um peito feroz,
é quem a incontida ambição
e o sempre inconstante favor
do vulgo insensato não move,
nem toda extração do Ocidente,
nem o ouro que as águas do Tejo
carreiam em seu leito brilhante,
nem tudo o que as eiras ferventes
debulham das safras da Líbia,
é a quem não atinge o cadente
traçado de um raio enviesado,
nem o Euro que os mares encrespa
ou vagas inchadas de fúria
que os ventos do Adriático arrastam,
é quem nem com lança ou com aço
em riste o soldado rendeu,

quem, posto em abrigo seguro,
sob si tem de tudo a visão
e acede, contente, a seu próprio
destino, sem queixa da morte.
Coliguem-se reis contra ele
que acirram os daas errantes,
que praias de púrpuras águas
e o mar, por rubis rutilantes
tingido, amplamente dominam,
ou abrem aos belígeros sármatas
os desfiladeiros do Cáucaso;
com ele se enfrente quem ousa
marchar sobre os vaus do Danúbio
e - seja onde for que ele viva -
o sere, excelente na seda;
realeza há na mente sadia.
De nada lhe servem cavalos,
de nada armamentos e setas,
que a esmo arremessa à distância
o parta fingindo fugir,
não servem de nada artefatos
de guerra que arrasam cidades
lançando-lhes pedras de longe;
[é rei quem de nada tem medo,
é rei quem desejos não tem;]
P'ra si cada um dá esse reino.
Quem queira, se instale, potente,
no instável fastígio da corte;
saciado eu por doce repouso,
na paz de um obscuro local,
desfrute a brandura do ócio;
nenhum dos Quirites perceba
a vida fluir-me em silêncio.
Assim, ao findarem meus dias,
vividos sem estrépito algum,
que eu morra qual velho plebeu.
Pesada é a morte daquele
que, embora o conheçam bem todos,
de si morre desconhecido.

ATO III

TIESTES (À PARTE)

O pátrio lar ansiado e de Argos a opulência,
máximo e soberano bem para exilados,
a terra em que nasci e os deuses de meus pais,
se é que deuses existem, revejo e as sagradas
torres ciclópeas, obra acima da arte humana,
pistas repletas de rapazes, onde, insigne,

no carro de meu pai não só uma palma obtive.
A mim Argos virá, virá em multidão -
mas sim, também Atreu… Foge antes para as matas
e densos bosques, p'ra uma vida em meio a feras
e que lhes assemelhe. Os olhos teus não há
por que se alumbrem com o fulgor falso do reino.
Valora a doação avaliando quem doa.
Há pouco, em meio a lances tidos como árduos,
forte eu fui e risonho; mas no medo agora
me debato. Minha alma hesita e quer fazer
recuar meu corpo; movo um passo resistente.

TÂNTALO (À PARTE)
O que há? Meu pai está aturdido e avança lento
e volta o rosto e se mantém irresoluto.

TIESTES (À PARTE)
Por que hesitas, minh'alma, e a decisão questionas
que antes era tão fácil? Crês no mais incerto,
no reino e em teu irmão, e tens medo de males
vencidos e amansados, foges de infortúnios
que foram bem rentáveis? Apraz-me a miséria.
Recua o passo, enquanto podes, e preserva-te.

TÂNTALO
O que te faz, meu pai, arredar-te da pátria
depois de vê-la? Por que a dons tamanhos fechas
teu manto? Teu irmão ressurge, extinta a ira,
e a ti repõe parte do reino e junta os membros
da casa lacerada e restitui-te a ti.

TIESTES
A causa exiges do temor e eu mesmo a ignoro;
não vejo nada que temer, no entanto, temo.
Quero ir, mas, lentos os joelhos, falha o corpo
e sou trazido a um lado oposto ao meu esforço.
Assim a nau, por remo e velas compelida,
as vagas, que resistem ao remo e à vela, arrastam.

TÂNTALO
Derrota tudo o que obsta e impede tua mente
e vê os prêmios que te aguardam em teu regresso.
Pai, tu podes reinar.

TIESTES
Pois que posso morrer.

TÂNTALO
Bem supremo é o poder.

TIESTES
Não se nada cobiças.

TÂNTALO
Aos filhos vais deixá-lo.

TIESTES
A dois não cabe um reino.

TÂNTALO
Triste prefere ser quem pode ser feliz?

TIESTES
Crê-me, a grandeza agrada por seu falso aspecto,
é vão temer as privações. Quando eu reinava,
nunca o pavor deixei e o medo até do ferro
que trazia a meu lado. Ó que tamanho bem
não se opor a ninguém, ter repastos seguros
deitado ao chão. Não entram crimes em casebres
e em segurança ergue-se um copo em mesa rude;
em ouro bebe-se veneno - isto aprendi.
Querer em vez da boa a má fortuna é lícito.
Não se vê minha casa no topo de um monte,
impondo ameaça e medo a uma cidade humilde,
nem lustroso marfim brilha em seus altos tetos,
sentinelas não dão proteção a meu sono;
não pesco com uma frota ou afugento o mar
lançando-lhe calhaus, nem manjares exóticos
dou a meu ventre insaciável; não demarcam
terras minhas além dos getas e dos partas;
incenso não me ofertam, ou, preterido Jove,
exaltam meus altares, nem sobre meu teto
um bosque se embalança, nem tanques vaporam -
labor de muitas mãos -, não voto o dia ao sono
e a noite a Baco, para ser passada em claro.
Temor, porém, não causo: um lar seguro e inerme
e parcos bens grande quietude me garantem.
Saber viver sem reino, este é o maior dos reinos.

TÂNTALO
Nem cabe recusar, se um deus nos dá poder,
nem almejá-lo. Teu irmão roga que reines.

TIESTES
Roga? Devo temer; ronda aqui um ardil.

TÂNTALO
Costuma o afeto retornar onde o baniram
e um justo amor repara as forças que perdeu.

TIESTES
O meu irmão, amar Tiestes? Antes Arctos
celeste há de no mar banhar-se e as águas ávidas
da sícula voragem hão de estagnar-se e messe

madura erguer-se no mar Jônio e negra noite
há de clarear a terra; antes o fogo e as águas,
a morte e a vida, o vento e o mar hão de se unir
em fiel aliança.

TÂNTALO
Mas que fraude temes?

TIESTES
Todas. Como hei de impôr limite ao meu temor?
Tal seu poder, tal o ódio.

TÂNTALO
O que pode fazer-te?

TIESTES
Já não temo por mim; sois vós o que me faz
temer Atreu.

TÂNTALO
Temes traição se és cauteloso?

TIESTES
É tarde acautelar-se estando em meio aos males.
Adiante. Como pai, porém, só isto atesto:
sigo, não vos conduzo.

TÂNTALO
Um deus há de guardar
as boas decisões. Avança a passo firme.

ATREU
[À parte] É pega a fera em nossas redes bem armadas.
Tanto ele, quanto a prole de odiosa origem,
ladeando o pai, revejo. Já em seguro abrigo
moram meus ódios. Vem por fim a nossas mãos
Tiestes, e o melhor é que vem todo ele.
Mal me contenho, mal meu rancor se refreia.
Assim, o cão da Úmbria, no rastro de feras,
atado a longa guia, apura o faro e trilhas
perscruta, enquanto sente longe o lento odor
do javali. Calado obedece e percorre
o local; quando a presa lhe fica mais perto,
retesa todo e empuxa e com um gemido chama
o dono que demora e lhe retém o arrojo.
Se espera sangue, a ira não sabe ocultar-se;
mas que se oculte. Observa como, desgrenhado
e sujo, seu cabelo esconde um rosto aflito,
quão feia escorre a barba. Mostremos-lhe apreço.
[Para Tiestes] Que alegria revê-lo, irmão. Dá-me os abraços
por que tanto esperei. A ira que tivemos
esteja extinta. Ao sangue e afeto então prestemos

culto, e no esquecimento os nossos ódios caiam.

TIESTES

Eu tudo explicaria, não fosses qual és.
Mas eu confesso, Atreu, confesso, assumo tudo
que me imputaste. Mais agrava minha causa
teu afeto de agora. É, de certo, culpado [515]
quem a tão bom irmão pareceu ser culpado.
Apelo às lágrimas. Só tu me viste em súplica,
imploram-te estas mãos que outros pés não tocaram;
deixemos toda ira e na alma seja extinto
o orgulho. Meu irmão, a esses inocentes, [520]
penhor da boa-fé, recebe.

ATREU

Afasta a mão
de meus joelhos e antes pede-me os abraços.
Também vós, da velhice o jovem amparo, todos,
vinde aos meus ombros. Despe esses pobres andrajos,
poupa-me os olhos e recebe vestimentas [525]
iguais às minhas; toma feliz tua parte
em nosso reino. Este é meu feito mais glorioso:
meu irmão reaver, ileso, o pátrio emblema.
Ter um reino é fortuito, é uma virtude dá-lo.

TIESTES

Os deuses, meu irmão, te paguem por tão grandes [530]
méritos. Esta régia insígnia, nossa inópia
a recusa e esta mão infausta até do cetro
foge. Seja-me lícito viver oculto
em meio à turba.

ATREU

Este reinado admite dois.

TIESTES

É meu, segundo creio, irmão, tudo que é teu. [535]

ATREU

Quem os dons que a fortuna oferece renega?

TIESTES

Quem tenha já provado quão fácil se escoam.

ATREU

Vetas a teu irmão que alcance imensa glória?

TIESTES

A glória tua já é plena; resta a minha.
Meu firme intento é rejeitar a realeza. [540]

ATREU

Da minha abdico se não tomas tua parte.

TIESTES
Aceito-a. Tomo o título que a mim é imposto,
mas servirão a ti, comigo, as leis e as armas.

ATREU
Porta na fronte veneranda esta coroa;
aos súperos darei as destinadas vítimas. [545]

CORO
Alguém o creria? Ferino e atroz,
num cru desatino, o selvagem Atreu,
à vista do irmão, ficou pasmo e parou.
Não há o que supere um afeto veraz.
Perduram entre estranhos contendas hostis, [550]
amor verdadeiro não solta os que uniu.
A Ira, movida por fortes razões,
rompeu a concórdia e um brado entoou:
tilintam as bridas da tropa veloz,
de ambos os lados o ferro luziu, [555]
que Marte furente, com golpes sem fim,
maneja com ganas de fresco cruor.
Porém, as espadas, o Afeto as detém
e à paz reconduz, estreitadas as mãos.
De tanto tumulto vem súbita paz [560]
por dom de que deus? Em Micenas, pouco há,
atroaram as armas da guerra civil,
prenderam-se aos filhos as pálidas mães,
armado, temeu pelo esposo a mulher,
a espada, forçada, seguia em sua mão, [565]
roída na inércia e abandono da paz.
Um homem muralhas em ruína refaz,
um outro restaura caidiços torreões,
há um que procura travar os portais
com barras de ferro; de noite, no breu, [570]
atrás das ameias agacha o guardião.
Ter medo da guerra é na guerra o pior.
Findaram as ameaças do ferro cruel,
já o grave atroar das trombetas cessou,
nem se ouve o estridor do atordoante clarim, [575]
voltou à cidade a alegria da paz.
É tal como as ondas quando incham no mar
se o Coro nas águas de Brútio baixou,
nas grutas de Cila retumba a impulsão,
e os nautas no porto receiam o mar [580]
que engole e vomita Caribde voraz;
do pai se arreceia o Ciclope feroz,
que habita do Etna fervente o interior,
não vá, ao verter suas águas, violar
as chamas das forjas que estalam eternais; [585]

ao pobre Laerte parece imergir
seu reino quando Ítaca sofre um tremor.
Se as forças dos ventos cessaram de agir,
mais calmo que um lago nivela-se o mar;
o abismo que as naus receavam cruzar,
a escunas ligeiras as rotas abriu,
ornado de velas por toda extensão;
os peixes que passam dá até p'ra contar
ali onde há pouco, sob forte tufão,
as Cíclades móveis temeram o mar.
Não há longa sorte. O prazer e a dor
alternam-se em turnos; mais breve o prazer.
Permuta-se a hora feliz pela ruim.
Aquele que outorga uma insígnia real,
sob quem, de joelhos, tremeram nações,
e a cujo sinal a conflitos dão fim
o meda e, mais próximo a Febo, o indu
e o daa que ao parta ameaças impõe,
inquieto ele empunha seu cetro e inversões
da sorte adivinha, mudanças totais,
e teme os reveses que o tempo lhe traz.
E vós, que o regente da terra e do mar
o mando de vida ou de morte vos deu,
livrai-vos de inflada e arrogante feição,
tudo que um mais fraco receia de vós,
ameaça-vos disso um mais forte senhor,
está todo reino sujeito a um maior.
O dia, quem viu no fastígio, ao nascer,
o dia, ao findar, viu jazendo no chão.
Ninguém na bonança confie demais,
ninguém do melhor desespere na dor,
pois Cloto mistura uma à outra e não dá
repouso à fortuna na roda fatal.
Ninguém tal favor junto aos deuses logrou
que possa p'ra si prometer o amanhã.
Um deus faz girar nossa vida sem paz
num veloz turbilhão.

ATO IV

MENSAGEIRO

Que turbilhão irá arrastar-me pelos ares,
envolto em negra nuvem, tal que de meus olhos
esse nefas afaste? Ó casa que até Pélope
e Tântalo envergonha!

CORO

Que novas nos trazes?

MENSAGEIRO
Mas que região é esta? É Argos, é a Esparta
dos piedosos irmãos, é Corinto que obstrui
os golfos do mar gêmeo, é o Istro que dá fuga
aos ferozes alanos, ou, sob neve eterna,
a terra hircana, ou é da Cítia o povo errante?
Qual é este lugar que assiste a um crime hediondo?

CORO
Fala, revela o mal, qualquer que seja ele.

MENSAGEIRO
Se minh' alma aquietar-se e o corpo enrijecido
soltar seus membros. Dura em meus olhos a imagem
de um ato tão atroz. Levai-me longe, insanas
procelas, para lá levai-me onde se leva
o dia que termina.

CORO
Agravas nossas ânsias.
Diz o que te horroriza e indica seu autor.
Não quem, mas qual dos dois indago. Fala logo.

MENSAGEIRO
Sobranceira, uma parte há da casa de Pélope,
voltada para o austro, cujo extremo flanco,
qual um monte, se eleva e domina a cidade,
e um povo que a seus reis se mostra renitente,
mantém-no sob a mira. Ali reluz imenso
espaço, para o abrigo de muitos. Repousam
em colunas rajadas estuques dourados.
Depois do átrio famoso, que os povos veneram,
segue o rico palácio por muitos recintos.
Uma área oculta jaz num último retiro,
que isola um bosque antigo no fundo de um vale,
local santo do reino, onde árvore nenhuma
costuma ter frondosas ramas e aparadas,
mas o teixo e o cipreste e de negra azinheira
escura mata oscilam, para os quais, altivo,
de cima olha um carvalho e o bosque ele domina.
Ali inauguram seus reinados os Tantálidas,
ali auxílio rogam em horas más e incertas;
penduram-se oferendas: sonoras trombetas,
restos do carro entre os troféus do Mar de Mirto,
pendem as rodas unidas por eixos traiçoeiros,
toda façanha de uma raça. Ali de Pélope
fixou-se a tiara frígia e presas do inimigo
e um manto ornado, dom de um bárbaro triunfo.
Sob triste sombra está uma fonte e, remansosa,
adere a negro pântano; do atroz Estige

é qual a água turva a que dão fé os deuses.
Ali, em noite cega, é fama que das almas
venham gemidos, seus grilhões vibram na mata,
manes ululam. O que já só de ouvir faz medo
ali se vê. Vagueia, evadida de antigas
tumbas, ancestre chusma e saltam no local
espectros colossais. Até por toda mata
uma chama lampeja e troncos eminentes
ardem sem fogo. Amiúde o bosque reverbera
um tríplice ladrido, amiúde a casa assombram
grandes fantasmas. Nem o dia abranda o medo;
tem noite sua o bosque e o temor que há no inferno
em pleno dia reina. Ali aos que suplicam
dá-se exata resposta, ao ser, com forte estrondo,
expresso no ádito o destino, e muge a gruta
soltando a voz o deus. Depois que ali em fúria
entrou Atreu, os filhos trazendo do irmão,
adornam-se os altares - há quem bem o narre?
Atrás das costas prende as nobres mãos dos jovens
e as tristes frontes ata com fita purpúrea.
Não falta incenso, nem de Baco o dom sagrado
e a faca que com mola salsa toca a vítima;
mantém-se estrita ordem, para não fazer-se
sem rito o ato nefasto.

CORO
O ferro quem empunha?

MENSAGEIRO
É ele o sacerdote, ele, em funesta prece,
com voz veemente, entoa um letífero canto.
Ante os altares, ele, os que votou à morte,
inspeciona e dispõe e apronta-os para o ferro;
passo do rito não se perde; ele é que assiste.
Trepida o bosque. Ao abalar-se o solo, o paço
inteiro oscila, sem saber onde tombar,
como que flutuando. O céu, do lado esquerdo,
um astro percorreu, traçando um risco escuro.
Libado sobre as chamas, espraia-se o vinho,
mas transmudado em sangue. A régia insígnia pende
duas, três vezes, e o marfim chora nos templos.
A todos comoveram esses prodígios, só
Atreu obstina-se, constante, e até aos deuses
repele, que o ameaçam. E já, sem mais demora,
corre aos altares, tendo um torvo e oblíquo olhar.
Qual a tigresa que nas matas junto ao Gânges,
esfaimada, rodeia, incerta, dois novilhos,
ambas as presas cobiçando, sem saber
qual primeiro atacar - gira de um lado as fauces,

regira de outro, e a fome, em suspenso, conserva -
assim o fero Atreu espreita hóstias votadas
a uma ira impiedosa. Hesita quem primeiro
a si deva imolar, quem vai morrer depois.
É indiferente, mas hesita e o crime atroz
agrada-lhe dispor.

CORO
Mas deita o ferro a quem?

MENSAGEIRO
P'ra que não haja ofensa à piedade, o primeiro,
é votado ao avô; primeira hóstia é Tântalo.

CORO
Com que ânimo e semblante o jovem atura a morte?

MENSAGEIRO
Erguido e sem receio, não se permitiu
lançar súplicas vãs. Feroz, aquele o ataca,
sepulta a espada na ferida e a fundo aperta,
juntando a mão à jugular. Extraído o ferro,
mantém-se erguido o corpo, hesita largo instante
se cai de um lado ou de outro, e cai por sobre o tio.
Então, maligno, traz para os altares Plístenes
e o une a seu irmão. Decepa-o com um golpe.
Rompida a nuca, o tronco pende e desmorona,
rolou queixoso, num murmúrio surdo, o crânio.

CORO
O que faz ele após consumar duas mortes?
Poupa o mais jovem ou verte crime sobre crime?

MENSAGEIRO
Na selva armênia, qual leão de espessa juba,
vencedor, que ao rebanho impõe farta matança
(tintos de sangue os beiços e aplacada a fome,
não larga a fúria, e aqui e ali acossa os touros,
e aos vitelos, tenaz, mostra os dentes cansados),
não de outro modo Atreu se ensanha e se enche de ira,
e empunha o ferro já banhado em duas mortes,
nem pensa contra quem se inflama, com mão firme
varou-lhe o corpo, e do menino já nas costas
desponta a espada que no peito recebera.
Tomba e extingue as sagradas chamas com seu sangue.
Por ambos ferimentos morre.

CORO
Ato brutal!

MENSAGEIRO
Causou-vos tanto horror? Se o crime fica nisso

ele é piedoso.

CORO
Algo maior e mais atroz
a natureza admite?

MENSAGEIRO
Crês completo o crime?
É só uma parte.

CORO
E pôde mais? Deu-os às feras
p'ra lacerar seus corpos, privando-os da pira?

MENSAGEIRO
Assim fosse! Deixasse sobre o chão os mortos,
nem fogo os consumisse, às aves e a vorazes
feras fizesse-os arrojar, triste repasto.
Sob seu poder, torna-se um voto o que é um suplício.
Que insepultos o pai os visse! Ó crime nunca
acreditável, que hão de os pósteros negar!
De peitos vivos extraídas, tremem as vísceras,
as veias pulsam e ainda espasma o coração.
Mas ele estuda o fígado e investiga os fados
e das entranhas nota as veias inda quentes.
Aprovadas as hóstias, sereno, devota-se
ao banquete do irmão. Ele próprio disseca
os corpos, membro a membro, amputa até ao tronco
os ombros largos, e se atém aos ligamentos,
desnuda as juntas, com frieza, e rompe os ossos,
tão-só preserva faces e mãos que os distingam.
Espetadas em hastes, gotejam umas carnes
sobre lenta fornalha, outras, fervente caldo
coze em bronze candente. O fogo salta acima
das viandas pendentes e, com chamas trêmulas,
recua muita vez, mas forçado a manter-se,
arde a malgrado seu. Na grelha estrige o fígado,
nem sei dizer se mais as carnes ou as chamas
gemeram. O fogo muda-se em negra fumaça,
e ela própria, sinistra e adensada de névoa,
não sai ereta nem se eleva até bem alto;
cerca os próprios penates com uma bruma informe.
Bondoso Febo, embora tenhas recuado
e interrompido o dia, o céu ainda em meio,
tarde imergiste! O pai lacera os próprios filhos
e mastiga seus membros com funesto olhar;
brilha embebido de perfume nos cabelos,
pesa-lhe o vinho; obstrui-se a garganta por vezes
e retém o alimento. Um só dentre teus males
é, Tiestes, um bem: ignorares teus males;

mas este vai ter fim. Mesmo Titã girando
o carro de regresso, a desandar sua trilha,
e bem que espessa noite encubra em novas trevas
esse ato horrendo, erguida a leste e em hora alheia,
no entanto, há de se ver exposto inteiro o mal.

CORO

Aonde, tu que guias terra e céu
- quando despontas,
foge da noite escura todo adorno -,
aonde te diriges,
pondo a perder o dia, o Olimpo em meio?
Por que, Febo, nos roubas tua face?
Ainda não convoca os lumes Vésper
noturna que anuncia o entardecer;
na meta ocidental ainda a curva
não dá repouso aos carros que a venceram;
não pende ainda o dia sobre a noite,
nem da tarde o terceiro toque ecoou;
da ceia o lavrador estranha a hora,
inda não fatigadas suas reses.
O que te rechaçou do etéreo curso?
Que causa teus cavalos desviou
da trilha definida?
Acaso, aberto o cárcere infernal,
os vencidos Gigantes tentam a guerra?
Acaso Tício, no exaurido peito,
renova antigas iras ulcerado?
Ou rejeitando o peso
da montanha, Tifeu libera o dorso?
Acaso os inimigos
em Flegra estão construindo uma alta via,
e na Tessália o Pélio
é comprimido pelo trácio Ossa?
Do mundo os ciclos naturais perderam-se;
não haverá ocaso nem aurora.
Espanta-se ela - afeita
a dar ao deus as rédeas do Nascente,
rórida divindade da alvorada -,
co' a subversão das raias de seu reino.
Não sabe ela banhar carros exaustos,
nem mergulhar no mar
as crinas que esfumeiam de suor.
Novato o próprio Sol nessa acolhida,
ao tempo em que se põe contempla a Aurora
e dá ordens às trevas
que surjam, sem que esteja pronta a noite:
não o sucedem os astros e no pólo
não brilha nenhum lume,

a Lua não dissipa as sombras densas.
Mas, seja isso o que for, só seja a noite!
Palpitante, transido,
trespassa nosso peito um grande medo
de que tudo colapse,
por ruína fatídica,
e de novo aniquile homens e deuses
o caos, vulto sem forma,
de novo a terra e o mar, que tudo cerca,
e os astros no luzente cosmo errantes,
a natureza oculte.
Sem o nascer de seu alterno facho,
o guia que conduz astros e séculos
não mais dará os sinais de estio e inverno;
se a Lua não facear a luz de Febo,
não vai livrar a noite dos temores,
nem vencerá de seu irmão os carros,
uma órbita mais breve percorrendo.
Irá numa só furna aglomerar-se
a multidão dos deuses.
Esta que aos santos astros abre a via
e corta com seu curso oblíquo as zonas,
guiando a longa marcha do zodíaco,
verá consigo os astros em colapso.
Ele que as velas solta ao morno Zéfiro,
não bonançosa ainda a primavera,
irá, nas águas, Áries despencar
sobre as quais transportou Hele, assustada.
Este Touro de cornos luminosos
que à frente tem as Híades,
irá arrastar consigo
Gêmeos e as pinças do arqueado Câncer.
Ardendo num calor febril, o hercúleo
Leão, do céu de novo irá cair;
Virgem cairá nas terras que deixou,
da justa Libra os pesos vão cair,
e arrastarão consigo o acre Escorpião.
E aquele que retém no arco tessálio
setas plumadas, ele, o velho Quíron,
rompido o arco, as setas perderá.
Reconduzindo o inerte inverno, o gélido
Capricórnio cairá
e irá quebrar, sejas quem for, teu vaso;
contigo irão partir
Peixes, do céu as últimas estrelas.
Colossos pelo mar nunca banhados,
num abismo irão todos engolfar-se.
E aquela que separa ao meio as Ursas,

qual um rio, a Serpente deslizante,
e unida a esse Dragão a Ursa Menor,
Cauda de Cão, que o duro gelo enrija,
e de seu carro o lento guardião,
o Boieiro, ruirá, não mais estável.
De tantas gerações, teve-se a nós
por dignos de que o mundo
nos esmagasse após perder seu eixo?
É a nós que chega a era derradeira?
Ó nós, sob dura sorte concebidos,
se perdemos o sol, infortunados,
ou se então o expulsamos!
Que cessem as queixas. Deixa-nos, temor:
é ávido por vida quem não quer
morrer se o mundo extingue-se consigo.

ATO V

ATREU

Ando de par com os astros e os supero todos!
Atinge o alto dos céus a minha fronte altiva!
Obtenho agora o emblema e o trono de meu pai.
Dispenso os deuses; alcancei meus votos todos.
Bravo! É o bastante! Eu mesmo estou já satisfeito.
Mas deveria? Avante, irei fartar o pai
da mortualha dos seus. P'ra tolher-me o pudor,
recuou o dia. Avante, enquanto vaga o céu.
Quem me dera deter os deuses fugitivos
e trazê-los à força, todos, p'ra que vissem
a ceia da vingança. Vê-la o pai já basta.
Inda que o dia o negue, a ti vou dissipar
as trevas em que tuas misérias se ocultam.
Há muito estás deitado, qual ledo conviva,
de olhar contente; basta de sagrar-te à mesa
e a Baco, basta; sóbrio requer-se Tiestes
para tamanha dor. Servos meus! descerrai
do templo as portas para o paço em festa expor.
Quero ver, quando encara as cabeças dos filhos,
quais os tons de seu rosto, e as palavras que a dor
por primeiro derrama ou, sem ar e perplexo,
como lhe enrija o corpo. Eis da obra minha o fruto.
Não o quero arrasado, mas vê-lo arrasar-se.
Avista-se o recinto à luz de muitas tochas;
reclinado, ele aninha-se em púrpura e ouro.
Cheia de vinho pesa-lhe a fronte na mão.
Arrota. Ó, sou o mais sublime dentre os súperos,
rei dentre os reis! Ultrapassei meus próprios votos.
Fartou-se; de ampla taça argêntea sorve o vinho.
Não meças a bebida. Ainda te resta o sangue

de tantas vítimas. A cor de antigo Baco
o esconderá. Taça como essa encerre a mesa.
Que o pai beba esse misto de sangue dos seus;
do meu tinha bebido. Ei-lo a entoar um canto
em tons festivos, sem que bem domine a mente.

TIESTES

Peito por longos males abatido,
deixa agora das dores que te afligem.
Fuja a amargura e fujam teus temores,
fuja a parceira do inquietante exílio,
a sinistra penúria,
e a vergonha, que agrava o desalento.
De onde cais, mais importa do que aonde.
Grandioso é despenhar-se das alturas
e em pleno chão firmar um passo estável;
grandioso é, quando imensa desventura
o esmagou, suportar o ônus de um reino
fracassado, sem ter curvado a fronte,
e, nem prostrado, nem na dor vencido,
resistente, sofrer a ruína imposta.
Mas do cruel destino agora as nuvens
repele, e de um passado triste as marcas
todas, todas afasta.
Bondoso olhar retorne na alegria;
expulsa de tua alma o velho Tiestes.
Persegue os desditosos este vício,
de nunca acreditar nas alegrias.
Bem que feliz fortuna lhes retorne,
aos que sofrem aborrece ter prazer.
Por que me atrais de volta
e o festejo me vetas deste dia,
por que mandas que eu chore,
ó dor que sem nenhuma causa surge?
Quem é que me proíbe
de atar com belas flores os cabelos,
proíbe, sim, proíbe?
Deslizam-me da fronte as rosas frescas,
tinto de amomo oleoso, o meu cabelo
encrespa entre imprevistos calafrios,
sem que meus olhos queiram, escorre o pranto,
e vem-me entre as palavras um gemido.
A angústia adora as costumadas lágrimas,
desejo atroz de choro têm os tristes.
Quero lançar desventurosas queixas,
quero também rasgar
estas vestes em púrpura embebidas;
meu desejo é berrar!
Manda sinais de luto no futuro

minha mente, pressaga de seus males;
furiosa tempestade ameaça os nautas,
quando intumesce o mar na calmaria.
Que perdas há e quais são os distúrbios
que insana te imaginas?
Mostra um crédulo afeto a teu irmão:
seja agora qual for,
ou sem causa ou tardio é o teu temor.
Isso, ai de mim, não quero,
mas um terror dentro de mim se alastra,
meus olhos vertem um pranto repentino,
sem causa que o explique.
É uma angústia ou é medo?
Ou intenso prazer provoca lágrimas?

ATREU

Celebremos, irmão, em consenso oportuno,
este dia festivo que afirme meu cetro
e instaure um pacto forte de sincera paz.

TIESTES

Satisfez-me esta ceia e não menos o vinho.
Pode ainda aumentar meu deleite este acréscimo:
se me é dado com os meus alegrar-me feliz.

ATREU

Crê teus filhos aqui junto ao peito do pai;
aqui estão e estarão, sem que nada te falte
de tua prole. As faces darei que desejas
e o pai já todo fartarei de sua gente.
Vais saciar-te, não temas. Junto aos meus agora
compartem em mesa jovem suaves iguarias.
Mas vou chamá-los. Toma esta taça ancestral
plena de Baco.

TIESTES

Tomo-a por brinde da ceia
fraterna. Vinho aos deuses paternos libemos
e o sorvamos. Mas isso o que é? Não me obedecem
as mãos, seu peso cresce e faz pender-me a destra.
Baco, se o aproximo, foge-me dos lábios
e depois de frustrá-los, vaza ao seu redor.
E salta a própria mesa sobre o solo trépido.
Mal brilham as chamas; até mesmo o céu, moroso,
espanta-se, entre o dia e a noite abandonado.
Que é isso? Mais e mais trepida e cede a abóbada
celeste, ao que se junta bruma mais espessa
que densas trevas, noite em que se oculta a noite;
todo astro foge. Que me poupe o irmão e os filhos,
seja o que for, rogo, e a procela toda tombe

neste homem vil que sou. Devolve já meus filhos!

ATREU
Devolverei, de ti dia algum vai tirá-los.

TIESTES
Qual é este tumulto que me ataca as vísceras?
Tremeu-me dentro o quê? Sinto uma inquieta carga
e em meu peito há um gemido que não vem de mim.
Vinde, meus filhos, este triste pai vos chama,
vinde! que se eu vos vejo esta dor fugirá.
De onde estão me falando?

ATREU
Abre teu peito, ó pai:
chegaram. Acaso reconheces os teus filhos?

TIESTES
Eu reconheço o irmão! Tamanho crime, ó Terra,
suportas carregar? Não te abres e o imerges
nas trevas do infernal Estige, e para o caos
não arrastas, por larga trilha, o reino e o rei?
Não destróis desde a base todo o casario
e subvertes Micenas? Estar junto a Tântalo
há muito ambos devíamos. Rompe teus liames
de um lado a outro e, se algo existe sob o Tártaro
e nossos ancestrais, ali baixa teu chão,
nesse fosso abissal oculta-nos sepultos
abaixo do Aqueronte. Almas culposas vaguem
sobre nossas cabeças e, em seu fluxo ardente
de areias requeimadas, o ígneo Flegetonte
sobre o nosso refúgio flua caudaloso.
Jazes, ó Terra, imóvel como um peso inerte?
Fugiram os deuses.

ATREU
Antes alegre recebe
quem tanto desejavas. Não te impede o irmão.
Desfruta-os, beija-os, dá teus abraços aos três.

TIESTES
É esta a aliança? É este o amor do irmão leal?
Assim deixas teus ódios? Que salvos um pai
tenha os filhos não peço; o que dar não afronta
teu crime e ódio, rogo de irmão para irmão:
possa eu os sepultar. Dá-me-os e já vais ver-me
cremá-los. Como pai, não rogo para tê-los,
e sim para perdê-los.

ATREU
De teus filhos, tudo
que resta tens, e tudo tens que não lhes resta.

TIESTES
Jazem como repasto para aves bravias
ou animais os dilaceram e nutrem feras?

ATREU
Ceaste tu teus filhos em profana ceia.

TIESTES
É isto que vexou os deuses, isto impôs [1035]
a reversão do dia! Gritar que palavras?
Que queixas dar? Vão me bastar quantos clamores?
Olho os crânios cortados, as mãos arrancadas
e amputados os pés, fraturadas as pernas;
isto é o que um pai voraz não pôde consumir. [1040]
Dentro revira-se-me o ventre e o crime ocluso,
sem saída, reluta e busca pela fuga.
Dá-me, irmão, tua espada - muito de meu sangue
tem ela -, dê seu ferro passagem a meus filhos.
É-me negada a espada? Ecoem no meu peito [1045]
golpes de dor - detém, infeliz, tua mão!
Poupem-se os mortos. Quem jamais viu um tal crime?
Qual dos que a rude encosta do Cáucaso inóspito
habitam, o povo henío co, ou, terror das terras
cecrópias, qual Procrustes? Eis-me um pai que oprime [1050]
os filhos que o oprimem. Há limite no crime?

ATREU
Há no crime limite se um crime praticas,
não se o devolves. Também isso me é bem pouco.
Do próprio ferimento o sangue quente em teus
lábios eu quis verter, para que enquanto vivos [1055]
o bebesses. Por minha pressa a ira viu-se
lograda. Eu os feri com o ferro bem cravado,
ante os altares imolei-os, aplaquei
os lares, dissequei corpos sem vida e os membros
em pequenas porções cortei: umas, em bronzes [1060]
ferventes, imergi, outras, em lentas chamas
fiz gotejarem, entranhas e órgãos extraí-lhes
viventes, em delgado espeto trespassados,
vi gemer-lhes o fígado e adensei as chamas
com minhas próprias mãos. Tudo isso o pai podia [1065]
ter feito ainda melhor. Escoou-me em vão a ira;
rasgou na boca impura os filhos, mas não soube,
e nem souberam eles.

TIESTES
Mares que ondulosas
praias cercam, sabei deste crime, sabei
também vós, onde quer que fugistes, ó deuses, [1070]
e os numes ínferos, sabei, e a terra e a densa

e negra noite de tartárea névoa: atenta
ao que digo - só tu me resta e vês meus males,
mesmo que sem teus astros. Não farei maus votos,
não em proveito meu - e o que já pode ser
em meu proveito? A vós interessam meus votos.
Do céu guia supremo, tu, rei soberano
do etéreo paço, em brumas horrendas envolve
inteiro o mundo, põe por todo lado em guerra
os ventos e violento troa em toda parte;
não a mão com que abrigos e casas singelas
golpeias de arma leve, mas a que abateu
tríplice massa de montanhas e os gigantes,
eretos qual montanhas, essa mão as armas
empunhe e arroje os raios; vinga o dia extinto,
dispara chamas e restaura com teus raios
a luz do céu roubada. O caso não ponderes,
seja a culpa dos dois; se não, seja só minha.
Golpeia-me, transpassa-me o peito com o facho
de teu trífido dardo. Se eu, o pai, aos filhos
quero dar um sepulcro e as chamas derradeiras,
sou eu que devo arder. Se nada move os súperos
e nume algum ataca os ímpios com seus dardos,
perdure eterna noite e encubra em longas trevas
esses crimes imensos. Titã, não me queixo
se perseveras.

ATREU
Louvo agora as minhas mãos,
obtive agora a palma; era perdido o crime
se essa dor não sentisses. Que gerei meus filhos
agora creio, volta a ser casto o meu leito.

TIESTES
Que mal meus filhos cometeram?

ATREU
O de ser teus.

TIESTES
Os filhos, pelo pai…

ATREU
Exato, e o que me alegra:
legítimos.

TIESTES
Valei aos que têm fé, ó deuses!

ATREU
E os deuses conjugais?

TIESTES
Pagar crime com crime?!

ATREU
Sei qual tua dor: é que no crime antecipei-me.
Que ingeriste nefanda ceia não te aflige,
e sim que não a preparaste. Era teu plano
dar ao irmão desavisado iguais viandas,
atacar com ajuda da mãe os meus filhos
e impor-lhes morte igual. Só isto te impediu:
pensaste que eram teus!

TIESTES
Irão vingar-me os deuses!
A eles eu te entrego para teu castigo.

ATREU
Entrego-te a teus filhos para teu castigo.

AS TROIANAS

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de Zélia de Almeida Cardoso

ARGUMENTO

Troia caiu. As mulheres troianas aguardam a partilha entre os vencedores quando o espectro de Aquiles exige o sacrifício de Políxena. Calcante anuncia outra condição para a partida grega: Astíanax, filho de Heitor, deve morrer. Hécuba, Andrômaca e Helena atravessam a destruição da cidade, a perda dos filhos e a iminência da escravidão.

PERSONAGENS

HÉCUBA (rainha de Troia)
UM ARAUTO (Taltíbio?)
PIRRO (filho de Aquiles)
AGAMÊMNON (rei de Micenas)
CALCANTE (sacerdote de Apolo)
ANDRÔMACA (nora de Hécuba, esposa de Heitor)
UM ANCIÃO
ASTÍANAX (filho de Andrômaca)
ULISSES (rei de Ítaca)
HELENA (rainha de Esparta)
POLÍXENA (filha de Hécuba)
UM MENSAGEIRO
CORO (Troianas)

FIGURANTES

Soldados gregos

CENÁRIO

Proximidades de Troia

PRÓLOGO

(HÉCUBA, CORO DE TROIANAS)

HÉCUBA

Todo aquele que confia em seu trono e reina, poderoso,
num grande palácio, e não teve receio dos deuses inconstantes
e entregou o espírito crédulo a coisas alegres,
que me veja a mim e a ti, Troia! Nunca a Sorte apresentou
provas maiores de como os soberanos se assentam sobre
tão frágil base! Caiu por terra, desmoronado, o baluarte
da Ásia poderosa, a obra magnífica dos deuses!
Em seu socorro vieram tanto aqueles que sorvem
o gélido Tânais que se abre em sete bocas
como os que, recebendo o novo dia antes dos demais,
veem o cálido Tigre confundir-se com o mar avermelhado;
veio também, com suas legiões de mulheres sem homens, aquela
que se achega à orla do Ponto, contemplando os citas errantes, como vizinha.

Ela foi abatida pelo ferro. Pérgamo caiu sobre si próprio.
Queimados os tetos, eis que as muralhas - altaneiro ornamento -
jazem amontoadas no chão! As chamas cercam o palácio do rei
e toda a casa de Assáraco lança fumaça ao longe.
Mas o fogo não afasta as mãos cobiçosas do vencedor.
Mesmo ardendo, Troia é pilhada. O céu não se mostra
sob o fumo ondulante; o dia sombrio, como que escurecido por densa
nuvem, se envolve em negrume por causa da fuligem ilíaca.
O vencedor se ergue encolerizado e mede com os olhos Ílio
dominado; embora enraivecido, desculpa finalmente os dez anos.
Mas também se amedronta com a cidade devastada
e, conquanto a veja vencida, não consegue crer
que possa ter sido abatida por ele. O destruidor saqueia os despojos
dardânios; seus mil navios não comportam o espólio.

Tomo por testemunha o poder dos deuses, contrário a mim,
as cinzas da pátria, a ti, rei dos frígios,
a quem Troia ocultou, recoberto por todo o seu reino,
e a teus manes, Heitor - enquanto permaneceste de pé, Ílio também
permaneceu! - e a vós, grei numerosa de filhos meus,
sombras menores! Tudo que aconteceu de funesto,
as coisas más que a Fébada, enlouquecida com a boca delirante,
predisse - pois que o deus a impedira de ser acreditada -,
eu, Hécuba, as vi antes, quando estava grávida.
E não silenciei meu medo.
E fui, antes de Cassandra, uma profetisa vã!
Não foi o astucioso Ítaco, nem o companheiro noturno
do Ítaco, nem o mentiroso Sínon quem espalhou
as chamas entre vós: vem de mim este fogo.
Ardeis por causa da tocha que gerei.

Mas por que gemes as ruínas da cidade derrubada,
ó velhice, que já viveste demais? Lança teu olhar, desventurada,
para as dores recentes. Troia já é uma desgraça antiga.
Vi a execrável atrocidade do assassínio de um rei,
e - crime ainda maior! - cometido junto aos próprios altares,
quando o eácida, cruel no manejo das armas,
virando para trás, com a mão esquerda, a cabeça real agarrada
pelos cabelos retorcidos, enterrou o ferro odioso
em uma ferida profunda.
Como o rei tivesse recebido sem resistência esse ferro
profundamente introduzido, a espada saiu enxuta
do seu velho pescoço.
Nem tocando o último limiar de uma vida mortal pôde o ancião

desestimulá-lo de cometer um crime tão atroz;
não o puderam os deuses, testemunhas da desgraça,
nem os sagrados objetos de um reino caído.
Príamo, o pai de tantos reis, carece de um sepulcro
em uma Troia em chamas!

Tudo isso, entretanto, não é suficiente para os deuses:
eis que uma urna sorteia a acaso, escolhendo senhores
para as filhas e noras de Príamo! A quem deverei seguir, como presa vil?
Um toma para si a esposa de Heitor; outro escolhe a mulher de Heleno;
outro, a de Antenor. Não falta quem deseje teu leito, Cassandra.
Teme-se o sorteio de minha pessoa: só eu causo medo aos dânaos?!

Cessam as vossas lamentações? Ó povo meu, escravas,
lacerai o peito com as mãos, chorai e fazei algo digno de Troia.
Que possa sem demora ressoar o Ida fatal,
palco de um julgamento desastrado!

CORO

Não é a um povo ignorante e desconhecedor de lágrimas
que ordenas que chore: foi o que fizemos por anos contínuos,
desde que o estrangeiro frígio tocou a Amiclas grega
e o pinheiro consagrado à mãe Cibele fendeu o mar.
O Ida embranqueceu dez vezes com as neves
e dez vezes foi despojado para as nossas piras;
o segador temeroso, nos campos do Sigeu,
cortou sua décima seara,
sem que nenhum dia fosse isento de dor.
Mas um motivo novo incita nosso pranto.
Entregai-vos às lamentações! Levanta, ó rainha,
tua mão desventurada! Nós, o povo humilde,
seguiremos a senhora. Não somos indóceis.

HÉCUBA

Companheiras fiéis de minha dor,
soltai a cabeleira! Que os cabelos caiam
pelos ombros aflitos, sujos da cinza quente de Troia.
Que a multidão desnude os braços.
Após ter deixado cair vossas vestes,
atai as dobras, e que vossos corpos se mostrem até o ventre.
Para que casamento velas o peito, ó pudor escravo?
Que um nó cinja as túnicas soltas
e que se desimpeçam vossas mãos furiosas, para os golpes
das pancadas incessantes. Esses preparativos me agradam,
sim, me agradam. Reconheço a turba troiana.

Que recomecem novamente as velhas lamentações,
mas superai o habitual costume de chorar:
choramos Heitor!

CORO

Todas nós soltamos as cabeleiras,
já desfeitas por muitos funerais.
Os cabelos soltos estão livres de presilhas
e a cinza ardente se espalha em nossos rostos.
Enche tuas mãos. Isto é o que se pode levar de Troia.
As vestes caem de nossos ombros desnudados
e, presas por baixo, só cobrem nossos ventres;
os seios nus instigam agora nossas mãos.

HÉCUBA

Agora, agora, ó sofrimento, mostra a tua força!
Que as praias do Reteu ressoem com o pranto
e Eco, habitante dos montes escavados,
não repita, breve, como costuma, as últimas palavras:
que nos devolva todos os gemidos de Troia!
Que os ouçam o mar e o céu! Sede cruéis, ó mãos!
Golpeai os peitos com violentos murros.
Não me satisfaço com o som habitual:
choramos Heitor.

CORO

Por ti, Heitor, nossas mãos laceram nossos braços,
por ti laceram os ombros ensanguentados;
por ti nossas mãos esmurram as cabeças,
por ti nossos seios se mostram feridos
por destras de mães. Que as cicatrizes reabertas,
quaisquer que tenhamos feito por tua morte,
produzam muito sangue e o deixem escorrer.
Baluarte da pátria, retardamento dos fados,
tu eras o sustentáculo para os frígios fatigados,
tu eras a fortaleza e em teus ombros
por dez anos a pátria se apoiou.
Caiu contigo e o último dia de Heitor
foi também o último da pátria.

HÉCUBA

Entregai-vos ao pranto. Derramai vossas lágrimas
por Príamo. Heitor já as teve o suficiente.

CORO

Aceita, rei da Frígia, nossas lamentações,
aceita nosso choro, ó ancião duas vezes dominado.
Quando foste rei, Troia nada sofreu apenas uma vez:
suportou que por duas vezes os muros dardânios
fossem feridos pelo ferro grego; e suportou duas vezes
as flechas de Hércules. Depois de arrancados
os filhos de Hécuba e a progênie dos reis,
tu, o pai, pões termo aos derradeiros funerais,
imolado como vítima ao grande Júpiter;
e, como um corpo mutilado, pesas sobre as praias do Sigeu.

HÉCUBA

Ele desceu às profundezas dos manes e não trará jamais
o jugo helênico sobre a vencida cerviz.
Ele não vê os dois Atridas
nem contempla o mentiroso Ulisses.
Não exibirá, como presa do triunfo argólico,
o pescoço dobrado sob os troféus;
não trará as mãos acostumadas aos cetros
atadas atrás das costas e não se tornará
um espetáculo pomposo para a alegre Mícenas,
seguindo o carro de Agamêmnon e levando
nos pulsos algemas de ouro.

CORO

Feliz Príamo! Dizemos nós todas.
Partindo, levou consigo seu reino.
Agora, nas sombras tranquilas do bosque do Elísio,
vagueia feliz e entre as almas piedosas procura Heitor.
Feliz Príamo!
Feliz todo aquele que, morrendo na guerra,
vê todas as coisas morrerem consigo.

PRIMEIRO EPISÓDIO

Cena I

(ARAUTO E SOLDADOS GREGOS [?])

ARAUTO

Oh! Que longa demora para os gregos, sempre no porto,
quer desejem partir para a guerra, ou regressar à pátria.

SOLDADOS GREGOS [?]

Fala-nos! Que motivo retardaria os dânaos e suas naus?
Que deus lhes fecharia os caminhos do retorno?

ARAUTO

Minha alma se enche de pavor, um horrível tremor agita-me os membros.
Os grandes prodígios dificilmente merecem confiança como as coisas verdadeiras.
Mas eu vi! Sim, eu vi. O sol nascente já tocava os mais altos cumes
e o dia vencera a noite, quando a terra, sacudida,
convulsionando-se com um súbito rugido surdo,
revolveu todas as suas entranhas, desde as mais íntimas profundezas.
As árvores agitaram as copas; o bosque excelso
e a floresta sagrada ressoaram com imenso fragor;
desprenderam-se rochas do Ida, solapadas as elevações.
E não foi só a terra que tremeu; também o mar percebeu
que seu Aquiles estava presente e alastrou suas ondas.
Então o vale fendido escancarou uma caverna enorme
e a fauce hiante do Érebo abriu, na terra rachada, um caminho
acessível às regiões superiores, e aplainou a elevação.
Saiu para fora a sombra imensa do chefe tessálico,
tal como quando, preludiando teu destino, Troia,
abateu os exércitos da Trácia; ou como quando
derrubou o jovem filho de Netuno, reluzente pela alva cabeleira;
ou como quando, enfurecido na batalha pela violência de Marte,
obstruiu os rios com cadáveres, e o Xanto, procurando uma passagem,
uma vez que tinha sido retardado, saiu para fora do leito ensanguentado;
ou como quando, vencedor, se ergueu no carro soberbo
e segurou as rédeas, arrastando Heitor e Troia.
O som de sua voz enraivecida encheu toda a praia:
'Ide-vos, ide-vos, indolentes! Levai as honras devidas
a meus manes! Desancorai as naves ingratas,
vós que ides partir por nossos mares!
A Grécia não pagou com poucas coisas a ira de Aquiles:
pagará com coisas ainda maiores.
Que Políxena, oferecida como esposa a minhas cinzas,
seja sacrificada pela mão de Pirro e regue meu túmulo.'
Tendo dito tais palavras com voz estrondosa,
fendeu uma enorme caverna e a fechou, unindo-se a terra.
O oceano estende-se imóvel com a calmaria.
O vento suspendeu as ameaças
e o mar tranquilo murmura numa ondulação suave.
Nas profundezas, o coro dos Tritões entoa os cânticos do himeneu.

Cena II

(PIRRO E AGAMÊMNON)

PIRRO

Ao confiares às águas as velas túmidas, pronto para o retorno,
te esqueceste de Aquiles, por cuja mão - dele só! - foi derrubada Troia?
Se houve uma pequena demora para ela tombar, depois que ele partiu,
foi porque permaneceu de pé, incerta quanto ao lugar sobre o qual cairia!
Mesmo que desejes dar o que está sendo exigido e te apresses,
estarás atrasado em dar. Todos os chefes já receberam seu prêmio.
Que recompensa menor poderia ser conferida a um valor tão grande?
Ou merece pouco aquele que, tendo sido aconselhado a abandonar a guerra
e, permanecendo inativo, a prolongar a existência em uma longa velhice
e ultrapassar a idade do velho de Pilos, desprezou o ardil da mãe,
as vestes falsas e demonstrou sua virilidade atirando-se às armas?
Télefo, tirano de um reino inóspito, no momento
em que lhe negou a entrada na Mísia selvagem,
banhou com o sangue real a mão inexperiente
e percebeu que a mesma mão era forte e suave.
Tebas caiu. Eecião, vencido, viu seus reinos serem tomados.
A pequena Lirnesso, construída numa grande montanha,
foi abatida por desgraça semelhante.
Jaz em ruínas a terra enobrecida por causa de Briseide,
a jovem capturada, bem como Crisa, motivo do litígio entre os reis;
e também Tênedos, conhecida por sua fama, e Siro,
a que nutre os rebanhos da Trácia, fecunda em ricas pastagens,
e Lesbos, que divide as águas do Egeu, e Cila, que é cara a Febo.
E o que aconteceu com as terras que o Cáico alaga
quando arrasta massas de água, com o degelo da primavera?
Um tão grande extermínio de povos, um medo tão grande,
tantas cidades destruídas, como por imenso furacão,
seriam a glória e o supremo galardão de um outro:
é a rotina de Aquiles. Foi assim que meu pai veio para cá
e realizou tão importantes guerras enquanto preparava a guerra.
Para que eu silencie seus outros merecimentos, só Heitor
não teria sido suficiente? Meu pai venceu Ílio;
vós a destruístes. Agrada-me prosseguir com os ínclitos louvores
e os célebres feitos de meu ilustre genitor.
Heitor tombou morto ante os olhos de seu pai;
Mêmnon - por cuja morte a mãe, com o rosto empalidecido,
fez avançar um triste dia -, ante os do tio.
O vencedor, entretanto, se horrorizou com o exemplo da própria obra:
Aquiles tomou consciência de que os filhos de uma deusa também morrem!
Caiu, em seguida, a cruel amazona, a última causa de medo.
Tu deves a Aquiles, se julgas dignamente seu merecimento,
mesmo que ele peça uma virgem de Micenas ou de Argos.
Há ainda alguma dúvida? Desaprovas agora subitamente este desejo
e julgas ser cruel imolar a filha de Príamo ao filho de Peleu?
Mas a tua filha, ó pai, imolaste-a a Helena!

Peço-te coisas costumeiras.

AGAMÊMNON

É um defeito dos moços não poder dominar os ímpetos.
O primeiro ardor da mocidade arrasta os outros;
o ardor paterno arrasta Pirro. Tempos atrás eu suportei tranquilo
o temperamento rude e as ameaças do orgulhoso eácida.
Quanto maior for teu poder, mais deves suportar pacientemente.
Por que desejas respingar com um assassínio a nobre sombra
de um chefe ilustre? É preciso que se saiba, em primeiro lugar,
o que o vencedor deve fazer e o vencido sofrer.
Ninguém mantém por muito tempo um poder violento:
o poder moderado é duradouro. Embora a Fortuna enalteça
a força humana e a ponha no ponto mais elevado,
é preciso que aquele que é feliz se modere tanto mais
e tema as adversidades incertas, desconfiando dos deuses
que favorecem excessivamente. Aprendi, vencendo,
que as grandes coisas podem ser destruídas em um momento.
Troia nos torna orgulhosos e por demais arrogantes?
Nós, os dânaos, estamos no mesmo lugar de onde ela caiu.
Eu o confesso: orgulhoso do poder, e violento,
eu me conduzi, outrora, além da medida.
Afastou a minha arrogância o mesmo motivo
que poderia ter dado coragem a outros: o favor da Fortuna.
Tu me tornas soberbo, Príamo? Tu me tornas temeroso.
Poderia eu pensar que os cetros são algo mais que uma palavra,
revestida de um brilho inútil, e que minha cabeleira se ornamenta
com algo mais que um falso grilhão?
Um rápido revés roubará tudo isso
e talvez não com mil navios ou em dez anos!
Não é a todos que a Fortuna ameaça com tanta lentidão!
Sim, eu o confesso - seria preciso que isto fosse dito por tua paz,
ó terra argiva! -, eu quis que os frígios fossem esmagados e vencidos.
Mas oxalá eu tivesse impedido que derrubassem e arrasassem a cidade.
Entretanto, não pôde ser refreada a fúria,
o inimigo inflamado e a vitória unida à noite.
Tudo que pôde parecer indigno ou selvagem,
a quem quer que seja, o ódio o fez,
e as trevas nas quais se excita o próprio furor,
e a espada vencedora cuja avidez se torna insaciável
desde que ela se ensanguente uma única vez!
Que permaneça tudo que pode subsistir de Troia destruída!
A cobrança dos castigos foi suficiente e mais do que suficiente.
Não permitirei que uma virgem real morra

e seja oferecida como prêmio a um túmulo e regue com sangue
as cinzas e que chamem de casamento ao crime atroz de um assassínio.
A culpa de todos voltar-se-á contra mim.
Quem não impede um crime, quando pode, o ordena.

PIRRO

Então os manes de Aquiles não receberão nenhuma recompensa?

AGAMÊMNON

Receberão e todos o celebrarão com louvores
e as terras desconhecidas ouvirão seu grande nome.
Pois se as cinzas devem ser reconfortadas com sangue derramado,
os rebanhos da Frígia, de gordas cervizes, serão imolados
e o sangue correrá. Que costume é este e em que tempos
um ser humano é sacrificado a outro ser humano em exéquias?
Poupa hostilidade e ódio a teu pai,
para quem exiges a homenagem de um sacrifício.

PIRRO

Ó tirano de reis, orgulhoso quando a estabilidade das coisas
favoráveis exalta os teus sentimentos, covarde quando o medo
levanta a sua voz! Trazes outra vez o coração incendiado
pelo amor costumeiro de uma nova paixão?
Carregarás sozinho, tantas vezes, o espólio de todos nós?
Com esta mão, eu oferecerei a Aquiles a sua vítima.
Se a negas e a reténs, oferecer-lhe-ei uma vítima ainda maior
e digna de que Pirro a ofereça. Há já muito tempo
que minha mão se abstém de uma morte real.
Príamo exige um par.

AGAMÊMNON

Com efeito! Não nego ser essa a maior proeza de Pirro na guerra:
Príamo jaz trespassado por tua espada cruel -
o suplicante de teu pai!

PIRRO

Sei que os próprios inimigos foram suplicantes de meu pai.
Príamo, todavia, suplicou estando presente;
tu, aterrorizado por grande medo e não tendo coragem de pedir,
lhe enviaste as súplicas de Ajax e do Ítaco,
enquanto ficavas protegido, temendo o inimigo.

AGAMÊMNON

Teu pai, porém, nessa ocasião, não tinha medo, eu concordo,
e no meio da hecatombe da Grécia e dos navios queimados,
estendia-se indolente, esquecido da guerra e dos exércitos,

tocando com o delicado plectro a cítara harmoniosa.

PIRRO

Foi nessa ocasião que o valoroso Heitor,
desprezando as tuas armas, teve medo do canto de Aquiles;
e no meio de um pavor tão grande
havia profunda paz nos navios da Tessália.

AGAMÊMNON

Nesses mesmos navios tessálicos, indiscutivelmente,
a paz foi também profunda para o pai de Heitor.

PIRRO

É próprio de um rei altivo conceder a vida a outro rei.

AGAMÊMNON

Por que então a tua mão arrancou a vida de um rei?

PIRRO

Muitas vezes um ser misericordioso concede a morte
em lugar da vida.

AGAMÊMNON

E agora é um ser misericordioso que exige uma virgem
para um túmulo?

PIRRO

E agora julgas que é um crime serem imoladas as virgens?

AGAMÊMNON

É necessário que um rei ponha a pátria acima dos filhos.

PIRRO

Nenhuma lei poupa o vencido ou impede que seja castigado.

AGAMÊMNON

O que a lei não proíbe que seja feito, proíbe-o a honra.

PIRRO

É permitido ao vencedor fazer o que desejar.

AGAMÊMNON

É preciso que deseje o mínimo quem pode desejar muito.

PIRRO

São estas as palavras que atiras aos que Pirro libertou do jugo
após terem sido oprimidos durante dez anos, por uma pesada tirania?

AGAMÊMNON

É Ciros que te confere este orgulho?

PIRRO

Ciros não tem irmãos unidos pelo crime.

AGAMÊMNON

Está enclausurada nas ondas!

PIRRO

Pois somos parentes do mar.
Quanto à nobre casa de Atreu e Tiestes, eu a conheço muito bem.

AGAMÊMNON

Tu, que foste concebido pelo estupro clandestino -
filho de Aquiles, mas de quando ele ainda não era homem!

PIRRO

Daquele Aquiles que, por seu nascimento, possui o universo,
dividido por todo o reino dos celícolas:
a água, por Tétis; as sombras, por Éaco; o céu, por Júpiter.

AGAMÊMNON

Daquele Aquiles que tombou ferido pela mão de Páris!

PIRRO

Aquele a quem nenhum dos deuses ousou atacar frente a frente!

AGAMÊMNON

Na verdade, eu poderia reprimir tuas palavras e dominar
tua audácia com um castigo, mas minha espada sabe perdoar
até mesmo os cativos. Que antes se chame Calcante,
o intérprete dos deuses: se os destinos o exigirem, eu cederei.

Cena III

(PIRRO, AGAMÊMNON E CALCANTE)

AGAMÊMNON

Ó tu, que desataste as amarras da armada pelasga
e a demora da guerra, que tornas acessível o polo pela tua arte,
a quem o segredo das vísceras, a quem o fragor do céu
e a estrela que arrasta atrás de si um longo caminho de fogo
mostram os sinais do destino, tu, cujas palavras me significaram
tão alto custo, dize-nos, Calcante, o que o deus ordena
e orienta-nos com os teus conselhos.

CALCANTE

Os fados autorizam a partida dos dânaos pelo preço
a que estão habituados: a virgem deve ser imolada

sobre a sepultura do chefe tessálico,
mas com o cerimonial com que costumam casar-se
as jovens téssalas, da Jônia ou de Micenas;
que Pirro conduza a esposa até seu pai:
assim ela lhe será concedida conforme o ritual.
Entretanto não é este o único motivo que retém nossos navios.
É reclamado, Políxena, um sangue mais nobre que o teu sangue.
Quem os destinos exigem que seja atirado da torre mais alta
e sofra a morte é o neto de Príamo, o filho de Heitor.
Então, que a nossa armada encha o mar com as suas mil velas.

PRIMEIRO ESTÁSIMO

CORO

É verdade que as almas vivem, depois de enterrados os corpos?
Ou será uma fábula que ilude os temerosos?
Quando um cônjuge pôs a mão sobre os olhos do outro,
o último dia lhe roubou o sol
e a urna fúnebre recebeu suas cinzas,
será que de nada vale entregar a alma ao funeral,
mas que resta aos infelizes viver por mais tempo ainda?
Ou morremos inteiramente e nada sobra de nós
quando, com o último suspiro, nosso espírito
se perde no ar, misturado às névoas,
e a tocha sotoposta nos toca os flancos nus?
Tudo que o sol contempla ao nascer, tudo que contempla ao morrer,
tudo que o mar, com suas ondas azuis,
banha duas vezes, avançando e refluindo,
o tempo arrebatará com a velocidade de Pégaso.
Do mesmo modo que as doze constelações giram num turbilhão,
do mesmo modo que o senhor dos astros apressa os séculos a volverem,
do mesmo modo que Hécate se apressa em percorrer sua órbita oblíqua,
nós todos buscamos nossa morte.
E quem atingiu os lagos, pelos quais os deuses juram,
não mais existirá em parte alguma.
Como a fumaça do fogo ardente se desvanece,
embora escura por um momento,
como a força de Bóreas, o vento do norte, dissipa
as nuvens, que há pouco vimos pesadas,
assim também se evapora o sopro pelo qual somos regidos.
Depois da morte nada mais existe e nada é a própria morte,
a meta suprema de uma corrida veloz.
Que os gananciosos aí deixem a esperança; os tímidos, o medo.
O tempo guloso nos devora bem como o caos.

A morte é indivisível: destrói o corpo e não poupa a alma.
O Tênaro, reino sob um senhor inflexível,
e Cérbero, guardião que bloqueia o limiar de uma entrada não fácil,
são sons vazios e palavras inofensivas,
miragens iguais às do sonho agitado.
Queres saber em que lugar jazerás após a morte?
No lugar em que jazem os que não nasceram.

SEGUNDO EPISÓDIO

Cena I

(ANDRÔMACA, ANCIÃO, ASTÍANAX)

ANDRÔMACA

Por que, triste povo da Frígia, arrancais os cabelos
e, depois de terdes ferido o pobre peito,
banhais-vos com o pranto derramado?
São suaves as dores que sofremos se elas podem ser choradas.
Ílio tombou há pouco para vós,
mas há já muito tempo, para mim:
tombou quando o cruel filho de Peleu
arrastou meus membros, com seu carro veloz,
e o eixo, vergando ao peso de Heitor,
chegou a gemer em soturno lamento.
Esmagada e destruída, desde esse instante,
tudo que aconteceu depois
eu suporto entorpecida pela desgraça,
enrijecida, sem sentimentos.
Arrebatada aos dânaos, eu já teria seguido meu esposo
se este menino não me retivesse:
é ele quem domina meu espírito e me impede de morrer;
ele ainda me obriga a pedir alguma coisa aos deuses,
acrescenta mais tempo à minha dor.
Ele me tirou o maior proveito do sofrimento:
não ter medo de nada.
Foi-me arrancada qualquer condição para as coisas boas;
os males ainda têm caminhos por onde venham.
É muito triste temer quando nada mais se espera!

ANCIÃO

Que novo medo te oprime, quando já estavas tão aflita?

ANDRÔMACA

De uma grande infelicidade pode nascer uma infelicidade ainda maior.
A desgraça de Troia destruída ainda não terminou.

ANCIÃO

E que novas calamidades a divindade poderia inventar, ainda que quisesse?

ANDRÔMACA

As barreiras do profundo Estige e as escuras cavernas
estão abertas, para que o medo não abandone os vencidos;
os inimigos escondidos no âmago do Inferno saem.
Existe algum caminho de retorno, acessível somente aos gregos?
É certo que a morte é igual para todos;
perturba e agita os frígios este medo comum;
mas quanto a meu espírito, aterroriza-o especialmente
o sonho de uma noite horrenda.

ANCIÃO

Que visões tiveste? Fala-me de teu medo.

ANDRÔMACA

A noite revitalizadora ultrapassara quase duas partes de seu percurso
e as sete estrelas haviam feito voltar seu carro;
uma tranquilidade desconhecida, entretanto,
tomou conta de minha alma aflita
e um rápido sono deslizou sobre minhas pálpebras cansadas
- se é que é sono aquele torpor da mente fatigada -,
quando, de súbito, eis que Heitor apareceu ante meus olhos.
Não como outrora, quando, fazendo guerra aos argivos,
ameaçava os navios com as tochas do Ida;
nem como quando, enfurecendo-se com os gregos
pela grande mortandade,
arrancou despojos verdadeiros de um falso Aquiles.
Seu semblante não mostrava o olhar ardente:
apresentava-se, ao contrário, cansado e vencido,
abatido pelo choro e semelhante ao de um ser alquebrado,
coberto pela cabeleira desgrenhada.
Alegro-me, contudo, por tê-lo visto.
Então, sacudindo a cabeça, ele me disse:
'Dissipa teu sono, esposa fiel, e toma teu filho.
É preciso que ele se esconda.
Há apenas um meio de salvação: para de chorar.
Choras porque Troia caiu?
Oxalá toda ela estivesse por terra!
Apressa-te, porém.
Oculta, em qualquer lugar que seja,
a pequenina estirpe de nossa casa.'
Um gélido arrepio e um violento tremor sacudiram-me o sono.
Amedrontada, olhando para um lado e para o outro,
esquecida de meu filho e infeliz, procurei Heitor:

a sombra falaz desvaneceu-se através de meus abraços.
Ó meu filho, descendência legítima de um grande pai,
única esperança para os frígios, única esperança para uma casa aflita,
rebento excessivamente ilustre de um velho sangue,
excessivamente semelhante ao pai: meu Heitor tinha estes traços;
era igual no modo de andar, igual na postura;
tinha as mesmas mãos fortes, os mesmos ombros altivos;
da mesma forma, se mostrava ameaçador, com a fronte torva,
atirando para trás a cabeleira solta, com um meneio do pescoço.
Ó meu filho, que nasceste tarde para os frígios e cedo para mim!
Haverá, por acaso, um tempo, um dia feliz,
em que, defensor e vingador do solo troiano,
reedifiques Troia ressuscitada, reúnas os cidadãos dispersados
pela fuga e devolvas o antigo nome à pátria e aos frígios?
Mas, lembrada de meu destino,
tenho medo de augúrios tão grandiosos!
O que é suficiente aos cativos é que vivamos.
Ai de mim! Que lugar será seguro para o meu temor?
Em que abrigo eu te esconderei?
A cidadela poderosa pela riqueza e pelas muralhas dos deuses,
célebre entre todos os povos e digna de inveja,
é agora um amontoado de cinzas.
Tudo foi lançado à terra pelo fogo
e não sobrou, da cidade devastada, nem ao menos
um lugar em que se possa ocultar uma criança.
Que local escolherei como esconderijo?
Existe ainda, é certo, o enorme túmulo sagrado de meu querido esposo,
venerável ao inimigo. Aquele que o gerou - rei pródigo
para com seu luto - construiu esse túmulo com muita riqueza,
num imenso monumento. O melhor é que eu o confie ao pai.
Um frio suor escorre-me por todos os membros;
desventurada, eu temo o presságio do fúnebre lugar.

ANCIÃO

Este único motivo salvou a muitos da morte:
serem dados por mortos.

ANDRÔMACA

Apenas um pouco de esperança subsiste.
Um peso imenso o oprime: sua grande nobreza.
Para que ninguém o traia...

ANCIÃO

Afasta as testemunhas de teu ardil.

ANDRÔMACA

E se o inimigo o reclamar?

ANCIÃO

Morreu na cidade destruída.

ANDRÔMACA

De que adiantará ter-se escondido se vai ser capturado?

ANCIÃO

Só são ferozes os primeiros ímpetos do vencedor.

ANDRÔMACA

Por que não se pode esconder algo sem que se tenha tanto medo?

ANCIÃO

Que o desgraçado ocupe um abrigo; quem está em segurança, que o escolha.

ANDRÔMACA

Que lugar, que local recuado, inacessível,
te porá a salvo? Quem trará socorro aos temerosos?
Quem te protegerá? Quem sempre o fez.
Estende agora, Heitor, a tua proteção por sobre os teus.
Encobre o ardil de uma esposa piedosa;
acolhe com tua cinza fiel aquele que haverá de vencer.
Entra no túmulo, meu filho. Por que recuas
e desprezas o esconderijo, olhando-o de través?
Conheço a tua índole. Envergonha-te o temer.
Afasta os pensamentos grandiosos
e a lembrança de tua antiga coragem;
aceita o que a desgraça te deu.
Vamos! Vê que povo somos nós, os que sobrevivemos:
um túmulo, um menino, uma escrava. É preciso ceder aos males.
Anda! Tem a audácia de entrar na santa morada de teu pai sepultado!
Se o destino ajudar os infelizes, terás a salvação;
se o destino te negar a vida, terás um sepulcro.

ANCIÃO

As paredes do túmulo ocultarão teu ato,
mas, para que teu medo não o denuncie,
vai para longe daqui, afasta-te em sentido oposto.

ANDRÔMACA

Quem está amedrontado costuma ter menos medo se está por perto.
Mas, se é necessário, vamo-nos daqui para outro lugar.

ANCIÃO

Domina por um momento teus lábios e reprime teu pranto:
o rei dos cefalenos dirige para cá seu passo odioso.

ANDRÔMACA

Abre-te, terra. E tu, ó meu esposo, fende o solo,
ó convulso até as últimas cavernas,
e esconde este depósito meu no seio profundo do Estige.
Ulisses aproxima-se e vem realmente
com seu rosto e seus passos fingidos.
Trama alguma artimanha em sua mente astuta.

Cena II

(ANDRÔMACA, ULISSES, SOLDADOS GREGOS)

ULISSES

Ministro de um oráculo cruel, peço-te isto em primeiro lugar:
que não creias serem minhas as palavras,
embora sejam ditas por minha boca.
É a opinião de todos os próceres gregos
que o descendente de Heitor os impede de retornar aos lares, já tão tardiamente.
Os destinos o reclamam.
A inquieta desconfiança de uma paz incerta sempre dominará os gregos;
o temor sempre os obrigará a olhar para trás
e não permitirá que as armas sejam depostas
enquanto o teu filho der ânimo aos frígios vencidos.

ANDRÔMACA

É vosso adivinho, Calcante, quem prediz essas coisas?

ULISSES

E se Calcante, o adivinho, as calasse,
Heitor, por cuja estirpe me horrorizo, as diria.
As sementes de boa raça elevam-se conforme a sua origem.
Assim, o pequeno membro de um grande rebanho,
ainda sem ter a pele rasgada pelos primeiros chifres,
repentinamente, com a cerviz levantada e a fronte altiva,
conduz a grei paterna e comanda o gado.
Assim se levanta o tenro broto de um tronco cortado
e, em pouco tempo, igual ao genitor,
eleva-se para o alto, oferece sombras à terra e a folhagem ao céu.
Assim, apenas a abandonamos, a cinza de um grande fogo readquire o vigor.
O sofrimento é, sem dúvida, um injusto julgador de causas.
Se, contudo, fizeres uma avaliação contigo mesma,
compreenderás por que, após dez e igual número de verões,
o velho soldado teme outras mortes, bem como Troia, jamais completamente

abatida.
É uma causa importante que amedronta os dânaos:
o futuro Heitor. Liberta os gregos do medo.
É este o único motivo que paralisa os navios, imóveis;
por causa dele a armada está retida.
Porque, determinado pela sorte, eu exijo o filho de Heitor,
eu exigiria Orestes.
Suporta o que o próprio vencedor suportou.

ANDRÔMACA

Oxalá, meu filho, estivesses realmente em minhas mãos!
Eu saberia que desgraça ou que região te reteria,
a ti que foste arrancado de mim!
Eu nunca abandonaria os deveres maternais,
nem que meu peito fosse trespassado por setas inimigas
ou minhas mãos apertadas por algemas cortantes;
nem que fossem meus flancos cercados por ardentes labaredas.
Ó meu filho, que lugar te retém neste momento? Que sorte?
Percorres errante as campinas por ínvios caminhos?
Ou o imenso braseiro da pátria devorou teus membros?
Será que o vencedor cruel se divertiu a derramar teu sangue?
Ou porventura, despedaçado pela mordida de uma fera enorme,
serves de pasto às aves do Ida?

ULISSES

Basta de palavras fingidas. Não te é fácil enganar Ulisses.
Vencemos as artimanhas de mães, ainda que deusas.
Abandona esses planos inúteis. Onde está o teu filho?

ANDRÔMACA

Onde está Heitor? Onde estão todos os frígios? Onde está Príamo?
Tu procuras um; eu procuro todos.

ULISSES

Falarás obrigada o que te negas a falar espontaneamente.

ANDRÔMACA

Quem pode, deve e deseja morrer está em segurança.

ULISSES

A morte próxima destrói palavras grandiosas.

ANDRÔMACA

Se desejas forçar Andrômaca pelo medo, Ulisses,
ameaça-a com a vida, pois meu desejo é morrer.

ULISSES

Com chicotadas, com fogo, talvez com a tortura,
a dor te obrigará a falar contra a vontade aquilo que escondes.
Arrancará do fundo do teu peito os segredos ocultos.
A necessidade costuma poder mais do que a piedade.

ANDRÔMACA

Ameaça-me com chamas, com ferimentos,
com as terríveis formas de um suplício horrendo
e ainda com a fome, a sede, as diversas doenças,
o ferro mergulhado nas vísceras queimadas,
o flagelo de um cárcere fechado,
com tudo aquilo com que o vencedor temeroso ouse ameaçar.

ULISSES

É uma tola esperança esconder o que vais entregar sem tardança.

ANDRÔMACA

A mãe corajosa não admite nenhum temor.

ULISSES

O mesmo amor que te faz permanecer obstinada
ensina os gregos a velar pelos filhos pequeninos.
Depois de guerras tão longas, depois de dez anos,
eu temeria menos as ameaças que Calcante faz,
se as temesse por mim: tu preparas guerras para Telêmaco.

ANDRÔMACA

Contrafeita, Ulisses, eu darei uma alegria aos gregos:
ela tem de ser dada.
Liberta, ó minha dor, os prantos que reprimes!
Alegrai-vos, Atridas!
E tu, como costumas, leva notícias felizes aos pelasgos:
o filho de Heitor se foi!

ULISSES

Por meio de que juramento provas aos gregos que isso é verdade?

ANDRÔMACA

Desta forma: que me atinja o máximo
com que o vencedor possa ameaçar-me,
que os destinos me destruam com uma morte oportuna e fácil
e me enterrem no meu solo
e que a terra da pátria comprima levemente Heitor
se ele, meu filho, está privado de luz.
Ele jaz entre os mortos.
Posto no túmulo, recebeu o que é devido aos que já morreram.

ULISSES

Foram cumpridos os destinos.
A estirpe de Heitor está destruída.
Cheio de alegria, levarei aos dânaos
a notícia de uma paz duradoura.
Que fazes, Ulisses? Os danaides creem em ti.
Tu crês em quem? Em uma mãe?
Mas que mãe pode mentir sobre esse fato
e não tem medo do presságio de uma morte abominável?
Cumprirei a exigência do oráculo.
Demolirei o túmulo de alto a baixo.

ANDRÔMACA

O túmulo que vendestes!

ULISSES

Eu o farei. Derrubarei o sepulcro do alto desta colina.

ANDRÔMACA

Invoco o testemunho dos céus
e o testemunho de Aquiles.
Pirro, defende o presente de teu pai!

ULISSES

O túmulo cairá por terra imediatamente.

ANDRÔMACA

Este crime ainda não fora ousado pelos gregos.
Violastes os templos, mesmo quando os deuses vos eram favoráveis,
mas vossa fúria respeitara os túmulos.
Eu resistirei. Oferecerei às mãos armadas minhas mãos inermes.
O ódio me dará forças!
Qual feroz amazona que derrota as tropas argólicas,
ou qual mênade que aterroriza as florestas
com seus passos delirantes, possuída pelo deus,
e, fora de si, armada com uma lança,
provoca ferimentos e não percebe,
eu me lançarei no meio deles e, defendendo o sepulcro,
tombarei como companheira das cinzas.

ULISSES

Hesitais? Um fraco choro de mulher e uma fúria inútil vos comovem?
Cumpri minhas ordens sem demora.

ANDRÔMACA

Abatei-me primeiro com o vosso ferro!
Ai de mim, sou afastada por eles!
Rompe os obstáculos da morte, Heitor!

Levanta a terra! Para dominares Ulisses,
és suficiente, mesmo como sombra.
Ele brandiu as armas com a mão!
Está lançando chamas!
Vedes Heitor, gregos?
Ou só eu o vejo?

ULISSES

Destruirei o túmulo completamente, até os alicerces.

ANDRÔMACA

Que fazes? Prosternas numa única morte teu filho e teu esposo?
Talvez possas aplacar os gregos com uma súplica.
A massa enorme do túmulo vai esmagar o menino ali escondido!
Que o infeliz antes pereça em algum outro lugar
para que o pai não mate o filho e o filho não pese sobre o pai!
Junto a teus joelhos eu caio súplice, Ulisses,
e ponho sobre teus pés a minha destra
que não conheceu os pés de pessoa alguma.
Tem compaixão desta mãe e aceita as súplicas piedosas,
plácido e paciente.
Assim como os deuses te puseram num lugar mais alto,
oprime os vencidos com mais brandura:
tudo que se oferece ao pobre infeliz é oferecido à Sorte.
Dessa forma, que o leito de tua santa esposa possa rever-te
e que Laertes prolongue seus anos até que te receba de volta;
que teu jovem filho te acolha
e, ultrapassando vossos votos, com sua bela índole,
supere o avô em idade e o pai em talento.
Tem compaixão desta mãe!
Ele é o único lenitivo para a minha aflição!

ULISSES

Mostra teu filho e depois suplica.

ANDRÔMACA

Sai de teu esconderijo, frágil ardil de uma pobre mãe!

Cena III

(ANDRÔMACA, ASTÍANAX, ULISSES)

ANDRÔMACA

Aqui está, aqui está, Ulisses,
o terror de mil navios!
Abaixa as mãos e, prosternado,

adora os pés do senhor, com a mão suplicante!
Não julgues que seja vergonhoso
o que a Fortuna impõe aos desgraçados.
Arranca de tua memória a lembrança dos antepassados reais
e as leis do grande ancião, famosas em todas as terras.
Esquece Heitor, porta-te como escravo
e, com o joelho dobrado,
se ainda não podes sentir tuas dores,
imita o choro de tua mãe!
Troia já viu antes as lágrimas de uma criança real;
Príamo, quando pequeno,
assim afastou as ameaças do cruel Alcides.
Aquele herói violento, a cuja grande força todas as feras cederam,
que, tendo transposto o limiar do Inferno,
desvendou o caminho sombrio,
esse herói foi vencido pelas lágrimas do pequeno inimigo
e lhe disse: 'Segura, como rei, as rédeas,
e senta-te, altivo, no trono de teu pai.
Sustenta, porém, o cetro, com mais lealdade.'
Foi isto ser vencido por aquele vencedor!
Aprende a ter a ira suave de Hércules.
Ou será que só te agradam as armas de Hércules?
Jaz a teus pés, igual ao outro suplicante,
um suplicante que te pede a vida.
O reino de Troia, que a Fortuna o leve
não importa para onde!

ULISSES

É claro que a dor de uma mãe desesperada me comove,
mas me comovem mais as mães pelasgas
para cujo grande luto este menino cresce.
Ulisses não to negaria, mas Calcante o nega.

ANDRÔMACA

Ó maquinador de astúcias e artífice de crimes,
por cujo valor bélico ninguém morreu,
mas por cujas artimanhas e mentiras, de mente maléfica,
jazem até mesmo pelasgos!
Responsabilizas o adivinho e os deuses inocentes?
Este é um crime de teu coração.
Soldado noturno, corajoso para matar uma criança,
finalmente ousas fazer algo sozinho e durante o dia claro!

ULISSES

O valor de Ulisses é suficientemente conhecido pelos gregos
e excessivamente conhecido pelos frígios.
Não há tempo para passar o dia com palavras inúteis.
A armada está recolhendo as âncoras.

ANDRÔMACA

Concede-me um rápido momento, enquanto, como mãe,
rendo um último dever a meu filho
e, num último abraço, sacio minha dor faminta.

ULISSES

Oxalá fosse possível ter compaixão de ti.
Dar-te-emos, porém, a única coisa que é possível:
um momento, um pequeno retardamento.
Por tua vontade, vais enchê-lo de lágrimas;
o pranto alivia a dor.

ANDRÔMACA

Ó doce testemunho de meu amor,
glória de uma casa caída,
derradeiro funeral de Troia!
Ó temor dos gregos,
ó esperança inútil de tua mãe,
para quem eu almejava os louvores guerreiros do pai,
a idade do avô!
Um deus destruiu meus augúrios!
Não segurarás, poderoso, o cetro de Ílio no palácio real,
não concederás leis a teu povo
nem submeterás nações vencidas sob teu jugo,
não abaterás a retaguarda grega nem arrastarás Pirro;
não manejarás as armas de teu pai com tuas pequeninas mãos
nem perseguirás, audacioso, as feras espalhadas pelos bosques imensos;
e quando for estabelecido o dia do sacrifício quinquenal,
não comandarás os ágeis pelotões,
como criança nobre, dirigindo a cerimônia sagrada dos jogos troianos;
nem honrarás os templos bárbaros com uma dança antiga,
executada entre os altares, rápido, com os pés ágeis,
quando a trombeta recurvada tiver ressoado seus ritmos acelerados.
Ó gênero de morte mais triste que a bárbara guerra!
As muralhas verão algo mais lamentável
que a morte do grande Heitor!

ULISSES

Interrompe teu pranto, agora, mãe.
Uma grande dor não se impõe limites.

ASTÍANAX

Tem compaixão de mim, minha mãe!

ANDRÔMACA

Como consolação para tua mãe, deixa esta veste:
meu túmulo a tocou bem como os manes queridos.
Se alguma cinza se escondeu aqui,
eu a encontrarei com meus lábios.

ULISSES

Não há fim para este pranto.
Abreviai com maior rapidez o retardamento da armada de Argos.

SEGUNDO ESTÁSIMO

CORO

Que novo domicílio chama pelas escravas?
Os montes da Tessália e o Tempe sombrio?
Ou Ftia, a terra mais apropriada para produzir guerreiros?
Ou a pedregosa Traquine, boa para a criação de um forte rebanho?
Ou Iolcos, dominadora do vasto mar?
A extensa Creta, das cem cidades,
a pequena Girtona, a estéril Trica,
ou Motona, abundante em rápidos rios,
que, escondida nas florestas do Eta,
mandou mais de uma vez os arcos infaustos para a ruína de Troia?
Óleno, povoada de poucos telhados,
Plêuron, inimiga da deusa virginal,
ou Trezena, que se encurva à beira do vasto mar?
Pélion, que foi reino do soberbo Prótoo
e é o terceiro degrau para o céu?
Ali, deitado na concavidade de um monte escavado,
o corpulento Quirão, mestre de um menino belicoso,
instigava-lhe a fúria com o plectro
que feria as cordas sonoras da lira, cantando guerras.
Ou Caristo, rica em pedras coloridas,
ou Cálcis, que comprime a praia de um mar
sempre agitado pela rapidez do Euripo?
Talvez Calidna, dócil ao vento,
ou Gonoessa, que nunca está sem vento,
ou Enispa, que se amedronta com o Bóreas?
Pepareto, que se volta para as praias áticas,
ou Elêusis que se compraz com os mistérios sagrados?
Irão a Salamina, a pátria do verdadeiro Ajax,
ou a Cálidon, conhecida pela fera selvagem,
terras que o Titaresso banha, com suas águas preguiçosas,
antes de lançar-se ao mar?

Irão a Bessa, a Escarfeia ou à velha Pilos,
a Fáris, à Pisa de Júpiter, ou à Élida,
famosa por suas coroas?
Não importa aonde a triste procela atire as infelizes
ou a que terra as entregue,
contanto que Esparta, que causou tanta desgraça
a Troia e aos aqueus, fique distante;
que fiquem distantes, também, Argos e Micenas do cruel Pélops,
a pequena Néritos, menor do que Zacinto,
e a pérfida Ítaca dos rochedos enganadores.
Que destino te espera e que senhor te levará,
ó Hécuba, para seres vista por que terras?
No reino de quem tu morrerás?

TERCEIRO EPISÓDIO

Cena I

(HELENA, ANDRÔMACA, POLÍXENA, HÉCUBA, TROIANAS)

HELENA

Todo casamento lúgubre, funesto,
que acarreta lamentações, morte, sangue, gemidos,
é digno dos votos de Helena.
Sou coagida a causar dano aos frígios, mesmo vencidos:
sou obrigada, eu, a contar
a história de um falso casamento com Pirro,
a preparar a cerimônia e as vestimentas gregas.
A irmã de Páris será enganada por meu embuste
e morrerá por causa de minha mentira.
Pois que seja lograda! Julgo mesmo que isso será melhor para ela.
Morrer sem medo da morte é a morte que se deve desejar.
Por que hesitar em cumprir as ordens?
A culpa do crime se volta contra o mandante.
Ó virgem bem-nascida da casa dardânia,
um deus mais favorável começa a olhar pelos vencidos
e se prepara para dotar-te com um casamento feliz.
Tal enlace nem a própria Troia intacta nem Príamo te dariam,
pois quem te pede os santos juramentos de uma escolha legítima
é a suprema glória do povo grego,
a quem os campos tessálicos oferecem seus vastos reinos.
A grande deusa Tétis, todas as deusas do mar
e a plácida divindade da água encapelada, a nereida Tétis,
considerar-te-ão como parente.
Concedida a Pirro, Peleu, o sogro, te chamará nora;

e nora te chamará Nereu.
Tira essas vestes de luto, toma este trajo festivo;
esquece que és cativa, assenta esses cabelos desgrenhados
e permite que tua cabeleira seja penteada por mão capaz.
A desgraça talvez te conduza a um trono mais elevado.
Foi bom, para muitas, ser escravizadas!

ANDRÔMACA

Faltava apenas esta desgraça para os frígios vencidos:
alegrarem-se! Espalhadas, as ruínas de Pérgamo ardem.
Ó tempo de casamento! Quem ousaria negar?
Quem se dirigiria em dúvida ao leito nupcial que Helena aconselha?
Peste, ruína, perdas dos dois povos!
Vês estes túmulos de chefes e estes ossos nus,
em desordem, que jazem desenterrados pela planície?
Teu casamento espalhou tudo isto.
Por ti correu o sangue da Ásia, correu o da Europa,
enquanto olhavas indiferente os teus maridos.
Anda, prepara o casamento!
Por que se tem necessidade de tochas ou do facho solene?
Ou de fogo? Para estas novas núpcias,
há Troia que se incendeia.
Celebrai, troianas, o casamento de Pirro,
celebrai-o condignamente:
que ressoem os gemidos e as lamentações!

HELENA

Andrômaca chora Heitor;
e Hécuba, Príamo. Páris só pode ser chorado
por Helena às ocultas.
Suportar a escravidão é duro, odioso, pesado?
Há muito tempo que sofro esse jugo,
escrava durante dez anos!
Ílio está caído por terra, os Penates foram destruídos?
Perder a pátria é penoso, mas é mais penoso temê-la.
O companheirismo alivia a dor tão grande:
contra mim se enfurecem o vencido e o vencedor.
Quem receber alguma de vós como escrava
dependeu, por algum tempo, de um sorteio incerto.
Meu senhor me arrebatou sem nenhuma demora,
sem nenhum sorteio.
Fui eu a causa da guerra e de tantas mortes entre os teucros?
Julgai este fato com justiça:
se foi vosso navio que cortou os mares de Esparta,
se fui raptada pelos remadores frígios

e se a deusa vencedora me deu como prêmio ao julgador,
perdoai à presa.
Minha causa terá sempre um juiz enraivecido:
os julgamentos aguardam Menelau.
Agora, Andrômaca, esquecida um pouco de tuas mágoas,
procura convencer esta jovem.
À custa eu consigo reter minhas lágrimas.

ANDRÔMACA

Que desgraça tão grande é esta pela qual Helena chora?
Por que chora ela? Dize:
que perfídias, que crimes o Ítaco maquina?
A virgem vai ser lançada do cume do Ida
ou vai ser atirada do alto do rochedo da grande muralha?
Ou vai ser jogada no vasto mar,
por entre as pedras que o Sigeu levanta,
enfrentando a água com suas ondas agitadas?
Dize, fala o que escondes sob o rosto mentiroso.
Todas as desgraças juntas são mais suaves
do que Pirro ser genro de Príamo e de Hécuba.
Fala. Revela o castigo que preparas
e afasta de nossas dores ao menos isto:
ser enganadas.
Tu nos vês preparadas para suportar a morte.

HELENA

Oxalá o intérprete dos deuses me mandasse também
romper com a espada a espera deste dia odioso
ou morrer diante da sepultura de Aquiles,
pela mão furiosa de Pirro, como companheira de sua sina.
À infeliz Políxena:
Aquiles ordena que ela seja levada para junto dele
e sacrificada diante de suas cinzas
para que ele se torne seu esposo no Elísio.

ANDRÔMACA

Nós, Hécuba, nós, nós, Hécuba, é que devemos ser lamentadas,
nós, que a armada, ao partir, dispersará aqui e ali.
Esta, a terra querida a cobrirá no pátrio chão.

HELENA

Mais a invejarás se conheceres a tua sina.

ANDRÔMACA

Será que alguma parcela de minha desgraça ainda me é desconhecida?

HELENA

A urna das sortes já foi revolvida; já deu senhores às escravas.

ANDRÔMACA

A quem fui dada como serva? Fala... A quem devo chamar de senhor?

HELENA

O jovem de Ciros te recebeu no primeiro sorteio.

ANDRÔMACA

Cassandra feliz, a quem a loucura exclui do sorteio e Febo também!

HELENA

O chefe supremo dos reis a recebeu.

HÉCUBA

Rejubila-te, minha filha, alegra-te!
Como Cassandra desejaria o teu casamento!
Como Andrômaca o desejaria!
E há alguém que deseje que Hécuba seja considerada sua?

HELENA

Foste sorteada, como presa efêmera, ao Ítaco, que não te queria.

HÉCUBA

Quem foi o tirânico, mesquinho e feroz sorteador
de uma urna iníqua, que deu rainhas aos reis?
Que deus tão sinistro divide as escravas?
Que árbitro cruel e opressor para as desgraçadas é este,
que não sabe escolher senhores
e com a mão impiedosa traça um destino vergonhoso para as infelizes?
Quem é que mistura a mãe de Heitor às armas de Aquiles?
Sou chamada para junto de Ulisses!
Agora me vejo cativa;
agora me vejo tomada por todos os males.
Envergonho-me de meu senhor; não da servidão.
Levará o espólio de Heitor quem levou o de Aquiles?
A terra estéril e cercada de mares violentos
não abrigará meu túmulo.
Leva-me, leva-me, Ulisses; eu não me demoro;
acompanho o meu senhor.
Mas meus fados me acompanharão:
não sobrevirá no mar uma bonança tranquila,
os ventos se enfurecerão e as águas,
e a guerra e o fogo e todas as desgraças,
minhas e de Príamo.
Nesse meio-tempo, enquanto esses males não chegam,

já terás algum castigo:
fui sorteada para ti!
Já te roubei um prêmio!
Mas eis que Pirro se aproxima com passo apressado
e olhar raivoso.

Cena II

(HELENA, ANDRÔMACA, POLÍXENA, HÉCUBA, TROIANAS E PIRRO)

HÉCUBA

Por que hesitas, Pirro? Anda!
Fere meu peito com o teu ferro e reúne os sogros do teu Aquiles!
Prossegue, matador de velhos!
É este o sangue que te convém! Ele a leva, arrastada.
Maculai os deuses superiores, com um assassínio hediondo,
maculai os manes. Que poderia eu pedir para vós?
Peço mares dignos deste sacrifício.
Que aconteça a toda a armada pelásgica,
que aconteça aos mil navios aquilo que eu pedirei
que aconteça ao meu navio, quando eu for levada.

TERCEIRO ESTÁSIMO

CORO

É bom, para quem chora, que todo o povo seja infeliz;
é bom que as pessoas todas lhe façam eco às lamentações;
ferem mais suavemente as lágrimas e as tristezas
que a multidão compartilha, semelhante em seu sofrer.
O sofrimento é sempre maligno, sempre;
alegra-nos que a mesma sina seja distribuída a muitos,
que não sejamos os únicos a ter atraído a dor.
Ninguém se nega a sofrer a sorte que todos sofrem.
Suprime os felizes: ninguém se julgará desventurado,
mesmo que o seja; afastai os abastados,
que têm muito ouro, afastai os que aram
seus campos férteis, com centenas de bois:
o espírito abatido do desditoso se erguerá.
Ninguém se sente infeliz se não for posto em comparação.
Para quem está imerso em desmedida desgraça,
é bom que pessoa alguma tenha o rosto satisfeito.
Deplora e lamenta os fados
quem, cortando os oceanos, no seu barco solitário,
chegou despido de tudo ao porto almejado.
Aceita mais calmamente a má sorte e as procelas

quem viu mil embarcações tragadas pelo mar
e chega à praia, trazido por uma tábua arruinada,
no momento em que Coro domina as águas,
ao juntar os vagalhões.
Frixo se lamentou por Hele ter caído
quando o guia do rebanho, de áureo velo brilhante,
levou conjuntamente sobre o dorso o irmão e a irmã
e no meio do mar fez um brusco movimento.
Refrearam seus queixumes tanto Pirra como o esposo,
quando só viam água e nada mais do que água,
únicos seres humanos deixados na terra.
A armada, ao movimentar-se, desfará nossa tristeza
e espalhará nossas lágrimas aqui e ali,
quando os marinheiros, ao receber pela tuba
a ordem de soltar velas, se dirigirem ao mar alto,
ao impulso dos ventos e remos, e a praia desaparecer.
Qual será o estado de espírito das pobres desgraçadas
quando a terra diminuir e o mar crescer
e o Ida elevado esconder-se, ao longe?
Então o menino falará à mãe e a mãe ao filho,
mostrando em que lugar Troia se incendeia;
e ela apontará de longe, com seu dedo:
'Lá está Ílio, onde a fumaça, no alto,
serpenteia na direção do céu e as nuvens são escuras.'
Por este sinal os troianos reconhecerão a pátria.

ÊXODO

(UM MENSAGEIRO, HÉCUBA, ANDRÔMACA)

MENSAGEIRO

Ó destinos implacáveis, cruéis, miserandos, horrendos!
Que crime tão terrível, tão triste, Marte viu durante esses dez anos?
O que deverei chorar primeiro, ao contar?
Tua desgraça? Ou, antes, a tua, anciã?

HÉCUBA

Qualquer desgraça que chores, é a minha que chorarás.
A cada um oprime só a sua infelicidade; a mim, as de todos.
Tudo acabou para mim. Tudo que é de Hécuba é desventurado.

MENSAGEIRO

A virgem foi sacrificada, o menino foi atirado do alto da muralha.
Mas ambos receberam a morte com nobreza de espírito.

ANDRÔMACA

Fala-nos sobre essa sucessão de mortes, prossegue com o duplo crime.
Uma grande dor se compraz em revolver todas as suas feridas.
Faze o teu relato, narra-nos tudo.

MENSAGEIRO

Só resta uma torre da grande Troia,
a que era frequentada amiúde por Príamo, do alto da qual,
sentado na mais elevada ameia, como árbitro da guerra,
ele dirigia os batalhões. Dessa torre, apertando o neto
contra o peito afetuoso, enquanto Heitor afugentava os gregos
que corriam aterrorizados, com ferro e fogo,
o velho mostrava ao menino a peleja do pai.
Essa torre, outrora famosa, glória da muralha,
hoje um sinistro rochedo, foi cercada de todos os lados
pela multidão de chefes e de plebe.
Um sobe à parte mais alta de um monte abrupto,
outro a um telhado meio queimado ou a uma rocha pendente
da muralha arruinada. Outro, ainda - sacrilégio! -,
senta-se sobre o túmulo de Heitor, como um rude espectador.
Por esses espaços, repletos, com seu andar altivo,
o Ítaco avança trazendo pela mão
o netinho de Príamo; sem vacilar o menino
sobe à elevada muralha. Quando parou
na parte mais alta da torre, relanceou por todos os lados
um olhar enérgico, intrépido de coragem. Qual pequeno
e jovem filhote de grande fera, ainda incapaz
de ferir ferozmente com os dentes, mas que já ameaça
e tenta dar mordidas, embora inofensivas, e se enraivece no íntimo,
assim o menino, agarrado pela mão inimiga,
fervia de ódio, de maneira soberba. Ele comoveu o povo, os chefes
e o próprio Ulisses. Só ele não chora no meio de uma multidão,
toda inteira, que chora. E, no momento em que Ulisses repete
as palavras do vate fatídico e as preces e chama os deuses
cruéis para o sacrifício, ele se atira, espontaneamente,
no meio das terras de Príamo.

ANDRÔMACA

Que colco, que cita de morada incerta cometeu
um crime igual a este? Que povo das margens do Cáspio,
desconhecedor de leis, ousou algo semelhante?
Sangue infantil não aspergiu os altares do cruel Busíris,
nem Diomedes ofereceu a seus rebanhos membros tão pequenos,
para serem devorados. Quem recolherá teus restos
e os confiará a uma sepultura?

MENSAGEIRO

Mas que restos o precipício
permitiu que sobrassem? Os ossos espalhados e despedaçados
com a violência da queda, os traços do corpo ilustre,
o semblante e as conhecidas feições de seu nobre pai,
o peso do tombo confundiu no fundo do abismo;
o pescoço quebrou-se no choque com as pedras, a cabeça
abriu-se, saindo o cérebro para fora. É um corpo
sem formas que jaz.

ANDRÔMACA

Também nisso ele se assemelha ao pai.

MENSAGEIRO

Quando o menino caiu, de cabeça para baixo, do alto da muralha,
a multidão de aqueus chorou o crime que cometeu,
mas esse mesmo povo se dirigiu ao local do outro crime,
à colina de Aquiles, em cujo lado extremo
as águas do Reteu se embatem com ondas mansas.
Um campo circunda o lado oposto e, com suave declive,
um vale, fechando a metade do lugar, se estende
em forma de anfiteatro. Uma densa multidão
encheu toda a praia; alguns acreditam que o retardamento
da armada vai ser resolvido com esta morte; outros se alegram
porque a raça dos inimigos foi destruída; uma grande parte do povo,
inconsequente, abomina o crime, mas o contempla.
Os troianos não assistem ao funeral de um dos seus em número menor
e, pávidos de terror, veem o último espetáculo de Troia caída.
Quando de súbito se aproximam as tochas nupciais, conforme o costume,
e a prônuba, filha de Tíndaro, que baixara a triste cabeça,
os frígios exclamam: 'Que Hermíone se case dessa forma!
Que assim a torpe Helena seja devolvida ao marido!'
O terror mantém estupefatos os dois povos.
A jovem traz os olhos baixos pelo pudor,
mas suas faces brilham, no entanto,
e sua beleza extrema resplandece mais que de costume,
assim como a luz do sol poente costuma ser mais doce
que nunca no momento em que as estrelas aparecem
e o dia desfalecente é premido pela noite próxima.
Todo o povo se extasia e, juntos, louvam mais ainda
a virgem que vai morrer. A estes comove a beleza das formas;
àquele, a juventude; a outros, o incerto vaivém das coisas.
A alma corajosa e indiferente à morte comove a todos.
Ela se antecede a Pirro. Os espíritos de todos estremecem.
Admiram-se e se enchem de piedade. Assim que ela alcançou
o ponto mais elevado da íngreme colina e que o jovem Pirro
parou diante do túmulo do pai, erigido no alto,

a audaciosa virgem, cheia de virilidade, não recuou o passo.
Voltando-se na direção do golpe se ergueu destemida,
com olhar intrépido.
Uma coragem tão grande fere os espíritos de todos
e - novo prodígio! - Pirro é que hesita em matar.
No momento em que a mão retirou a espada enterrada,
no mesmo instante, atingida a virgem pela morte,
o sangue irrompeu do grande ferimento.
Mas nem morrendo ela perdeu a coragem.
Caiu, como para fazer a terra pesada para Aquiles:
de bruços, num ímpeto cheio de ódio.
As duas multidões choraram. Mas os frígios emitiram
um fraco gemido: foi o vencedor quem chorou mais alto.
Foi esta a sequência do sacrifício. O sangue derramado não parou
e não correu na superfície da terra. O túmulo cruel,
sem demora, sugou-o e o bebeu completamente.

HÉCUBA

Ide-vos, ide-vos, dânaos. Dirigi-vos agora, em segurança, a vossos lares.
A armada, com as velas infladas, singrará os mares almejados
com tranquilidade: a virgem e o menino morreram;
a guerra terminou. Para onde levarei as minhas lágrimas?
Onde rejeitarei o adiamento da morte desta anciã?
Chorarei minha filha ou meu neto? Meu esposo ou minha pátria?
Tudo isso ou a mim? Ó morte, só tu és meu desejo;
vens violenta para as crianças e para as virgens,
te apressas, cruel, por toda parte; temes apenas a mim,
evitas-me. Procurada durante uma noite inteira, entre
as armas e as flechas ardentes, fugiste de quem te desejava.
Nem o inimigo, nem o desmoronamento, nem o fogo destruiu
meus membros: e eu estava tão perto de Príamo!

MENSAGEIRO

Dirigi-vos à praia, com passo rápido, escravas:
os navios desfraldam as velas; a armada começa a mover-se.

AGAMÊMNON

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de José Eduardo S. Lohner

ARGUMENTO

Terminada a guerra de Troia, Agamêmnon regressa a Micenas. Clitemnestra, dividida entre medo e desejo de vingança, é incitada por Egisto. Cassandra, trazida como cativa, prevê o assassinato do rei e a própria morte. No palácio, Agamêmnon é morto; Electra tenta salvar Orestes, confiando-o a Estrófio, e a casa dos Atridas entra em novo ciclo de vingança.

PERSONAGENS

AGAMÊMNON
EGISTO
CASSANDRA
CLITEMNESTRA
ELECTRA
EURÍBATES
AMA
ESTRÓFIO
ORESTES (CALADO)
PÍLADES (CALADO)
ESPECTRO DE TIESTES
CORO DE MICÊNICAS OU ARGIVAS
CORO DE TROIANAS
SERVOS DE EGISTO
SOLDADOS DE AGAMÊMNON

ATO I

ESPECTRO DE TIESTES

Deixando a estância escura do deus infernal,
eis-me, da funda gruta do Tártaro enviado.
Sem saber qual das duas moradas mais odeie,
fujo dos ínferos, em fuga ponho os súperos.
Minh'alma treme e o medo deixa-me prostrado:
vejo o paterno, ou antes, o fraterno lar.
É esta a antiga entrada da casa de Pélope.
Aqui os pelasgos usam inaugurar na fronte
a régia insígnia. Neste trono, altivos, sentam-se
os que brandem seus cetros sob a mão soberba.
Este o local da cúria; ali o dos banquetes.
Vou recuar! Não é melhor nos tristes lagos
permanecer, ou junto ao guardião do Estige,
que exibe três cabeças sob as jubas negras?
Onde há um que, amarrado a uma roda veloz,
gira em torno de si, onde um labor inútil
malogra, a pedra vindo abaixo tantas vezes,
e um fígado fecundo a ave voraz lacera,
onde, no meio d'água, outro, de sede ardendo,
busca as águas em fuga, frustrados os lábios,
há de muito penar pela ceia dos deuses —
Mas que parcela é aquele ancião de nossa culpa?
Contemos todos que, por suas mãos infandas,
como réus põe na urna o inquisidor de Gnosso:
a todos eu, Tiestes, venço com meus crimes.
A vencer-me o irmão que me fartou dos filhos,
três, sepultos em mim? Devorei minhas vísceras.

Nem a Fortuna maculou só nisso um pai,
mas outro crime ousou, maior que o cometido:
faz-me buscar nefanda união com minha filha.
Sorvi sem medo o anúncio; consumei o crime.
Assim, para ser pai de meus pósteros todos,
presa, esta filha, aos fados, traz pesado o ventre,
digno de mim, o pai. Desanda a natureza:
o avô ao pai (ato nefando!), ao pai o esposo,
mesclei netos com filhos, com a noite, o dia.
Mesmo tardia, enfim nos vem, fartos de males,
só após nosso destino, a fé de incerto oráculo:
rei dos reis, Agamêmnon, chefe dentre os chefes,
a cujo pavilhão seguiram mil navios,
cobrindo com suas velas os mares troianos,
de Febo após dois lustros, dominada Troia,
aqui está, para dar à sua esposa o pescoço.
Logo imerso o palácio estará noutro sangue:
armas, secures, lanças, decepada ao duro
ataque da bipene, vejo a régia fronte.
Já os crimes estão perto, a fraude, a morte, o sangue:
apresta-se o festim. De tua nascença veio,
Egisto, a causa. O rosto teu, de que se peja?
Por que tua mão resvala trêmula e hesitante?
Por que é que te consultas, te afliges e indagas
se isso condiz contigo? Vê tua mãe: condiz.
Mas por que, numa noite de estio, este turno
dura um tempo hibernal, com uma longa demora?
O que detém no polo os astros em declínio?
Febo retemos; restitui ao mundo o dia.

CORO DE ARGIVAS

Ó Fortuna, enganosa para os reinos,
colocas, com teus magnos dons, no abismo
e na incerteza os que demais se elevam.
Nunca os cetros um plácido repouso
tiveram ou um dia sem ter susto:
a inquietude os fatiga, uma após outra,
e aflige os corações nova tormenta.
Nem nas Sirtes da Líbia o mar com tal
furor revolve os fluxos alternados,
nem agitadas do mais fundo leito
tanto do Euxino as ondas intumescem,
ao níveo polo avizinhadas,
lá onde, livre das cerúleas águas,
volve, o Boieiro, o carro luminoso,
como a Fortuna faz girar dos reis
a sorte instável. Querem ser temidos
e temem sê-lo, nem salvo retiro
a noite repousante lhes oferta,

nem o sono, que doma inquietações,
liberta-lhes o peito.
Que palácios um crime depois de outro
não pôs abaixo? Quais os que ímpias armas
não prostram? Os direitos e o pudor
e a sacra lealdade conjugal
fogem das cortes, que Belona triste
persegue com suas mãos sanguinolentas,
e Erínis, que consome os orgulhosos,
sempre a rondar as casas eminentes,
as quais ao chão, qualquer momento leva
desde as alturas.
Mesmo que cessem as armas e os ardis,
tudo que é grande, por seu peso afunda
e a Fortuna a seu próprio fardo cede.
Velas infladas com o favor dos Notos,
temeram os ventos que lhes são tão próprios;
inserido seu topo até nas nuvens,
do Austro pluvioso a torre sofre o açoite,
o bosque que derrama densas sombras
vê carvalhos anosos fraturar-se;
ferem, os raios, as altas colinas;
corpos maiores abrem-se a moléstias;
quando nos pastos livres corre o armento
selvagem, a cerviz mais elevada
agrada para o abate. O que para o alto
a Fortuna levou há de arruiná-lo.
Mais longa é a vida de hábitos modestos:
feliz quem é da multidão mediana,
em paz com sua sorte,
margeia as praias sob uma aura estável
e ao mar temendo confiar seu barco,
resvala a terra com o remo rente.

ATO II

CLITEMNESTRA, AMA

CLITEMNESTRA

Por que, alma fraca, anseias por conselho certo?
Por que flutuar? Já está fechada a melhor via.
Pudeste antes manter puro o leito de cônjuge
e solitário o cetro, em casta lealdade.
Perdeu-se lei, justiça, honra, afeto, confiança,
e o pudor, que, ao perder-se, não sabe voltar.
Larga as rédeas, e firme incita todo vício.
Sempre a via dos crimes com crimes se guarda.
Revolve agora ardis de mulher em tua mente.
O que uma esposa má e incapaz de conter-se,
num cego amor, e mãos de madrasta o que ousaram,

o que a virgem ardendo numa chama ímpia,
fugindo em nau tessália dos reinos do Fásis:
ferro, venenos... Ou escapa com teu sócio
da corte de Micenas, em barca furtiva.
Por que em fracos ardis, em exílio e fuga falas?
Tua irmã o fez; crime maior condiz contigo.

AMA

Raça ilustre de Leda, rainha dos dânaos,
o que engendras calada ou, carente de senso,
que ferozes impulsos trazes na alma túrgida?
Inda que cales, toda a dor está em teu rosto.
Assim, seja o que for, cede-te um tempo e um prazo.
O que a razão não pode, a espera às vezes cura.

CLITEMNESTRA

Excrucio-me muito para que ature a espera.
Meu ser chamas consomem e a meu coração.
Mesclado à dor, o medo crava-me aguilhões.
Meu peito o ciúme espanca. Sob o jugo, um torpe
desejo me oprime a alma e vencer não se deixa,
e em meio a esses ardores de uma mente obsessa,
exaurido, porém, e derrotado e náufrago,
rebela-se o pudor. Puxam-me águas opostas,
como uma onda, quando o vento e os fluxos rasgam
o mar, não sabe, incerta, a que mal vá ceder.
De igual modo, soltei de minhas mãos o leme:
onde me leve a ira, onde a dor, a esperança,
lá eu irei; às vagas entreguei meu barco.
Quando a alma segue errante, o acaso é o melhor guia.

AMA

Um cego desatino tem por guia o acaso.

CLITEMNESTRA

Quem no extremo infortúnio está que risco teme?

AMA

Salva e oculta está tua culpa, se pacientas.

CLITEMNESTRA

Todo vício da casa real transparece.

AMA

Sofres pelo primeiro e tramas novo crime?

CLITEMNESTRA

É grande inépcia moderar-se na maldade.

AMA

Cresce o temor de quem com crime encobre um crime.

CLITEMNESTRA

O ferro e o fogo às vezes servem de remédio.

AMA

Ninguém um ato extremo já de início tenta.

CLITEMNESTRA

Sob risco, há que tomar-se o mais curto caminho.

AMA

Que te demova o nome sagrado de esposa. [155]

CLITEMNESTRA

Há dez anos viúva, honrarei meu marido?

AMA

De tua prole com ele é um dever recordar-te.

CLITEMNESTRA

Sim, e dos fachos nupciais de minha filha,
do genro Aquiles: com esta mãe houve lealdade?

AMA

Ela foi de uma esquadra imóvel o resgate, [160]
e incitou mares presos numa lenta inércia.

CLITEMNESTRA

Vergonha e dor! Raça do céu, filha de Tíndaro,
a vítima lustral gerei da esquadra dória.
Remordo na minha alma as núpcias dessa virgem,
as quais ele fez dignas da casa de Pélope: [165]
junto do altar, o pai, com olhar de um vitimário.
Que núpcias! Teve horror Calcante, das respostas
de sua voz e das chamas que retrocediam.
Ó casa que com crimes sempre vence crimes:
Ventos pagos com sangue; a guerra, com assassínio! — [170]
Mas mil navios deram à vela ao mesmo tempo?
À esquadra não largou sob um deus favorável,
Áulis as ímpias naus repeliu de seu porto.
Sob tais auspícios não se faz a melhor guerra.
No amor da prisioneira preso, imune a rogos, [175]
obteve o espólio esmínteo do ancião de Febo,
já louco então de ardor pela sagrada virgem.
Nem o indômito Aquiles o dobrou com ameaças,
nem o único a ver os destinos do mundo,
p'ra nós áugure certo e vão para as cativas, [180]
nem soldados enfermos, nem piras luzentes.
Na extrema derrocada da Grécia ruente,
vencido sem inimigo, mingua e dá-se a Vênus,
reaviva seus amores. Para nunca o leito
solitário privar de concubina bárbara, [185]
a de Lirnesso elege, tomada de Aquiles:

roubou-a, sem pudor, dos braços do varão.
O inimigo de Páris! Leva agora nova
ferida e na paixão ferve da vate frígia,
e após troféus troianos e arrasada Ílio,
unido a uma cativa, genro vem de Príamo.
Apresta-te, minh'alma! Empreendes árdua guerra.
Antecipe-se o crime. O que aguardas inerte?
Que noras frígias portem de Pélope o cetro?
Acaso te detêm as virgens de tua casa
e, igual ao pai, Orestes? Compungem-te os males
que a eles hão de vir, e em vórtice os ameaça;
tardas por que, infeliz? Para teus filhos, eis
uma madrasta em fúria. Se não há saída,
que se crave em teu flanco a espada e mate os dois.
Mescla o teu sangue, perde o esposo teu perdendo-te:
não é triste morrer com quem se quer morrer.

AMA

Refreia-te, rainha, e faz cessar esse ímpeto.
Medita no que intentas. Ele, vencedor
da Ásia feroz, da Europa o víndice, traz Pérgamo
cativa e em largo tempo vencidos os frígios.
Ora te empenhas em atacar com ardil e engano
quem com a feroz espada Aquiles não feriu,
embora, em fúria, a mão tenha armado insolente,
nem Ájax, o mais bravo, louco a impor-lhe a morte,
nem aos dânaos e à guerra o só entrave, Heitor,
nem de Páris o dardo certo e o negro Mêmnon,
nem o Xanto que corpos e armas amontoa,
e o Simoente de águas rubras da matança,
nem Cicno, raça nívea do equóreo deus,
nem a falange trácia, com Reso belígero,
nem, armada de pelta e machado, a Amazona
com a aljava pintada; a ele, que retorna,
vais imolar, manchando o altar com ímpia morte.
A Grécia, vencedora, há de sofrer tal feito?
Imagina os cavalos e as armas e hirsuto
o mar de naus e o solo inundado de sangue,
toda a sina da casa dardânia cativa
lançada sobre os dânaos. Tolhe afetos cruéis,
pacifica tua mente em favor de ti mesma.

EGISTO, CLITEMNESTRA

EGISTO

A hora que temi no peito, sempre, e na alma
é por certo chegada e extrema meus apuros.
Por que recuar, minh'alma, e, no primeiro ataque,
depor as armas? Crê: destruição e um terrível
destino é o que os severos deuses te preparam.

Opõe tua vil pessoa a todos os suplícios
e rebate, com peito hostil, o ferro e as chamas,
Egisto: a quem assim nasceu não dói morrer.
Tu, sócia de meus riscos, tu, fruto de Leda,
segue-me apenas; ele o sangue há de pagar-te,
esse chefe indolente e valoroso pai.
Mas por que a palidez cinge tua face trêmula
e não se move o baixo olhar no rosto inerte?

CLITEMNESTRA

Vence o amor conjugal e me move de volta.
Retornemos ao ponto de onde não convinha
nos afastar; ressurja agora a boa-fé,
pois nunca é inoportuna a via da ação reta.
Quem do erro se arrepende é quase um inocente.

EGISTO

Onde, insana, te deixas levar? Crês ou esperas
ser fiel uma união de Agamêmnon? Se nada
te restasse no peito a gerar forte medo,
porém, soberba e infrene, com tão largo sopro,
Fortuna a ele daria um ânimo tumente.
Foi férreo a seus pares, Troia ainda em pé;
o que achas que a esse ser, atroz por natureza,
Troia lhe acrescentou? Rei de Micenas foi,
virá como tirano: o êxito infla as almas.
Dispersa ao seu redor, a grei de amantes vem.
Quanto aparato! Mas no bando só se avulta
a fâmula do deus veraz e encanta o rei.
Vais aturar, vencida, a sócia do teu leito?
Mas ela não. Supremo mal é a quem se casa,
no lar do esposo, às claras a rival reinar.
Não querem sócio o trono e o leito conjugal.

CLITEMNESTRA

Por que, Egisto, abaixo uma outra vez me empurras
e a ira que já cede incitas com mais chamas?
Vencedor, permitiu-se algo com uma cativa?
Não deve olhar a isso a esposa e soberana.
Há uma lei do trono e outra para o leito.
E quanto a impor severas leis a meu marido,
minha alma não o admite, ao ver meu erro torpe.
É fácil perdoar se de perdão careces.

EGISTO

É assim? Apraz-te um pacto de mútuo perdão?
Ignoras ou são novos os direitos régios?
Para nós maus juízes; brandos para si,
pensam que é este o mor penhor da realeza:
ser lícito, a eles só, o que não é aos outros.

CLITEMNESTRA

Perdoada, Helena volta a unir-se a Menelau,
após males iguais lançar à Europa e à Ásia.

EGISTO

Mas ninguém lhe tirou, em amor furtivo, o Atrida,
nem dele o coração tomou, preso ao da esposa.
Já um crime este investiga e prepara o processo.
Supõe que tu nada de torpe cometeste;
de que adianta uma vida honesta e sem delitos?
Se teu senhor te odeia, inculpa-te sem inquérito.
Voltarás desprezada a Esparta e a teu Eurotas
e ao pátrio lar, qual fugitiva? Não dão vez
ódios de reis: em vão do medo alívio esperas.

CLITEMNESTRA

Meus crimes ninguém sabe, exceto um confidente.

EGISTO

Nunca a lealdade adentra as portas dos palácios.

CLITEMNESTRA

Pagando-a vou obtê-la com o penhor do ouro.

EGISTO

Lealdade que o ouro paga, com ouro se compra.

AMA

Surge o pudor que resta da alma de outrora.
Por que turbá-la? Por que dar, com voz melíflua,
maus conselhos? Contigo irá casar-se, é claro,
deixando o rei dos reis; a nobre e um exilado?

EGISTO

E por que te pareço inferior ao Atrida,
eu, de Tiestes filho?

AMA

E se é pouco, inclui "neto".

EGISTO

Em Febo tenho origem; desta não me pejo.

AMA

De uma estirpe nefanda é Febo o autor que citas,
a quem, freando sua parelha, em noite súbita,
do céu tangeste. E apoias nos deuses tua infâmia?
Douto no astuto assalto aos leitos conjugais,
a quem só temos por varão no amor ilícito,
some depressa e afasta o impudor de uma ilustre
casa: esta é reservada a um rei e a um varão.

EGISTO

Para mim não é novo o exílio; afiz-me aos males.
Se tu mandas, rainha, não só desta casa
ou de Argos me vou: não demoro, à tua ordem,
a abrir com o ferro o peito oprimido de dor. [305]

CLITEMNESTRA

Caso o consinta eu, cruel filha de Tíndaro.
Quem para errar se junta, unido está na culpa.
Retira-te comigo, para que este quadro
dúbio e arriscado nossas mentes esclareçam.

CORO DE ARGIVAS

Cantai, ó jovens ínclitas, a Febo! [310]
A ti a grei em festa
vem coroada, a ti, brandindo o louro,
os virginais cabelos,
como é lei, desatou a estirpe inupta
de Ínaco; acompanha, [315]
tebana forasteira, tu também,
os nossos coros,
e tu que do Erasino em fontes frias,
e tu, no Eurotas,
e tu que no Ismeno silencioso, [320]
de verdes margens, bebes,
a quem Manto, pressaga dos destinos,
nascida de Tirésias,
os filhos de Latona em sacros ritos
fez celebrar. [325]
Refeita a paz, a corda do teu arco,
Febo, relaxa,
pesada de ligeiras setas, do ombro
desprende a aljava
e o toque de tua mão ágil ressoe [330]
a sonorosa lira.
Nada severo e grande seja entoado,
em elevados tons,
mas quero o canto simples, qual costumas
com a lira mais ligeira [335]
modular, quando a douta musa aos teus
jogos atenta.
Ainda que soes em mais grave corda,
como cantavas
quando aos Titãs vencidos pelo raio [340]
os deuses viram,
ou quando montes, a elevados montes
sobrepostos, serviram
de degraus para monstros truculentos;
ergueu-se o Pélio [345]

por sobre o Essa, a ambos comprimiu
o pinífero Olimpo.
Assiste-nos, ó irmã e esposa, sócia
do magno cetro,
Juno régia: cultuamos-te em Micenas,
devotas tuas,
somente tu esta Argos sem sossego
e suplicante,
proteges, tu conduzes com mão firme
a guerra e a paz;
agora tu, os louros de Agamêmnon
colhe vitoriosa.
De multífuro buxo a tíbia um canto
a ti solene entoa;
a ti as jovens vibram doutas cordas,
num carme melodioso,
as mães da Grécia agitam para ti
tocha votiva;
ao pé de teus altares alva fêmea
de um touro irá tombar,
sem ter sofrido o arado, na cerviz
sem ter sinal do jugo.
E tu, ó filha do magnitonante,
ínclita Palas,
que tantas vezes as dardânias torres
alvejaste com a lança,
cultua-te a mais jovem e a mais velha
matrona, em coro misto,
e à chegada da deusa o sacerdote
descerra os templos.
Para ti, de guirlandas vem cingida
a multidão.
A ti velhos longevos e curvados,
pelo voto alcançado,
rendem graças, vertendo com mão trêmula
vinhos em libação.
E a ti, Trívia, no tom usual, devotas,
fazemos nossas preces:
Tu, à materna Delos, sede fixa,
Lucina, ordenas ter,
antes aqui e ali errando como
Cíclade aos ventos;
Agora, estável já, prende-se à terra,
firme a raiz,
repele os ventos e retém os barcos
que antes seguia.
Tu, vitoriosa, os funerais numeras
da mãe, raça de Tântalo:
agora no alto cume está do Sípilo,

plangente penedia,
e ainda os mármores antigos novas
lágrimas vertem.
Cultuam com fervor, mulher e homem,
os deuses gêmeos.
E tu, antes de todos, pai e guia,
potente com teu raio,
a cujo aceno, os dois polos extremos
juntos tremeram,
de nossa raça, Júpiter, o autor,
libente aceita os dons
e olha como ancestral por tua prole
que não se degenera.
Mas eis que a largos passos move-se um soldado;
traz, apressado, claros sinais de alegria:
sua lança tem na ponta do ferro um laurel.
Ao rei sempre fiel, é Euríbates quem chega.

ATO III

EURÍBATES, CLITEMNESTRA

EURÍBATES

Os templos e os altares divos e o lar pátrio,
após longa demora, exausto e em mim mal crendo,
suplicante venero. Pagai as promessas.
Retorna enfim, glória sem par da terra argólica,
a seus penates, Agamêmnon vitorioso.

CLITEMNESTRA

Uma feliz mensagem chega a meus ouvidos.
Onde o esposo por quem há dez anos reclamo
se detém? Ele avança por mar ou por terra?

EURÍBATES

Ileso, erguido em glória, ínpar em sua fama,
no porto ansiado os pés imprimiu de regresso.

CLITEMNESTRA

Sacras hóstias celebrem um dia enfim próspero
e aos deuses, que, propícios, são, porém, morosos.
Tu, revela se vive o irmão de meu esposo
e revela o local que minha irmã habita.

EURÍBATES

Faço-lhes os melhores votos e oro aos deuses,
pois veta-me a certeza a sorte de um mar dúbio.
Tão logo a esquadra esparsa expôs-se ao mar tumente,
um navio aliado não pôde ver o outro.
E até o Atrida, errando pelo mar imenso,
sofreu no mar mais graves danos que na guerra

e volta qual vencido, de tão grande esquadra,
poucas e rotas naus trazendo, vencedor.

CLITEMNESTRA

Fala-me que infortúnio essas naus engoliu,
que capricho do mar dispersou nossos chefes.

EURÍBATES

É amargo narrar. Mandas unir funesta
notícia a uma alegre. Furta-se a falar
minha alma aflita, e sente horror de tantos males.

CLITEMNESTRA

Conta-nos; quem evita saber suas desditas
agrava o medo; mais tortura o mal incerto.

EURÍBATES

Mal Pérgamo cedeu inteira ao fogo dórico,
foi dividido o espólio. O mar buscam apressados.
Da espada o flanco exausto o soldado alivia,
jazem os escudos sobre as popas desprezados,
os remos acomodam-se a mãos de guerreiros,
toda demora é muito longa a quem se apressa.
Na régia nau, brilhando o aviso do retorno
e instruindo, a tuba clara, o alegre remador,
dourada proa aponta os primeiros caminhos
e abre as rotas que mil navios vão cortar.
Então, de início, uma aura suave leva os barcos,
escoando pelas velas. A onda, em leve agito,
tranquila, a custo treme exposta ao mole Zéfiro
e sob a esquadra o mar reluz e ora se esconde.
Alegra ver de Troia os litorais desnudos
e os ermos arredores do Sigeu deserto.
Têm pressa os jovens todos de vergar os remos,
puxados junto, com as mãos ajudam os ventos,
e movem os braços fortes, num alternado esforço.
Sulcado, o mar se encrespa e estoura contra os cascos
e alvas espumas cortam as águas azuladas.
Quando, mais forte, uma aura estende os panos cheios,
largam seus remos, confiou-se o barco ao vento.
Nos bancos solto, o nauta ou vê o quanto as velas
separam-se das terras, que fogem bem longe, —
ou narra a guerra: ameaças de um Heitor bravio,
o carro e o corpo entregue a uma pira comprada,
manchado Jove Herceu pelo sangue de um rei.
Então esse que, manso o mar, brinca, indo e vindo,
e, em arco o dorso, galga a onda que intumesce,
peixe tirreno, salta por todo rebojo,
faz giros e em cortejo nada junto aos flancos,
alegre às naus se adianta e então de novo as segue;

o grupo ora brincando rela os esporões,
ora contorna e lustra o milésimo barco. [455]
Já todo o litoral se encobre e os campos somem,
e os altos do monte Ida mostram-se indistintos;
e o que já só um persistente olhar avista,
parece, em Ílio, a fumaça, negra nódoa.
Do jugo exaustos dorsos já Titã libera, [460]
dos astros já se inclina a luz, já oblíquo o dia.
Cresce pequena nuvem numa escura esfera,
mancha o nítido disco de Febo poente.
Matizado, o ocidente fez suspeito o mar.
O anoitecer espalha estrelas pelo céu; [465]
sem vento as velas jazem. Então, grave murmúrio,
prenhe de ameaças, cai do cimo das colinas
e longo tempo as praias e os rochedos gemem;
A onda infla agitada aos ventos que vão vir,
súbito a lua então se esconde, estrelas caem; [470]
nem há somente noite: um denso nevoeiro [472]
sobre as trevas e, extinta toda a luz, confunde
mar e céu. Baixam juntos, de todos os lados,
e o pélago, turbado desde o fundo, agarram, [475]
o Zéfiro de encontro ao Euro e o Noto, ao Bóreas.
Seus dardos cada qual despede e infestam férvidas
vagas: um turbilhão faz contorcer-se o mar.
Atira neves altas o trácio Aquilão
e areias, o Austro líbico, e sirtes agita. [480]
Nem fica no Austro a fúria: o Noto, farto em nuvens,
com chuva aumenta as ondas: o Euro bate o Oriente,
os reinos nabateus turba e os confins da Aurora.
E o irado Coro, então, a erguer no oceano a face?
Era de crer que o mundo inteiro era arrancado [485]
de suas bases e, aberto o céu, que os próprios deuses
despencavam, cobrindo a tudo um negro caos.
Resistem ao vento as ondas e o vento de volta
as faz rolar; o mar em si mesmo não cabe: [489]
aos astros se ergue o pélago, perece o céu
e a borrasca e os refluxos mesclam suas águas. [490]
Nem este alívio é dado, enfim, às desventuras:
ver e saber ao menos de que mal perecem.
As trevas lhes oprimem os olhos; do atro Estige
faz-se a noite infernal. Chamas caem, porém,
e, contraída a nuvem, fulge o raio atroz [495]
e aos aflitos, tal é o dulçor dessa má luz,
que a pedem. Por si mesma a esquadra se avaria,
proas e flancos abalroam-se uns aos outros.
Aquele, o mar, ao entreabrir-se, arrasta abaixo,
engole-o e num outro mar o regurgita; [500]
um, por seu peso afunda, outro o flanco partido
submete às ondas, este, imensa vaga encobre;

aquele, destroçado, sem seus aparelhos,
leve flutua, nem velame ou remos restam,
nem reto mastro que sustente as altas vergas,
mas, amputada, nada a popa em todo o Jônio.
Nada ousa o senso e a praxe: a arte cede aos males.
O horror detém os braços e, largada a faina,
todo nauta se assombra, o remo escapa às mãos.
Aos votos o temor supremo força os míseros -
e a mesma prece fazem, troianos e dânaos.
Quanto é o poder dos fados! Pirro inveja o pai,
Ulisses, a Ájax, o mais jovem Atrida, a Heitor,
a Príamo, Agamêmnons; ao que jaz em Troia,
feliz o chamam, quem morrer logrou em luta,
quem a fama eterniza e o chão vencido cobre.
"Sem glória ousar, o mar nos levará e as ondas?
Fados estéreis vão destruir fortes varões?
Deve perder-se nossa morte? Quem dos deuses
Jove, de tantos males inda não saciado,
serena enfim teu nume: mesmo Troia lágrimas
por nossas perdas verteria. Se teus ódios
duram e te apraz que vá à ruína a raça dórica,
de que serve conosco perderem-se aqueles
por quem nós nos perdemos? Para o mar hostil:
Dânaos leva essa frota? Leva ainda troianos."
Não podem prosseguir: o mar abafa as vozes.
Eis outra destruição. Palas, do raio armada
de Jove iroso, tenta, minaz, quanto pode
não com sua lança, ou com a égide e a fúria
gorgônea, mas com o fogo paterno; e do céu
sopram novas procelas. Só e ínvicto, Ájax
luta contra os reveses. Ao colher suas velas,
preso o cabo, uma chama caindo o roçou.
Outro raio é lançado: este, com todo ímpeto,
Palas, recuada a mão, certeiro despediu,
à imitação do pai. Cruzou Ájax e o barco
e consigo levou parte do barco e de Ájax.
Ele, sem se mover, qual rocha abrupta, na água
ergue-se chamuscado, rasga o mar insano,
rompe no peito as ondas; agarrado à nau
com a mão, arrasta as chamas e no negro mar
Ájax reluz; as águas todas resplandecem.
Enfim sobre um rochedo, troa furibundo
ter superado as águas e as chamas: "Exulto
porque venci o céu, Palas, o raio, o mar!
A mim não rechaçou o terror do deus bélico
e a Heitor e a Marte, juntos, sozinho enfrentei.
Nem os dardos de Febo apearam-me do posto:
venci-os com os frígios. De ti vou ter medo,
que alheios dardos mandas com tua destra inábil?

E se ele próprio os atirar?". Mais delirava
e o golpe do tridente o pai Netuno faz
ruiu a rocha, erguendo da água funda a fronte,
e rompe o escolho, que ao cair levou consigo,
e jaz, vencido em terra, ao fogo e pelo mar.
Náufragos, outra perda maior nos provoca.
Há uma água rasa, falsa pelos vaus de abrolhos,
onde pedras abriga, em rebojos vorazes,
e falaz Cafareu. Arde o mar nos escolhos
e ferve sempre o fluxo em vezes alternadas.
Eleva-se escarpado um cume, que aos dois mares
domina de um e de outro lado: aqui, as praias
do teu Pélope e o Istmo, solo estreito e curvo,
que impede o mar da Jônia de unir-se ao de Frixo;
ali, no crime Lemnos famosa, e ainda Cálcis
e Áulide, lenta para as naus. Ocupa o cume
o genitor de Palamedes: na mão ímpia
erguendo um claro lume, do vértice extremo,
conduz a frota às pedras, com seu facho pérfido.
Encalham os barcos, presos em rochas agudas.
São destroçados em vaus rasos, de pouca água.
De um, vai-se uma parte e outra assenta no escolho;
com este, que recua, um outro então colide,
e, destruído, o destrói. Já os barcos temem a terra
e o mar preferem. Com a luz cessou o furor.
Depois de expiada Ílio, Febo já retorna
e os danos dessa noite, o dia ostenta triste.

CLITEMNESTRA

Choro ou me alegro pelo esposo que regressa?
Seu retorno me alegra; já do reino a grave
ferida faz que eu chore. Pai, que os reinos reges
altíssonos, aos gregos faz brandos os deuses.
Folhas alegres cubram agora toda fronte,
ecoem doces sopros da flauta sagrada e,
ante altas aras, tombe uma vítima nívea.
Mas eis a triste turba de Ílio, sem trato
nos cabelos: à frente, com seu passo altivo,
em transe, a vate agita o laurel consagrado.

CORO DE TROIANAS

Ah, quão doce esse mal lançado aos mortais,
da vida o acerbo amor, embora se abra aos males
um refúgio e aos desditosos chame a morte redentora,
plácido porto de eterno repouso.
Terror algum, nem da impetuosa
Fortuna a procela o perturba, ou do hostil
Tonante a flama.
Sua paz profunda nem conjura de civis

não teme ou iras minazes de um vencedor,
nem mares insanos sob os ríspidos Coros,
nem batalhões ferozes ou nuvem poeirenta [600]
erguida por bárbaras catervas de cavaleiros,
nem povos que sucumbem com toda a cidade,
quando chamas inimigas devastam as muralhas
ou a guerra indomável.
Há de toda servidão romper [605]
quem os deuses levianos despreza,
quem o aspecto do Áqueronte escuro,
quem sem tristeza o triste Estige avista
e ousa pôr fim à própria vida,
par de um rei, ele, par dos deuses será. [610]
Ó que miséria é não saber morrer!
Vimos a pátria ruir
numa noite funesta, em que os tetos dardânios
invadíeis, chamas dóricas. [613a]
Vencida ela não foi na guerra, nem nas armas,
como outrora tombou sob a hercúlea fáretra; [615]
não a venceu o filho de Peleu e Tétis
e aquele que era caro ao tão feroz Pelida,
quando brilhou nas armas recebidas
e desbaratou, falso Aquiles, os troianos,
ou quando o próprio Pelides rancores ferozes, [620]
lutuoso, suportou e, veloz no salto,
as troianas o temeram do alto das muralhas.
Ela perdeu, em meio aos males,
a glória última de ser vencida com bravura:
por cinco e mais cinco anos Troia resistiu, [625]
fadada a perecer pelo ardil de uma só noite.
Vimos a falsa oferenda
de porte imenso e dos dânaos [627a]
o fatal presente trouxemos, crédulos,
com nossas mãos; tremeu, por vezes,
o sonípede ao beirar a entrada, nos flancos [630]
levando os reis e a guerra ocultos;
e pudemos reverter o ardil, para os próprios
pelasgos caírem em sua trama:
por vezes, agitados, seus escudos ressoaram
e um tácito murmúrio tocou nossos ouvidos, [635]
tão logo Pirro, não submisso
o ardiloso Ulisses, fremiu.
Alheia ao medo, em Troia a juventude
alegra-se ao tocar as sacras cordas.
Astianax, aqui, coevas turmas [640]
conduz, e ali, a noiva da tessália
Pirra: ela leva as turmas de meninas, ele, as de rapazes. [642-643]
As mães, em festa, aos deuses trazem dádivas votivas,
em festa os pais dirigem-se aos altares. [645]

Em toda urbe existe um só semblante
e o que depois dos funerais de Heitor nunca mais vimos,
Hécuba está alegre.
Agora o quê, dor infeliz, primeiro,
e que, por último, tu vais chorar?
As muralhas, por mão divina erguidas
e demolidas pela nossa,
ou os templos em chamas sobre os deuses seus?
Então cabe lacrimar por esses males:
por ti choram as troianas, nobre pai.
Eu vi, eu vi, na cerviz do ancião,
à arma de Pirro mal ser tingida
pelo exíguo sangue.

ATO IV

CASSANDRA, CORO

CASSANDRA

Contende as lágrimas que sempre há de pedir-se,
troianas, e, de grado, com um lamentoso
gemido, vossos mortos chorai: meus pesares
recusam sócio. Vossas queixas afastai
de meus reveses. A meus males baste eu mesma.

CORO

Conforta nossas lágrimas unir;
mais arde quem suas dores, em segredo,
o dilaceram;
apraz chorar os seus abertamente.
Nem tu, embora virgem varonil
e aos males resistente,
tantas ruínas poderás chorar.
Nem o que um canto trêmulo, num ramo
vernal, entoa, o triste rouxinol,
Ítis melodiando em vários sons,
nem mesmo a ave bistônia que, pousada
no alto dos tetos, gárrula, lastima
as ímpias fraudes do cruel marido,
queixosa, poderá condignamente
prantear tua casa.
Ainda que queira, o luminoso Cicno,
em meio a níveos cisnes,
ele que habita junto ao Istro e ao Tânais,
entoar o último canto, ainda que alcíones
o Cêix seu ecoem sob o leve
planger das ondas,
quando, mal-avisadas, no tranquilo
pélago, ousadas, creem novamente
e acalentam os filhotes, assustadas,

no ninho que balança; [685a]
nem se, a moles varões tendo imitado,
contigo os braços lacerasse a triste
turba que, em louvação da deusa Mãe
torreada, em transe, ao som da flauta rouca,
o peito fere e chora o frígio Átis. [690]
Não tem, Cassandra, fim o nosso pranto,
pois é infinita a dor que padecemos.
Mas por que arrancas da cabeça as fitas sacras?
Os aflitos mais devem culto aos deuses, acho.

CASSANDRA

Os nossos males já venceram todo medo. [695]
Não tento os deuses aplacar com prece alguma.
Se dor querem causar, nem há como fazê-lo:
por si mesma, a Fortuna esgotou suas forças.
Que pátria agora resta, que pai ou que irmã?
O sangue meu beberam túmulos e altares. [700]
E o que é daquela grei feliz de meus irmãos?
Extinta, é claro. Vago o palácio, largados,
os pobres velhos olham, em meio a tantas núpcias,
para as noras viúvas, salvo a da Lacônia.
A mãe de tantos reis, dos frígios dirigente, [705]
Fecunda para as chamas, Hécuba, dos fados
sofrendo novas leis, vestiu rosto feroz:
ladrou raivosa a rodear suas ruínas,
resto de Troia, Heitor, Príamo e de si própria.

CORO

Faz súbito silêncio a febeia e domina [710]
seu rosto a palidez e todo o corpo treme.
Eriçaram-se as fitas e os lisos cabelos.
O peito arfante freme num abafado múrmur,
o olhar balança incerto e os olhos, retroversos,
retorcem-se e, de novo, imóveis, enrijecem. [715]
Ora ergue a fronte aos ares, mais do que o normal,
e avança altiva; e tenta a boca relutante
abrir, ora as palavras, cerrados os lábios,
mal consegue reter, mênade entregue ao deus.

CASSANDRA

Por que me incita o impulso de um novo furor? [720]
Por que, sagrados cumes do Parnaso, insana
me rendeis? Para trás, Febo, já não sou tua.
Extingue as chamas entranhadas em meu peito.
Por quem já erro louca e berro qual bacante?
Já caiu Troia. Falsidades vaticino? [725]
Onde estou? Foge a luz nutriz, profunda noite
turva-me a face e o éter se oculta nas trevas.
Mas eis que brilha o dia à luz de duplo sol

e duplicada Argos mostra dois palácios.
Do Ida vejo os bosques? Árbitro fatal,
entre potentes deusas senta-se o pastor?
Temei, ó reis, advirto-vos, espúria raça:
viu rasar um palácio essa cria dos bosques.
Por que essa insana ostenta, na mão de mulher,
a espada nua? A que homem busca, com a destra,
trajada qual lacônia e com arma de Amazona?
Que outra visão atrai agora os olhos meus?
De feras vencedor, colo altaneiro, jaz,
sujeito a infames presas, o leão marmárico:
sofreu de audaz leoa mordidas cruentas.
Por que vós me chamais, dos meus só a restar,
sombras minhas? Eu sigo a ti, meu pai, sepulto
por toda Troia; irmão, auxílio para os frígios,
terror dos dânaos, eu, a antiga glória tua
não vejo ou mãos no fogo aquecidas dos barcos,
mas membros lacerados e, em grossos grilhões,
teus braços maltratados. Sigo a ti, que cedo
demais peitaste, ó Troilo, Aquiles. Tens feições,
ó Deífobo, incertas, dom da nova esposa.
Que júbilo avançar pelos lagos estígios,
que júbilo avistar o cruento cão do Tártaro
e os reinos do ávido Plutão. Hoje esta barca
do negro Flegetonte levará almas régias:
vencida e vencedora. Ó Sombras, eu vos rogo,
Água a que os deuses juram, a ti rogo igualmente,
do polo negrejante abri um pouco o dorso,
que o leve rol dos frígios divise Micenas.
Contemplai, miserandos: invertem-se os fados.
Insurgem esquálidas irmãs,
vibram vergastas de serpentes,
nas mãos sinistras, tochas negras,
têm faces pálidas e inchadas
e a veste de um negror funéreo
envolve ilhargas carcomidas.
Medos noturnos estrondeiam;
a ossada de um vultoso corpo,
roída em lenta podridão,
num pântano limoso jaz.
Eis, pois, o ancião extenuado,
as águas que em seus lábios brincam
ele não sorve, alheio à sede,
o funeral futuro o aflige.
Exulta Dárdano e avança
marchando a passos imponentes.

CORO

Já depois de alastrado, o furor perdeu força

e ela cai de joelhos, qual, ante os altares,
o touro, com a ferida aberta sobre a nuca.
Seu corpo ergamos. Eis que enfim para seus deuses
regressa, com o laurel da vitória, Agamêmnon
e, em festa, a esposa pôs-se a andar ao seu encontro [780]
e vem de volta junto dele ao mesmo passo.

AGAMÊMNON, CASSANDRA (CLITEMNESTRA, SERVOS)

AGAMÊMNON

Enfim retorno são e salvo aos lares pátrios.
O terra amada, salve! A ti bárbaros povos
deram espólios; a opulenta soberana
da Ásia potente submeteu as mãos a ti. [785]
Por que essa vate, frouxo o seu corpo e tremente,
desmaia e dobra a nuca? Servos, suspendei-a
e reanimai-a com água fresca, já revive;
tem olhos turvos. Recupera teus sentidos!
Eis o almejado porto para os sofrimentos. [790]
Dia de festa!

CASSANDRA

Em Troia houve um também.

AGAMÊMNON

Rezai ao pé do altar.

CASSANDRA

Tombou meu pai num altar.

AGAMÊMNON

Preces iguais dizei a Jove.

CASSANDRA

A Jove Herceu?

AGAMÊMNON

Crês estar vendo Ílio?

CASSANDRA

E a Príamo igualmente.

AGAMÊMNON

Aqui Troia não é.

CASSANDRA

Onde há uma Helena, é Troia. [795]

AGAMÊMNON

Não temas tua senhora, ó serva.

CASSANDRA

Eis-me liberta.

AGAMÊMNON
Vive segura.

CASSANDRA
A morte é minha segurança.

AGAMÊMNON
Teu risco é nulo.

CASSANDRA
Para ti, porém, é imenso.

AGAMÊMNON
Quem vence, há de temer o quê?

CASSANDRA
O que não teme.

AGAMÊMNON
Ó servos, tropa fiel, até que largue o deus,
guardai-a, nada tente o seu furor sem freio.
A ti, porém, ó pai, que raios cruéis atiras,
nuvens dissipas, rei dos astros e da Terra,
a quem os vencedores votam seus espólios,
e a ti, irmã do esposo onipotente, argiva
Juno, com vítimas e vísceras votivas
e os árabes aromas, cultuarei libente.

CORO DE ARGIVAS
Argos notável de notáveis cidadãos,
Argos querida da irada madrasta,
sempre crias colossais alimentas;
o número dos deuses, de ímpar tornaste par:
o teu dileto mereceu, com duas vezes seis trabalhos,
ser acolhido ao céu, o grande Alcides,
para quem Jove, revogada a lei do mundo
as horas duplicou da noite orvalhada
e a Febo ordenou
que mais devagar os carros céleres movesse
e, a tuas bigas, que volvessem lentamente,
pálida Febe. [818a]
À estrela recuou que, em vezes alternadas,
muda de nome e se admirou
de ser chamada Vésper. À Aurora moveu
na vez usual a cabeça e, deslizando,
pousou seu colo sobre o velho esposo.
Sentiu o nascente, sentiu o poente
que Hércules nascia: um ser tão vigoroso —
não numa só noite podia criar-se.
Para ti o mundo móvel estancou,
ó criança fadada a subir ao céu.

Sentiu-te, prensado em teu braço
cerrado, o fulmíneo leão de Nemeia
e a corça da Parrásia;
Sentiu-te o vastador do campo arcádio
e o touro gemeu, ao deixar,
horrendo, as terras de Dicte.
Domou o dragão fecundo em mortes,
nem o deixou renascer, ao cortar-lhe o pescoço,
e esses gêmeos,
de um só peito três monstros nascidos,
e esmagou atacando-os ao golpe da clava
e levou para oriente o hespério gado,
despojo do triforme Gerião.
Conduziu o rebanho trácio
que, não com a relva do rio Estrimão
ou às margens do Hebro, um tirano nutriu:
perverso, de seus hóspedes o sangue aos estábulos
ferinos ofertou, e os dentes cruentos,
por último, o sangue desse auriga tingiu.
A Hipólita feroz viu
ser arrancado de seu peito
o espólio e, pelas setas dele
atingida a nuvem, a ave do Estinfalo
caiu do alto céu
e a árvore fértil em pomos dourados,
não afeita à colheita, temeu suas mãos
e escapou aos ares com o ramo mais leve;
ao vibrar da lâmina, ouviu o ruído
o gélido vigia que ignora o sono,
quando, repleto, Alcides já deixava
todo o bosque vazio do fulvo metal.
Arrastado ao céu, o cão dos infernos,
por tríplice cadeia, calou-se, não ladrou —
por boca alguma,
as cores temendo da luz desconhecida.
A teu comando tombou
do dardânida o mendaz palácio
e os arcos, que outra vez temeria, sentiu;
Troia caiu, a teu comando, em tantos dias
quanto agora em anos.

ATO V

CASSANDRA

Dá-se dentro algo imenso, que iguala os dez anos.
Ah, isso o que é? Minh'alma, apruma-te e desfruta
os teus furores. Frígios, vencidos, vencemos.
Viva, ressurges Troia! Arrastaste, arrasada,
símil Micenas; já debanda o vencedor.

Nada tão claro nunca o furor de vidente
ostentou aos meus olhos; vejo e assisto e fruo.
Imagem dúbia não engana o meu olhar:
contemplemos. No régio paço, lautas épulas,
qual foi o último banquete para os frígios,
celebram-se. De Ílio luz no leito o ostro
e tomam vinho no ouro do vetusto Assáraco,
e ele, deitado e altivo, em traje matizado,
de Príamo em seu corpo leva o rico espólio.
Ordena-lhe a mulher tirar a veste inimiga
e envolver-se no manto pela mão tecido
de fiel esposa. Sinto n'alma horror e tremo:
êxul e adúltero o algoz de um rei e esposo?
Veio o destino: as épulas finais verão
do soberano o sangue em Baco ser vertido.
Mortífera, amarrado, entrega-o a uma morte
pérfida a veste que o cobriu: prendem-lhe as mãos
e atam a cabeça as dobras frouxas e sem fenda.
Seu flanco, o falso homem rasga com mão trêmula,
não cravou fundo: em pleno golpe ele vacila.
Mas, como um hirto javali, na mata funda,
preso na rede, tenta, no entanto, escapar,
e, inquieto, aperta o laço, em fúria contra a rede,
aquele as dobras cegas, que vazam dos lados,
quer romper e procura, enlaçado, o inimigo.
Bipene em punho, irosa, de Tíndaro a filha,
qual popa que, no altar, as cernelhas dos touros
aponta com o olhar antes que vibre o ferro,
ela, a mão ímpia, assim balança aqui e ali.
Eis! Consumado está! De estreita parte pende,
mal amputada, sua cabeça e o sangue jorra
do tronco; a face, com um frêmito, desaba.
E ainda não recuam: ataca, ele, o corpo
sem vida e o lacera; ela, ajuda o algoz.
Semelham, ambos, com tamanho crime, os seus:
ele, vem de Tiestes; ela, irmã de Helena.
Titã, em meio a sua jornada, para, incerto
se segue a própria rota ou a que impõe Tiestes.

ELECTRA

Foge, ó único amparo da morte paterna,
foge e evita as perversas mãos dos inimigos.
Foi arruinada nossa casa, o reino cede.
Quem é esse que corre num carro ligeiro?
Irmão, teu rosto ocultarei com minha veste.
Por que te resguardar, tola? Os de fora temes?
São de temer os desta casa. Deixa o medo,
Orestes: vejo os braços fiéis de um amigo.

ESTRÓFIO, ELECTRA

ESTRÓFIO

Deixada a Fócida, retorno, eu, Estrófio,
honrado com a palma da Élida. Vim
congratular o amigo, presa em cujas mãos
Ílio tombou, batida em dez anos de guerra.
Quem, com suas lágrimas, a face triste banha,
aflita de pavor? Noto-lhe a estirpe régia.
Por que, num próspero palácio, o pranto, Electra?

ELECTRA

Meu pai foi morto pelo crime de uma mãe.
Busca-se o filho para uni-lo ao pai na morte.
Pelo adultério, Egisto detém o poder.

ESTRÓFIO

Oh, nunca dura o tempo de felicidade!

ELECTRA

Pela memória, eu te suplico, de meu pai,
por seu famoso cetro, pelos deuses dúbios,
acolhe Orestes e este casto furto oculta.

ESTRÓFIO

Embora cause medo a morte de Agamêmnon,
vou fazê-lo, de grado ocultando-te, Orestes.
A boa sorte quer lealdade, a má exige-a.
Toma esta insígnia da disputa desportiva
como adorno da fronte; tua esquerda, tendo
a folha da vitória, esconda-te a cabeça
no verde ramo e, dom de Júpiter piseu,
de abrigo e de presságio valha-te essa palma.
Tu que no carro o assento partilhas com o pai,
saibas, por meu exemplo, Pílades, ser leal.
E vós, ágeis corséis, a Grécia agora o atesta,
fugi a toda brida este local traiçoeiro.

ELECTRA

Retirou-se, partiu. Com forte impulso, o carro
saiu de vista. Já segura, aguardarei
meus inimigos e darei, de grado, aos golpes
a cabeça. Eis a que venceu, cruenta, o esposo,
traz na veste manchada os sinais do homicídio
e, do sangue recente, suas mãos ainda úmidas.
As feições truculentas mostram em si os crimes.
Irei para os altares. Deixa que eu, Cassandra,
que temo sorte igual, me cubra com tuas fitas.

CLITEMNESTRA, ELECTRA

CLITEMNESTRA

Ímpio ser e audaz, hostil à própria mãe,
como ousas, uma virgem, ir ter com o povaréu?

ELECTRA

Virgem que sou, casa de adúlteros deixei. [955]

CLITEMNESTRA

Quem uma virgem te creria?

ELECTRA

Filha tua...

CLITEMNESTRA

Respeito com tua mãe.

ELECTRA

E afeto que me ensinas?

CLITEMNESTRA

Trazes, no peito inchado, um ânimo viril;
domada pela dor, saberás ser mulher.

ELECTRA

Salvo engano, às mulheres fica bem o ferro. [960]

CLITEMNESTRA

Achas, insana, que conosco te equiparas?

ELECTRA

Convosco? Esse teu outro Agamêmnon, quem é?
Fala como viúva: morreu teu marido.

CLITEMNESTRA

Tais palavras ferozes de impiedosa virgem,
depois, como rainha, vou punir. Mas antes, [965]
diz-me onde está meu filho, onde está teu irmão.

ELECTRA

Já fora de Micenas.

CLITEMNESTRA

Devolve meu filho.

ELECTRA

E tu, meu pai devolve.

CLITEMNESTRA

Em que local se esconde?

ELECTRA

Local seguro. Em paz, não teme novos reis.
À mãe justa isso basta; a uma adúltera é pouco? [970]

CLITEMNESTRA

Morrerás hoje.

ELECTRA

Seja, pois, em tua mão.
Deixo os altares. Se te agrada mergulhar
em meu pescoço o ferro, de bom grado o exponho.
Ou se te apraz, como a ovelhas, degolar-me,
minha nuca estendida espera por teu golpe. [975]
O crime já se apresta: por ferir o esposo
conspurcada, em meu sangue lava a tua destra.

CLITEMNESTRA

Parceiro de meus riscos e da realeza,
vem, Egisto, esta filha ataca a genetriz,
sem dó nem piedade, e nos oculta o irmão. [980]

EGISTO, ELECTRA, CLITEMNESTRA

EGISTO

Moça, reprime a fúria e o tom da voz infanda
e palavras indignas de ouvidos maternos.

ELECTRA

Vai repreender-me até o autor de infando crime,
filho de um crime, nome ambíguo para os seus,
a um tempo só, filho da irmã, neto do pai? [985]

CLITEMNESTRA

Egisto, tardas em ceifar com o ferro essa ímpia
criatura? Entregue já teu irmão ou tua alma.

EGISTO

Reclusa num escuro cárcere de pedra,
passe a vida; de muitos modos torturada,
devolver talvez queira quem agora oculta. [990]
Pobre, indigente, prisioneira, toda imunda,
viúva antes das núpcias, no exílio, odiada,
sem ver o céu, sucumbirá mais tarde à dor.

ELECTRA

Peço-te a morte.

EGISTO

Se a enjeitasses, dar-te-ia:
um inepto é o tirano que pune com a morte. [995]

ELECTRA

O que a supera?

EGISTO

A vida, se queres morrer.
Carregai esse monstro, servos, e, levada

longe, além de Micenas, nos confins do reino,
prendei-a sob a noite de uma gruta escura,
virgem rebelde, possa o cárcere domá-la. [1000]

CLITEMNESTRA

Essa, no entanto, sofra a pena capital,
cativa e cônjuge, do régio leito amásia.
Trazei-a; siga o cônjuge de mim roubado.

CASSANDRA

Não me arrasteis, irei por mim antes de vós.
Apresso-me em levar primeiro aos frígios meus [1005]
a nova: encheu-se o mar de barcos destruídos,
Micenas foi rendida, o chefe de mil chefes,
para sofrer sorte igualável à de Troia,
por dom, traição, ardil de mulher pereceu.
Nada retemos; abatei-me, até agradeço. [1010]
Ah! que júbilo ter sobrevivido a Troia!

CLITEMNESTRA

Morre em fúria!

CASSANDRA

Também a vós virá uma fúria. [1012]

OTÁVIA

PSEUDO-SÊNECA

Tradução de Fernanda Vieira Gôzo

ARGUMENTO

Otávia, filha de Cláudio e esposa de Nero, vê o imperador decidir pelo divórcio para casar-se com Popeia. Enquanto a jovem lamenta a ruína da família e a violência da corte, o povo romano protesta em seu favor. Sêneca tenta conter Nero, mas o imperador ordena a repressão. Acusada e exilada, Otávia é enviada para longe de Roma e para a morte.

PERSONAGENS

OTÁVIA
AMA
CORO ROMANO
SÊNECA
NERO
CENTURIÃO
AGRIPINA
POPEIA
MENSAGEIRO

OTÁVIA

Já a aurora fulgente afasta do céu
os astros errantes,
surge o sol com seu cabelo radiante
e devolve o luminoso dia ao mundo.
Vamos, atormentada por tantos males,
repita seus lamentos já habituais,
maiores que dos alcíones marinhos,
e das aves de Pandíon,
mais miserável que o deles é o seu destino.
Ó, mãe, sempre por mim chorada,
primeira causa dos meus males,
ouça o triste lamento de sua filha
se nas sombras ainda há sentimento.
Se ao menos Cloto com suas velhas mãos
tivesse rompido meu fio de vida,
antes que eu visse, deplorada, suas feridas,
e seu rosto manchado com sangue horrendo!
Ó, luz, sempre para mim funesta!
Desde aquele tempo a luz do que as trevas
é mais odiosa:
suportei de uma madrasta cruel as ordens,
os olhares ferozes e a alma hostil;
ela, ela como a terrível Erínis,
ao meu leito nupcial trouxe chamas infernais
e te assassinou, pai miserável,
quem há pouco o mundo todo obedeceu,
além do oceano
e do qual os bretões fugiram
e, antes desconhecidos por nossos comandantes,
viviam libertos.
Ai de mim, pai, pelas perfídias de uma esposa
estás morto, tua casa e tua filha servem
como cativas a um tirano.

AMA

Qualquer um que se espante com o primeiro fulgor

e se encante com os frágeis bens de uma corte enganosa,
veja como a fortuna, de repente, com seu ímpeto,
agora despojou a grandiosa casa
e a estirpe de Cláudio, a cujo império
o mundo se submeteu, o Oceano, livre por muito tempo,
obedeceu-lhe e, de mal grado, recebeu embarcações.
Ele que foi o primeiro a impor sua autoridade aos britanos,
e a cobrir mares desconhecidos com imensas frotas,
e ao passar ileso em meio a povos bárbaros
e mares selvagens, morreu pelo crime da esposa;
e depois ela por um filho, de cujo veneno
um irmão morreu. A irmã e esposa infeliz
não consegue esconder o luto insuportável,
mas é coagida pela ira do marido cruel.
Refugia-se sempre, cintilando um ódio
pelo esposo que é por ela recíproco.
Minha lealdade e devoção consolam
em vão sua alma ferida: rejeita
meu conselho, nem pode dominar o ardor
de seu nobre espírito, mas tira forças do infortúnio.
Ah, que nefando crime meu medo prevê!
Tomara a vontade de um deus possa evitá-lo.

OTÁVIA E AMA

OTÁVIA

Ó, minha fortuna, igualável a
nenhum mal, mesmo que
eu repita tuas lágrimas, Electra!
Em prantos, você pôde chorar pela morte
de seu pai,
vingar o crime por meio de um irmão
quem tua fidelidade e devoção tirou do
inimigo e protegeu
o medo não permite que eu chore
por meus pais arrebatados por uma sorte cruel e impede que
eu lamente a morte de um irmão
no qual residia minha única esperança
e um breve consolo dos meus males.
agora, estando em luto, resto
como uma sombra de uma nobre família.

AMA

Ah! A voz de minha triste criança
magoa meus ouvidos:
a lentidão da velhice me impedirá
de entrar em seu quarto?

OTÁVIA

Enxugue minhas lágrimas, ama,

testemunha fiel de minhas dores.

AMA

Que dia te salvarás de tantos aflições,
infeliz?

OTÁVIA

Aquele que me enviar para as sombras estígias.

AMA

Imploro que estes presságios estejam longe.

OTÁVIA

Tuas preces não regem minhas desventuras
e sim o destino.

AMA

Para tuas aflições um deus brando
concederá melhora,
agora, já mais calma, vence teu marido
com ternas carícias.

OTÁVIA

Antes venceria leões selvagens e tigres ferozes,
do que o coração brutal do tirano selvagem.
Ele odeia os nascidos de sangue nobre,
despreza os deuses e homens igualmente
e não pode lidar com a própria fortuna,
que deu a ele por meio de um crime monstruoso
uma mãe abominável.
Mesmo que o ingrato se envergonhe do presente
da mãe odiosa
ter auferido o poder imperial mesmo que
com a morte retribua tamanho dom:
porém essa mulher carregará esse título depois de sua morte
na eternidade.

AMA

Retém as palavras do teu espírito em fúria,
suprime as frases proferidas sem pensar.

OTÁVIA

Embora eu padeça de sofrimentos que são suportáveis
meus males nunca podem ser esgotados
a não ser por uma morte cruel.
Depois de ter a mãe morta, o pai assassinado por um criminoso,
ser privada de meu irmão, coberta de luto e miséria,
com o choro contido, odiada por meu marido
escrava de minha serva, odeio a luz,
meu coração sempre treme de medo – não da morte
mas da maldade: se não houver culpa em meu fim,
será uma alegria morrer. A morte não é punição mais grave que

ver a face inchada e selvagem - ai de mim! -
desse tirano, beijar meu inimigo
de quem até mesmo as carícias
eu não poderia tolerar após a terrível
morte de meu irmão, cujo reino ele detém
e se compraz com sua morte o autor de um crime infando.
Quão frequente a sombra do meu verdadeiro irmão
surge diante de meus olhos, quando o repouso relaxa meus membros
e o sono fecha meus olhos cansados de chorar!
Ele se arma, com suas mãos fracas, de tochas negras
e golpeia os olhos e o rosto de meu irmão,
refugia-se trêmulo em meu quarto
seus inimigos o perseguem e, se apegando a mim,
o violento desliza a espada em meu flanco.
Então um tremor e um grande pavor expulsa-me dos sonhos
e renova o luto e o medo de minha miséria.
Acrescenta uma amante soberba, vivaz,
em posse de espólios de nossa casa, para presenteá-la, o filho
embarcou sua mãe numa embarcação mortífera
quem, depois de ter naufragado e superado o mar,
foi morta com espada mais selvagem do que os mares.
Que esperança há para mim, depois de tanta impiedade?
Minha inimiga vitoriosa espreita meu leito
e irradia seu ódio por mim, deseja a cabeça
de uma esposa legítima como preço do adultério.
Surge da sombra e ajude tua filha
que o invoca, ó, pai, ou depois de romper
a terra, abre o abismo infernal para me engolir.

AMA

Em vão clamas pelo fantasma de teu pai,
infeliz, em vão, porque nas trevas não conserva para sua prole
nenhuma consideração. Cláudio foi capaz de preferir
um nascido de outro sangue a seu filho,
e, dominado pelo amor, tomou como esposa a filha de seu irmão
em união amaldiçoada,
a partir disso gerou uma série de crimes, assassinato, traição,
ambição por poder, sede de sangue.
O genro tornou-se vítima do sogro
para que por meio de teu casamento não se tornasse poderoso.
Que crime monstruoso! Silano foi um presente dado a mulher
para cobrir de sangue
sua família ancestral, culpado de crime fictício.
O inimigo entrou, ai de mim! Tomou a casa,
por meio da astúcia da madrasta, feito genro e filho
do imperador, jovem de gênio abominável
e capaz de crimes, cuja mãe maligna acendeu
a tocha e por medo casou-te à força.
Vitoriosa e embrutecida por seu sucesso,

ousou ameaçar o sagrado governo do mundo
quem pode contar os mais diversos tipos de crime,
a esperança nefanda e os truques brandos da mulher
enquanto ela tomou o reino por uma série de crueldades?
então santa Pietas recolheu seus passos nervosos
e uma Erínis selvagem, com pés imortais,
entrou no templo vazio, desonrou com tocha infernal
seu coração sagrado, rompeu as leis da natureza
e tudo que é divino. A esposa preparou para o marido
venenos selvagens, e depois foi morta por um crime
de seu filho. Tu também jaz morto,
jovem infeliz, sempre motivo de choro para nós,
a última estrela do mundo, pilar da casa de Augusto,
ó Britânico, ai de mim, agora só cinzas leves e
triste sombra, mesmo sua madrasta selvagem
chorou quando entregou seus restos mortais
para a pira, para que fossem queimados, chamas ferventes
queimaram os membros e a face, similares a do Cupido.

OTÁVIA

Mate-me também, para que não morra por minha mão!

AMA

A natureza não te deu tanto poder.

OTÁVIA

Dor, ira, pesar, infelicidade e luto me darão.

AMA

Melhor vencer seu marido cruel com complacência.

OTÁVIA

Ele restituirá o irmão tomado de mim por assassinato?

AMA

Que tu permaneças viva, para restituir a casa decadente
de teu pai, um dia com filhos teus.

OTÁVIA

A casa do imperador aguarda outros filhos,
o destino cruel de meu irmão infeliz me arrasta.

AMA

Reafirme tua coragem por meio do apoio do povo.

OTÁVIA

Isso conforta, mas não alivia os males.

AMA

A força do povo é grande.

OTÁVIA

No entanto a do imperador é maior.

AMA

Ele respeitará a própria esposa.

OTÁVIA

A amante proibirá.

AMA

Certamente todos a odeiam.

OTÁVIA

Mas é querida pelo meu marido.

AMA

Não é esposa ainda.

OTÁVIA

Assim será, e mãe também!

AMA

O ardor juvenil enfurece com o primeiro impulso
mas enfraquece. A paixão torpe não dura
mais do que o vapor de uma breve chama:
o amor de uma esposa permanece para sempre.
A primeira escrava que ousou violar
e possuir o coração do senhor por um longo tempo,
agora teme a mulher...

OTÁVIA

Preferida por ele.

AMA

Submissa e humilhada, ergue monumentos
que comprovam seu medo.
E aquele deus volúvel e falacioso abandonará também
o Cupido voador: embora possua beleza, poder
e orgulho, seu sucesso será breve.
Mesmo a rainha passou
por dores similares,
quando em todas as formas transformou-se
o senhor do céu e pai de todos os deuses
e obteve as penas de um cisne
os chifres de touro de Sidão;
ou esguichou como chuva de ouro.
As estrelas de Leda brilham no céu,
Baco senta-se sobre o olimpo pátrio,
o divino Hércules possui Hebe
e não teme a ira de Juno
sendo agora genro quem uma vez foi inimigo.
Porém, com sabedoria e complacência
a esposa venceu a dor,
poderosa Juno, sozinha e segura
mantém o que faz trovejar no leito do céu,

Júpiter não é seduzido por nenhuma forma mortal
e nem abandona seu templo elevado.
Tu também, uma Juno da terra,
irmã e esposa de Augusto, supera
as dores mais graves.

OTÁVIA

Os mares selvagens se juntarão às estrelas
o fogo à onda, o céu ao triste tártaro,
a doce luz à escuridão, o dia à noite úmida,
antes que o coração do meu terrível esposo
se junte ao meu, sempre lembrado da morte de meu irmão.
Se ao menos o comandante dos céus
pusesse em chamas a cabeça vil do príncipe nefando!
Ele, que frequentemente atinge a terra com raios perigosos
e aterroriza nosso coração com os fogos sagrado
e estranhos monstros. Vimos a primeira luz do céu
um cometa luminoso espalhar sua calda horrenda,
para onde o lento Bootes conduz seu vagão
pelas noites sucessivas, duro com o frio do ártico.
O céu foi poluído pelo espírito vil
de nosso comandante selvagem, os céus ameaçam
novas desgraças para o povo que esse comandante ímpio conduz.
Não era tão feroz Tifão, quem a terra encolerizada
uma vez gerou, sem respeito por Júpiter.
Essa pestilência é pior, esse inimigo dos deuses
e dos homens expulsou deuses de templos
cidadãos do estado, tomou a vida do irmão,
bebeu o sangue da mãe, vê a luz do dia
aproveita a vida e arrasta sua alma criminosa!
Ai de mim! Pai supremo, porque lanças com tua mão real
tantas vezes, cegamente, dardos invencíveis, em vão?
Contra alguém tão perverso, por que sua mão se torna lenta?
Seria preciso que pagasse pelos seus crimes
o bastardo Nero, filho de Domício,
tirano de um mundo humilhado por sua opressão.
Seus costumes e vícios mancham o nome de Augusto.

AMA

É indigno, confesso, de seu leito,
mas cede ao destino e a tua fortuna,
menina, eu imploro, não desperte a ira violenta
de teu marido. Talvez um deus vingativo
apareça, e um dia de alegria virá.

OTÁVIA

Há algum tempo nossa casa sofre a ira
dos deuses, a Vênus cruel foi a primeira a oprimi-la,
por meio do furor de minha pobre mãe,
que louca e já casada, casou-se em uma união incestuosa

a despeito de nós, do marido, e esquecida das leis.
Atrás dela, com o cabelo solto, amarrado por cobras,
a vingativa Erínis foi até aquela cama infernal,
pegou as tochas do leito e encharcou com sangue,
acendeu no peito do imperador uma ira selvagem
para a morte nefanda, minha mãe pobre sucumbiu
pela espada. Morta, me enterrou
em luto perpétuo. Levou seu marido
e filho para a morte, abandonou nossa casa decadente.

AMA

Não renoves teu luto devoto com lágrimas,
ou perturbes o fantasma de tua mãe
que por seu furor pagou graves penas.

CORO ROMANO

Que notícias chegam a nossos ouvidos?
Que seja falsa e vazia
por ser em vão tantas vezes repetida.
Que nenhuma nova esposa entre no leito
do nosso príncipe, e a filha de Cláudio
mantenha a casa e o casamento,
os rebentos sejam garantia de paz
para a alegria de um mundo tranquilo,
e guarde a eterna fama glória de Roma.
Por acaso mantém o leito do irmão
a poderosa Juno.
Por que a irmã e esposa de Augusto
foi banida do reino de seu pai?
O que vale para ele a santa piedade, pai dos deuses,
do que vale a virgindade e a decência moral?
Após sua morte, nós nos esquecemos
do comandante, cuja estirpe
somos traidores em uma época de medo.
Os romanos antepassados
tinham a virtude, neles havia a verdadeira linhagem
e sangue de Marte.
Expulsaram da cidade reis soberbos,
e vingaram teu fantasma,
virgem, apunhalada pelo pai,
para que evitasse a tua escravidão
e não servisse de prêmio
à vitoriosa luxúria.
Uma guerra triste ocorreu depois de ti também,
pobre moça, Lucrécia,
morta pela tuas mãos,
violentada por um tirano cruel.
Tarquínio e sua mulher Túlia
pagaram pelo crime vil:

essa criança impiedosa dirigiu sua carruagem selvagem
por cima da carne do pai morto, e negou a pira fúnebre
para o velho.
Esta era também contemplou
o crime odioso de um filho
quando nosso príncipe traiu sua própria mãe,
e a fez navegar pelo mar Tirreno em uma embarcação mortal.
Comandados por ele, os nautas partiram
do porto pacífico
ecoam o bater dos remos:
o navio alcança o mar aberto,
quando se divide, abre seu casco
e se adentra no mar denso.
Um poderoso uivo se ergue nas estrelas
em meio ao choro das mulheres.
A morte terrível paira ante os olhos dos homens.
Todos procuram fugir de seu destino:
alguns, nus, agarram-se a pedaços do barco naufragado,
e cortam as ondas,
outros tentam nadar de volta para a costa.
A morte suga muitos no mar profundo.
Augusta chora sobre suas vestes
E arranca seus cabelos,
encobre sua face de choros tristes.
Quando não há esperança de segurança,
ardendo a ira, com a dor assolando,
“essa”, exclama, “é a recompensa
que me paga por meu grande presente, filho?
Eu admito que mereço esse barco:
te gerei, dei a ti a luz,
o poder e o nome de César
em minha loucura.
Ergue tua cabeça do inferno, meu marido,
e festeja a minha punição.
Eu, a causa de tua morte odiosa,
autora do funeral de teu filho,
irei, como é meu dever, para junto de teu fantasma
não enterrada,
tragada pelas ondas cruéis do mar”.
Enquanto fala, a água afoga sua boca,
ela afunda no oceano
e emerge, minada pela água salgada
o agitar das mãos e o medo repelem a morte
mas o esforço a esgota.
Ainda permaneceu nos corações silenciosos
uma lealdade que desafia a morte.
Muitos, enfraquecidos pela água,
corajosamente ajudam sua senhora.
Enquanto ela levanta seus braços cansados, eles gritam

seguram e levantam-na com suas mãos.
Do que te foi útil
fugir do mar selvagem?
Tu estás prestes a morrer pela mão do teu filho,
cujo crime a posteridade
não esquecerá.
Nero se enfurece pelo resgate,
sofre porque sua mãe vive,
um crime ímpio e monstruoso cometido duas vezes.
Ele apressa o destino de sua mãe
e não tolera atraso para esse mal.
Um capanga obedece às ordens,
abre seu peito com ferro.
Morrendo, a infeliz pede
a seu carrasco
para que afunde a espada cruel em seu útero,
dizendo: "afunde aqui sua espada, aqui
onde essa monstruosidade nasceu"
Depois dessas palavras
misturadas a seu último gemido
finalmente a alma triste
se esvai pelas feridas brutais.

SÊNECA

Fortuna poderosa, porque, com teu sorriso
enganoso, elevaste-me a esse ápice, contente com minha
sorte, para que contemple a minha queda
e multiplique o meu medo?
Estava melhor escondido, longe dos tormentos da inveja
dentre os penhascos do mar de Córsega,
onde meu espírito livre e autônomo tinha
tempo para reflexão e estudo.
Que alegria olhar para as criações mais nobres
da mãe natureza, artista de infinito
engenho: o céu, o sol e os caminhos sacros
das moções do mundo, as alterações da noite
a órbita de Febe envolta por estrelas errantes,
a glória brilhante do grande céu.
Se o firmamento envelhecer e sua vastidão
desmoronar novamente em um caos cego,
seu último dia estará aqui para esmagar uma
raça ímpia com a queda do céu, então um mundo melhor
renasceria e geraria uma nova prole
como o jovem mundo fez quando Saturno governou.
Depois a deusa virgem de grande poder,
a justiça, quem o céu mandou com fé sagrada,
gentilmente governou a raça humana na terra.
As nações não conheciam guerras,
nem exércitos. Não havia cidades

fechadas por muros, estradas eram abertas a todos
e tudo era propriedade comum.
A própria terra alegre espalhava para longe
seu seio fecundo, mãe feliz e segura
para filhos virtuosos. Mas outra geração
menos gentil surgiu. E uma terceira raça
engenhosa para as artes, porém inviolável.
Em seguida veio uma raça inquieta, que
perseguia animais ferozes, tirava peixes
das águas com uma rede pesada
ou lança leve, enganava pássaros voando com vime
ou os prendia em armadilhas, dominava
412bis
touros ferozes, sulcava a terra
um dia virgem e inexplorada. Por essa ofensa
a terra escondeu seus frutos para o interior do seio sagrado.
Mas uma era mais degenerada entrou
nas entranhas da mãe, extraiu ferro pesado
e ouro, depois armou mãos selvagens,
delineou fronteiras, criou reinos,
construiu novas cidades, com armas protegia
a própria casa ou ameaçava o espólio de outros.
Esquecida, a virgem Astrea, grande glória
Das estrelas, fugiu da terra e dos costumes selvagens
dos homens e as mãos foram sujas de sangue da morte.
O amor pela guerra e fome por ouro cresceu
por todo o mundo, o maior vício surgiu,
o excesso, peste sedutora, a quem a passagem do
tempo e erro grave deu força e poder.
Os vícios acumulados por todas as eras caem
sobre nós. Somos oprimidos por uma época pesada
na qual os crimes reinam, a furiosa impiedade reina,
a potente luxúria domina com um amor imoral,
o excesso triunfante com suas mãos ambiciosas
despoja a infinita riqueza do mundo para desperdiçá-la.
Mas eis que vem Nero, carregado com seu passo temeroso
e seu ar ameaçador. Tremo ao pensar o que ele tem em mente.

NERO, CENTURIÃO E SÊNECA

NERO

Cumpra minhas ordens. Envie alguém que traga até mim
a cabeça decepada de Plauto e Sula.

CENTURIÃO

Cumprirei sem demora. Vou-me para o acampamento imediatamente.

SÊNECA

Convém que nada seja decidido precipitadamente contra parentes.

NERO
É mais fácil ser justo quando o coração está livre de medo.

SÊNECA
A clemência é um grande remédio para o temor.

NERO
A maior virtude de um comandante é aniquilar o inimigo.

SÊNECA
Para um pai da pátria, maior virtude é proteger seus cidadãos.

NERO
Para um velho brando, seria conveniente dar lições às crianças.

CENTURIÃO
Mais se deve controlar uma juventude impulsiva.

NERO
Nesta minha idade, creio ter bastante discernimento…

SÊNECA
de modo que os deuses possam sempre aprovar seus atos.

NERO
Serei um tolo se temer os deuses, pois eu mesmo os crio.

SÊNECA
Deve temê-los ainda mais, uma vez que tanto poder lhe é concedido.

NERO
A Fortuna me permite tudo.

SÊNECA
Creia nela como deusa bem pouco favorável: ela é inconstante.

NERO
O covarde ignora o poder que lhe é concedido.

SÊNECA
A glória consiste em fazer o que se deve, não o que é permitido.

NERO
O povo pisa no líder indeciso.

SÊNECA
Esmaga o detestável.

NERO
A espada protege o príncipe.

SÊNECA
Mais a lealdade.

NERO
Convém que um César seja temido.

SÊNECA
Porém, mais ainda ser amado.

NERO
É necessário que temam…

SÊNECA
Tudo que é obtido pela força torna-se oneroso.

NERO
...e obedeçam minhas ordens.

SÊNECA
Dá ordens justas!

NERO
Eu mesmo decido.

SÊNECA
De modo que o consenso apoie o que se decidiu.

NERO
A espada desembainhada fará.

SÊNECA
Que deus proteja!

NERO
Devo sofrer ataques contra o meu sangue para ser
morto repentinamente, desprezado e sem ser vingado?
O exílio não arruinou os expatriados
Plauto e Sula, cuja fúria irredutível
incitou assassinos para a minha morte,
a ausência mantém sua popularidade
na cidade, o que conserva a esperança dos exilados.
A espada deve exterminar os meus inimigos suspeitos?
minha odiada esposa perecerá e deve seguir
seu querido irmão: o que se destaca deve cair.

SÊNECA
Os célebres são proeminentes entre os homens ilustres,
protegem a pátria, poupam os aflitos, detém os selvagens
com a morte, dão descanso para a ira,
quietude para o mundo e paz para sua Era.
Essa é a virtude extrema, o caminho que conduz ao céu.
Assim o primeiro pai da pátria, Augusto,
tendo abraçado as estrelas, é agora deus honrado em um templo.
No entanto, a Fortuna o lançou à terra e mares por muito tempo
dentre os sérios vícios da guerra
enquanto aniquilava os inimigos de seus pais.
A Fortuna apoiou-te sem sangue

e deu as rédeas do império facilmente,
subjugou a seu comando terras e mares.
A triste inveja, vencida pelo consenso real, cessou.
O apoio do senado e os cavaleiros se acendeu;
tu, pelas orações do povo e o desejo do pai
eleito autor da paz, juiz da humanidade,
reges a terra com seu espírito inviolável,
pai do Estado. Proteja Roma
e dê para teu povo confiança em ti.

NERO

Presente dos deuses, a mesma Roma e senado
foram meus escravos e o medo de mim
exprime preces relutantes e vozes humilhadas.
Proteger cidadãos nocivos para o príncipe e a pátria
ser inflado de vaidade por sua classe, que é uma demência
permitiria que uma voz ordenasse
a morte dos suspeitos? Bruto se armou para matar
o comandante que o salvara.
Conquistador dos povos, invicto na batalha,
sempre equiparado a Jove pela grande honra,
César caiu por um crime perverso de um cidadão.
Quanto sangue dele então Roma viu
de tantas feridas! com piedade e virtude
o deus Augusto ganhou o céu, quantos nobres
ele matou, jovens, velhos,
espalhados pela terra, quando o medo da morte
para fugir para casa e a espada do triunvirato
escritos na lista para tristes mortes!
Os pais viram as cabeças cortadas e tristes
no mastro na Rostra, não podiam chorar,
nem lamentar pelos seus, com o fórum poluído de vísceras,
sangue pútrido caindo pelos rostos apodrecidos.
E não acaba esse sangue e morte:
o triste Felipe por muito tempo teve medo de pássaros e bestas selvagens
o mar da Sicília engoliu navios
e vários homens açougueiros o mundo
tremeu com o poder dos generais.
O inimigo vencido contribuiu para o Nilo,
com barcos para voo, mas a morte estava próxima.
Novamente um Egito torpe bebeu
o sangue de um general romano, agora protege fantasmas leves?
Lá estava enterrada uma guerra civil que durou
por muito tempo impiamente. O vitorioso,
já fatigado, finalmente desembainhou sua espada
vulnerável por golpes. O medo conservou seu império.
A fidelidade do exército o salvou como escudo,
tornou-se deus pela grande piedade do filho.

Foi consagrado depois de sua morte e recebeu um templo.
Os astros também esperarão por nós, se minha espada
selvagem prevenir qualquer ataque a mim
estabelecerei minha casa com filhos dignos.

SÊNECA

Tua corte será preenchida com raça celeste
por uma filha de um deus, a glória da família de Cláudio
ganhou, como Juno, a cama do irmão.

NERO

A mãe impura diminui a confiança na linhagem
e o coração da minha esposa nunca foi meu.

SÊNECA

Amor e confiança não são visíveis nos jovens
quando a modéstia protege as chamas amorosas.

NERO

Isso de fato eu acreditei em vão por um longo tempo
porém expressões da face e o coração, que não são reconciliáveis,
manifestaram os sinais de seu ódio por mim
para finalmente me punir com minha dor ardente
eu encontrei uma esposa digna de meu leito
em beleza e linhagem, a quem Venus e
a esposa de Júpiter cederá e a deusa feroz com armas.

SÊNECA

Honra, confiança, costumes e modéstia da esposa
deveriam agradar o marido; somente a qualidade
da mente e da alma permanecem independentes de tudo,
a flor da beleza se despedaça diariamente.

NERO

Um deus reuniu todas as glórias em uma mulher
e o destino determinou que tal grandeza nascesse para mim.

SÊNECA

Não confies cegamente, livra-te desse amor.

NERO

Do tirano do céu, quem o senhor iluminado,
não pode expulsar, quem transpõe os mares selvagens
e o reino de Plutão, e convoca os deuses do céu?

SÊNECA

O erro do homem é imaginar o amor como algo transitório,
um deus cruel, e arma suas mãos sublimes
com arcos e flechas, equipa-o com uma tocha cruel
e considera-o filho de Vênus, filho de Volcano!
Uma grande força de espírito, calor agradável da alma,
Isso é o amor. É nascido da juventude e nutrido

por meio da luxúria e do ócio entre os períodos felizes da Fortuna.
Se desistires de mantê-lo e alimentá-lo,
Rapidamente perde seu poder e se esvai.

NERO

Eu creio que o amor é motivo essencial da vida,
e fonte de prazer. A humanidade, ao procriar-se sempre,
evita sua extinção por meio do amor,
que acalma feras selvagens.
Ele pode carregar a tocha conjugal para mim
e com seu fogo conduzir Popeia ao meu leito.

SÊNECA

A dor do povo não suportará ver essa união
que nem a nobre devoção permite.

NERO

Proibirei-me de fazer o que é permitido a todos?

SÊNECA

O povo sempre exige o extremo dos mais poderosos.

NERO

Agradaria-me descobrir se minha força
retiraria o apoio concebido de forma imprudente.

SÊNECA

Melhor defender calmamente teus cidadãos.

NERO

É mal governo, quando o povo rege seus comandantes.

SÊNECA

Quando nada pode obter, sofre justamente.

NERO

É justo obter o que preces não podem ganhar?

SÊNECA

Negar é duro.

NERO

Forçar um príncipe é desumano.

SÊNECA

Ele deve conceder.

NERO

Os rumores o considerarão derrotado.

SÊNECA

Os rumores são leves e vazios.

NERO

Se for permitido, atinge muitos.

SÊNECA

Teme os eminentes.

NERO

Porém os consome menos.

SÊNECA

É facilmente oprimido. Penses no teu divino pai,
e a idade, integridade e modéstia da tua esposa.

NERO

Desiste, já me pressionaste demais.
Permita-me fazer o que Sêneca condena.
Eu já adio as preces do povo há um tempo
quando o útero de Popeia carrega uma garantia e parte de mim:
Por que não pensamos no casamento amanhã?

AGRIPINA

Rompi a terra e saí do Tártaro,
minha mão ensanguentada carrega uma tocha infernal
para o funesto casamento: sob essas chamas
Popeia se case com meu filho, as quais mão vingativa
e a dor de mãe transformarão em tristes piras fúnebres.
Permanece em meio às sombras sempre a lembrança
de minha morte ímpia, grave para meus manes
ainda não vingados; como pagamento para meus serviços,
recebi um navio mortal e o preço do império
foi aquela noite em que deplorei meu naufrágio.
Meu desejo tinha sido chorar pela morte de meus companheiros e pelo crime abominável
do meu filho cruel; mas não houve tempo
para lágrimas, com crime ele duplicou um grande crime.
Ferida com ferro, desfigurada devido às feridas,
entre os penates sagrados lancei meu espírito aflito,
tendo escapado do mar, nem se extinguiu com meu sangue
o ódio pelo meu filho. Encoleriza-se contra o nome da mãe
o tirano feroz, deseja ocultar meus méritos,
com medo da morte, destroi estátuas, monumentos
por todo o mundo que, para meu castigo,
meu amor infeliz lhe deu, ainda menino, para governar.
Morto, meu marido em fúria persegue meu espectro,
e ataca com chamas o meu rosto culpado.
Persegue, ameaça, atribui a mim a sua morte e o
túmulo do filho, reivindica o autor da morte.
Poupa-me agora: ele te será dado, não peço muito tempo.
Uma Erínis vingativa prepara uma morte digna
para o ímpio tirano, vergastas, fuga vergonhosa

e punições que superam a sede de Tântalo,
o trabalho cruel de Sísifo, o pássaro de Títio
e a roda que arrasta os membros de Íxion.
Ainda que esse soberbo construa um palácio de mármore
e o cubra de ouro, coortes armadas protejam
as portas desse mandatário, que o mundo exaurido remeta-lhe
imensos recursos, que os partos suplicantes peçam
sua destra cruenta e os reinos tragam suas riquezas,
virá o dia e o tempo em que ele entregará a alma
culpada por seus crimes e a garganta para seus inimigos,
sozinho, destruído e privado de tudo.
Oh, onde foram parar meus esforços e dedicação,
onde o teu furor e destino te levaram ensandecido,
meu filho, que a ira de tua mãe, que por teu crime perece,
se dê por vencida diante de tantos males?
Se ao menos antes de te ter dado à luz
e nutrido como um bebê, feras selvagens tivessem dilacerado
minhas vísceras! Terias morrido sem nenhum crime, sem consciência, inocente,
meu. Verias para sempre, junto e preso a mim,
a casa pacífica dos mortos,
teu pai e os antepassados, homens de nome ilustre,
para quem agora a vergonha e o luto permanecem
por tua culpa, nefando, e por minha que te gerei.
Por que hesito em ocultar o meu rosto no inferno,
esposa, madrasta, mãe infeliz para os meus?

OTÁVIA E CORO

Poupai as lágrimas nesse dia de festa
e alegria da cidade,
para que tanto amor e apoio a mim
não despertem a ira severa do príncipe
e eu me torne a causa de vossos males.
Essa ferida não é a primeira que meu peito
sentiu: carreguei piores.
Esse dia me dará o fim dos meus tormentos,
mesmo com a morte.
Eu não serei forçada a ver o rosto cruento
do meu marido,
nem a entrar na câmera odiosa
de uma escrava.
Sou irmã de Augusto, não serei sua esposa;
mantenham-se longe as tristes torturas
e o medo da morte.
Louca miserável, tu podes esperar por isso,
lembrando dos crimes desse homem terrível?
Tu fostes preservada para esse casamento por um longo tempo
e no fim cairás vítima funesta dele.
Mas por que olhas confusa para os penates pátrios
com as faces banhadas?

Apressa-te em sair do palácio
abandona a casa sangrenta do príncipe.

CORO

Olhe! Finalmente brilhou o dia esperado,
tantas vezes espalhado por rumores.
A filha de Cláudio, banida, deixou o leito
do atro Nero,
que a vitoriosa Popeia já ocupa,
enquanto nossa piedade esmagada
e nosso fraco rancor ficam inertes.
Onde está a força do povo romano,
que muitas vezes destruiu comandantes ilustres,
deu leis a uma pátria invencível,
e um dia poder aos cidadãos dignos,
ordenou a guerra e a paz,
domou povos selvagens.
capturou e prendeu reis?
Olhe, por toda a parte, diante de nossos olhos,
brilha a imagem de Popeia
junto a Nero!
Que uma violenta mão lance ao chão
esse rosto muito semelhante ao de uma senhora,
e derrube do leito real essa mulher;
depois, com chamas funestas e armas
ataque o palácio desse príncipe feroz.

AMA E POPEIA

AMA

Para onde sais inquieta do quarto de teu esposo,
criança? Por que buscas um esconderijo
para esse rosto perturbado? Por que tua face está tomada de lágrimas?
Certamente o dia que pedimos por preces e votos
nasceu; tu estás unida a César por tochas nupciais,
ele a quem tua beleza cativou,
e quem a deusa que você idolatra te entregou vencido,
Vênus, mãe do amor, nume supremo.
Como estavas grandiosa sentada
no alto leito do palácio! O senado viu atônito
a tua beleza, quando deste incensos aos deuses
e espargiste os altares com um prazeroso vinho,
a cabeça coberta por um fino véu flamejante.
E Nero, enlaçado a teus ombros,
caminhou entre os votos alegres dos cidadãos,
com seu porte e expressão soberba, mostrando
alegria: semelhante a Peleu, que recebeu como esposa
Tétis, emersa do mar espumante;
dizem que o casamento deles foi celebrado por todos
os deuses do céu e do mar com mútua harmonia.

Qual causa de repente mudou teu rosto?
Mostre-me o que essas lágrimas e palidez expressam.

POPEIA

Estou confusa com a visão assustadora que tive
na noite passada, ama, carrego a mente agitada
e o senso fatigado, pois depois que o dia alegre
deu lugar às estrelas negras e o dia à noite,
quando entre os braços de nero entreguei-me
vencida ao sono, não pude fluir o dia
pacificamente, pois eu sonhei que uma multidão funesta
celebrava meu casamento, as mães latinas
com os cabelos soltos batiam no peito, chorando.
Às vezes, entre o terrível som dos trombetas,
a mãe do meu marido, enfurecida e com
olhar ameaçador, brandia uma tocha coberta de sangue.
Enquanto a seguia, forçada pelo medo que me tomava,
de repente a terra abriu-se para mim
em uma grande abertura, precipito-me por ela,
espantada, vejo meu leito conjugal,
no qual deito-me exausta. Observo meu marido
aproximando-se de uma multidão acompanhado
pelo meu filho: Crispino apressa-se para me abraçar
dar-me os beijos que ele havia deixado de dar,
quando Nero irrompeu em meu quarto tremendo
e enterrou uma faca cruel em sua garganta.
Finalmente meu grande medo arrancou-me do sono,
um tremor terrível perpassa meu rosto e membros
e meu peito pulsa, o medo retém-me a voz
que agora tua lealdade e piedade suscitou.
Oh, por que me ameaçam os fantasmas do inferno?
e por que ter visto o sangue do meu marido?

AMA

Qualquer coisa que ocupa a mente desperta,
algum senso sagrado, misterioso e veloz
traz de volta no sono. Admiras ter visto
teu esposo, o quarto e o leito quando o novo marido
te abraçava? Porém nesse dia de alegria
o bater no peito e os cabelos soltos te perturbam?
Estavam em luto pelo divórcio de Otávia
na casa sagrada do irmão e do pai.
Aquela tocha que tu seguiste, levada pela mão
da Augusta, pressagia-te um nome ilustre
nascido da inveja. O lugar infernal promete
o leito estável de uma casa eterna.
O teu príncipe, que enterrou uma faca em uma garganta,
não promoverá guerras, mas protegerá sua espada na paz.
recupera teu ânimo, retoma tua alegria, imploro,

com o medo expulso, volta para o teu quarto.

POPEIA

Eu decidi buscar os templos e altares sagrados
para aplacar, com a imolação das vítimas, a vontade dos deuses,
para expiar as ameaças do meu sonho noturno
e reverter o terror assombroso contra meus inimigos.
Dedica tuas súplicas a mim e com preces e votos
implora aos deuses para que se mantenha a situação presente.

CORO

Se a fama loquaz conta furtos
verdadeiros daquele que faz trovejar,
(que dizem ter pesado sobre o corpo de Leda
coberto de asas e plumas,
ou carregado pelo mar a Europa violentada
no dorso de seu touro selvagem).
Ele abandonará as estrelas que rege
e irá para os teus braços, Popeia,
que ele pode preferir aos de Leda
e para os, Danae, que um dia o admiraste
quando ele se desfez em ouro fulvo.
Esparta pode jorrar a beleza de sua filha,
e o pastor frígio vangloriar-se de seu prêmio,
esta nossa vencerá a aparência de Helena,
que provocou terríveis guerras
e entregou o reino dos frígios.
Mas quem entra com o passo atônito,
que novas traz com o peito ofegante?

MENSAGEIRO E AMA

MENSAGEIRO

Qualquer soldado munido de proteção do general
deve defender o palácio que o furor do povo ameaça.
eis que temerosos os centuriões trazem tropas
para proteger a cidade, a loucura concebida
sem pensar não cede vencida pelo medo.

CORO

Que fúria é essa que conturbada agita os ânimos?

MENSAGEIRO

O apoio a Otávia penetra a multidão
e eles avançam selvagemente para um grande crime.

CORO

Dize o que ousam fazer com esse plano.
Preparam-se para devolver à divina Cláudia seus penates
e o leito do irmão, parte que lhe cabe do império.

CORO

Leito que agora Popeia detém com acordo fiel?

MENSAGEIRO

Por isso o apoio obstinado inflama os espíritos
e os incita a se precipitarem cegamente na loucura.
Todas as estátuas de mármore claro
e bronze brilhantes com o rosto de Popeia
estão destruídas pela multidão e tombadas
com ferro cruel; arrastaram os membros
divididos em partes com cordas, e cobriram com uma lama
ascosa e pisada. A esses atos selvagens juntam
palavras que meu temor silenciam.
Eles planejam cercar a casa do príncipe com fogo,
a menos que ele devolva a nova esposa à ira do povo,
e devolva para Cláudia sua casa.
Que Nero saiba sobre o movimento do povo por minha
voz, não demorarei para seguir as ordens do centurião.

CORO

Por que moves guerras cruéis em vão?
Cupido lança dardos invencíveis:
destruirá teu fogo com suas chama
que muitas vezes extinguiu raios
E do céu arrastou Júpiter aprisionado.
Por ofendê-lo, sofrereis tristes castigos,
Pagos com vosso sangue;
O deus ardente não resiste à ira,
nem facilmente se contém.
Ele ordenou que o feroz Aquiles
tocasse a lira,
dobrou os gregos, dobrou o Atrida,
aniquilou o reino de Príamo e destruiu
cidades ilustres.
Meu espírito teme o que traz agora
a força violenta desse des cruel.

NERO

Ó, como é lenta força dos nossos soldados
e paciente a minha ira após tamanhos crimes!
O sangue dos cidadãos não apagou
as tochas acesas contra mim, nem chora pelo massacre do povo
essa Roma funérea, que gerou tais homens!
Mas já é pouco punir os crimes com a morte:
O ímpio crime da plebe merece punição mais grave.
Ela, que o furor dos cidadãos lança contra mim,
esposa e irmã sempre suspeita para mim,
finalmente deve entregar a vida à minha dor
e extinguir minha ira com seu sangue.
Que em breve o teto da cidade caia pelas minhas chamas,

o fogo e a ruína oprimam esse povo perverso:
E uma torpe miséria e a fome e ainda o luto.
Exulta inflada com as benesses de nossa época
Essa turba corrupta e, ingrata, nem percebe
minha clemência, nem pode tolerar a paz,
mas ora é arrebatada por sua audácia inquieta
Ora, por sua temeridade, é levada a extremos.
Deve ser dominado com sofrimentos e oprimido
por pesado jugo, para que não ouse tentar
algo semelhante e erguer os olhos contra o rosto sagrado
da minha esposa. Fragilizado pelos castigos e com medo,
aprenderá a obedecer conforme o desejo do seu príncipe.
Mas eis que vejo o homem quem a rara devoção e reconhecida fidelidade
colocou à frente de minhas tropas.

CENTURIÃO E NERO

CENTURIÃO

Informo que a fúria do povo foi reprimida
pela morte de alguns que resistiram cegamente.

NERO

E isso é o bastante? É assim que ouviu como soldado o teu comandante?
Tu os reprimes? É essa a vingança devida a mim?

CENTURIÃO

Os chefes desse ímpio movimento caíram sob a espada.

NERO

E essa turba que ousou perseguir com chamas
Meus penates, impor sua lei ao príncipe,
arrancar do meu leito minha estimada esposa,
violar tudo o que pôde com suas mãos profanas
e gritos atrozes? Está livre de castigo?

CENTURIÃO

Teu rancor decidirá a punição contra teus cidadãos?

NERO

Decidirá o que época nenhuma irá apagar.

CENTURIÃO

Que nos contenha a tua ira, não nosso temor.

NERO

Expiará minha ira aquela que primeiro a mereceu.

CENTURIÃO

Diz quem ela exige, para não poupá-la nossa mão.

NERO

É exigida a morte da minha irmã e sua cabeça vil.

CENTURIÃO
Tomado pelo horror, um tremor me paralisa.

NERO
Hesitas em obedecer?

CENTURIÃO
Por que condenas minha lealdade?

NERO
porque poupas um inimigo.

CENTURIÃO
Uma mulher recebe esse nome?

NERO
Se comete crimes.

CENTURIÃO
Há quem prove sua culpa?

NERO
A fúria do povo.

CENTURIÃO
Quem é capaz de governar dementes?

NERO
Quem pôde incitá-los.

CENTURIÃO
Não penso que seja alguém.

NERO
Uma mulher, a quem a natureza deu uma alma inclinada ao mal
e instruiu sua mente nos engodos para praticar maldades.

CENTURIÃO
Mas negou-lhe a força.

NERO
Para que ela não fosse invencível,
Mas suas débeis forças fossem abatidas ou pelo temor
Ou pela punição, que, já tardia, irá oprimi-la depois de condenada
E de longa prática criminosa. Afaste conselhos e preces
e execute minhas ordens: ordena que a levem em um barco para
uma costa remota e que seja morta, para que
finalmente a agitação do meu peito seja abrandada.

CORO E OTÁVIA

CORO
Ó, funesto e terrível para muitos
é o apoio do povo,

que enche com ventos favoráveis
as velas do navio e o conduz para longe,
mas quando enfraquecido, abandona-o
no mar fundo e perigoso.
Uma mãe infeliz chorou pelos Gracos,
os quais matou o grande amor da plebe
e seu excessivo apoio,
Embora ilustres por seu nome, famosos por sua devoção, lealdade,
eloquência, valentes na alma
E rigorosos nas leis,
Tu também, Lívio, a uma morte semelhante
Entregou-te a Fortuna,
nem os teus fasces te protegeram,
Nem o teto de tua casa. A dor desse dia me impede
de relembrar mais exemplos
A quem a pouco os cidadãos quiseram restituir a pátria,
e o leito do irmão,
agora podem vê-la triste e chorando
ao ser levada para a punição e morte.
Feliz a pobreza, que sob um teto humilde
contente se oculta;
Com frequência as procelas golpeiam elevadas
residências ou a fortuna as destroi.

OTÁVIA

Para onde me levais? Que lugar de exílio o tirano
ou a rainha me ordenam?
Assim, condoída, ela me concede a vida,
já vencida por meus numerosos males
mas se com a minha morte pretende completar
meus infortúnios, por que também
me impede, cruel, de morrer em minha pátria?
Mas já não há esperança de salvação:
Vejo o barco do meu irmão;
Este é o barco que um dia carregou
sua mãe, e agora carregará
a irmã expulsa do leito, ai de mim!
Agora a Pietas já não tem poder,
nem os deuses existem:
a triste Erínis reina no mundo.
Quem pode dignamente chorar
os meus males? Que rouxinol pode, por nossas lágrimas,
exprimir lamentos?
Queria que as asas dele, pobre
de mim, o destino me desse!
Eu fugiria dos meus infortúnios levada
por asas velozes, longe do triste
convívio dos homens e de massacres ferozes.
Sozinha, em um bosque vazio,

pendente de um fino ramo,
possa eu com voz lamuriosa soltar
tristes murmúrios.

CORO

A raça humana é regida pelos fados,
ninguém pode prometer para si
uma trajetória constante e estável,
pela qual os dias de vida, sempre temíveis para nós,
faz girar sortes variadas.
Fortaleçam teu ânimo os exemplos
que já numerosos vossa casa sofreu.
Em que a fortuna é mais cruel para ti?
Eu devo primeiro mencionar-te, mãe
de tantos filhos, filha de Agripa,
nora de Tibério Augusto, esposa de um César,
cujo nome nobre ilustre
brilhou em todo o mundo,
tu que tantas vezes portaste em teu pesado útero
promessas de paz, logo sofreste o exílio,
os açoites, terríveis grilhões,
funerais, lutos, por fim, a morte,
depois de tanto tempo torturada.
Lívia, afortunada por seu casamento com Drúsio
e por seus filhos, arruinou-se em um crime feroz
e em sua punição.
Júlia seguiu o destino de sua mãe:
mesmo depois de muitos anos, foi morta
com a espada, embora não tenha cometido crime algum.
O que não pôde outrora tua mãe,
que reinou no palácio do príncipe,
cara para o marido e poderosa como mãe?
Ela foi submetida ao seu escravo e
tombou pela espada de um feroz soldado.
E aquela que pôde esperar um reino no céu,
a tão exaltada mãe de Nero,
não sofreu antes violência pela mão
de um marinheiro,
para depois ser longamente lacerada pela espada,
e cair vítima do seu filho cruel?

OTÁVIA

Eis que o perverso tirano me envia também
ao mundo das tristes sombras e dos manes.
Miserável que sou, por que me demoro em vão?
Levai-me para a morte, vós a quem a Fortuna concedeu o direito de nos atacar.
Invoco os deuses – O que fazes, insana?
Poupa-te de implorar numes divinos,
Invoco o Tártaro, que te odeiam

as deusas do Érebo, vingadoras dos crimes,
E invoco-te, ó meu pai,
digno de tal morte e castigo.
Essa morte não me é odiosa.
Armai o navio, dai velas aos mares
e com os ventos o piloto do navio
busque as praias de Pandatária,
brisas suaves e leves Zéfiros,
vós que outrora, coberta em uma nuvem etérea,
levastes Ifigênia, raptada dos altares
de uma virgem cruel,
esta também, para longe de um triste castigo
levai-a, suplico-vos, para os templos de Trívia.
Mais dóceis que a nossa cidade são Áulis
E a terra bárbara dos tauros.
Lá a morte dos estrangeiros é oferecida
aos numes divinos.
Roma alegra-se com o sangue dos cidadãos.

APOCOLOCINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

LÚCIO ANEU SÊNECA

Sátira menipeia em prosa e verso

Tradução de Paulo Sérgio Margarido Ferreira

ARGUMENTO

Morto Cláudio, o narrador acompanha a tentativa grotesca de sua apoteose. Depois de chegar ao céu e ser interrogado por Hércules, o antigo imperador vê os deuses discutirem a sua admissão; Augusto recorda os crimes de seu principado e obtém a sua expulsão. Mercúrio leva-o de volta por Roma, onde assiste ao próprio funeral, e depois aos infernos. Julgado por Éaco, Cláudio é condenado a uma tarefa inútil com dados e, por fim, entregue como escravo e secretário na instrução dos processos.

1.1. O que se passou no céu a treze de outubro, no ano novo, início de uma era deveras afortunada, quero confiá-lo à memória. Nada se concederá à afronta nem ao favor. Este caso, tal <como o conto, é> verídico. Se alguém perguntar donde me vem o saber, primeiro, se não quiser, não responderei. Quem me há de obrigar? Eu sei que me tornei livre, desde que chegou ao fim dos seus dias aquele que tinha feito jus ao provérbio "importa nascer rei ou bobo." 2. Se me apetecer responder, direi o que me vier à boca. Quem é que alguma vez exigiu testemunhas juramentadas ao historiador? Contudo, se necessário for apresentar a fonte do relato, é perguntar a quem viu Drusila ir para o céu: dirá que viu Cláudio a percorrer o mesmo caminho "com passadas nada iguais". Queira ou não, inevitável lhe é ver tudo o que se passa no céu: é o zelador da via Ápia, por onde, como sabes, não só o divino Augusto mas também Tibério César para junto dos deuses se foram. 3. Se o interrogares, a ti apenas contará: diante de muitos jamais proferirá palavra. Com efeito, desde que no Senado jurou ter visto Drusila a subir ao Céu, e nele, em troca de tal notícia de estalo, ninguém acreditou, o que visse, sob compromisso solene afiançou que não haveria de revelar, ainda que no meio do foro tivesse visto um homem assassinado. O que lhe eu então ouvi, como certo e seguro o relato, pela… sua <rica> saúde e felicidade.

2.1. Já Febo, em seu curso mais breve, encolhera o nascer
do dia e cresciam os períodos do escuro Sono,
e já ao seu reino ampliava a triunfante Cíntia
e o disforme inverno colhia os gratos enfeites
do opulento outono, e, instado Baco a envelhecer, 5
apanhava o tardio vindimador as raras uvas.

2. Cuido que melhor se entende se eu disser: o mês era outubro, o dia treze. A hora não te posso ao certo dizer (mais facilmente entre filósofos do que entre relógios se chegará a acordo), contudo, andava entre as doze e as treze. 3. "Demasiado grosseiro! Tal é a desinquietação de todos os poetas, não contentes com descreverem nasceres e ocasos, que até o meio-dia inquietam: vais tu deixar passar assim uma hora tão boa?"

4. Já Febo em seu carro dobrara o meio da órbita
e, mais próximo da noite, brandia as lassas rédeas,
por inclinado trajeto fazendo descer a fletida luz.

3.1. Cláudio começou a exalar o último suspiro, mas não conseguia encontrar a saída. Então Mercúrio, que sempre se tinha deleitado com o engenho dele, chama de parte uma das três Parcas e diz: "Porque, ó crueldade em mulher, permites que este tipo desgraçado seja torturado? Nunca ele, há muito atormentado, deixará de o ser? É o sexagésimo quarto ano desde que luta com o sopro vital. Porque lhe queres mal e ao Estado? 2. Deixa os astrólogos alguma vez acertarem, eles que, desde que se tornou príncipe, todos os anos, todos os meses lhe fazem o enterro. E, contudo, não admira se erram e se a hora dele ninguém a sabe: ninguém, com efeito, alguma vez o julgou nascido. Faz o que tem de ser feito:

entrega-o à morte, deixa que um melhor reine no paço vago."

3. Mas Cloto retrucou: "Eu, caramba, queria dar-lhe uma ninhariazinha mais de tempo, até que a estes pouquitos sobrantes contemplasse com a cidadania - tinha, com

efeito, decidido ver todos de toga: Gregos, Gauleses, Hispanos e Britanos -, mas já que te apraz deixar para semente uns quantos estrangeiros e tu assim mandas fazer, faça-se!” 4. Abre então uma caixita e apresenta três fusos: um era de Augurino, outro de Baba, o terceiro de Cláudio. Diz: “A estes três no mesmo ano, separados por curtos intervalos de tempo, ordenarei que morram, e não o despacharei sem companhia. Não convém com efeito que este, que há pouco via tantos milhares de homens a seguirem-no, tantos a precederem-no, tantos a reunirem-se ao seu redor, subitamente seja abandonado sozinho. Vai, entretanto, regalar-se com estes compinchas.”

4.1. Disse isto e, enrolando o estame no repugnante fuso,
interrompeu de uma estúpida vida o período régio.
Mas Láquesis, de coma cingida e cabelos ornados,
de piério louro coroa a cabeleira e a fronte,
retira do níveo velo os alvos fios,
a serem guiados com propícia mão. Puxados, ganharam
uma nova cor. As irmãs admiram a estriga diária:
muda-se a lã vil em precioso metal,
áureos séculos descem no formoso fio.
E não há limite para elas: fiam prósperos velos
e rejubilam a encher as mãos: é doce o lavor da fiação.
Por si mesmo se apressa o trabalho, e, sem esforço,
macios fios descem do giratório fuso;
vencem de Titono, vencem de Nestor os anos.
Febo está presente, com o canto ajuda, regozija-se com o futuro
e, feliz, ora move o plectro, ora fornece a lã diária:
mantém-nas absorvidas em seu canto e ilude o cansaço.
E enquanto se desfazem em louvores à cítara e aos cantos do irmão,
suas mãos fiaram mais que o costume, e os humanos fados
a aclamada obra transcende. “Não cortem, Parcas,”
diz Febo, “ultrapasse a duração de uma vida mortal
aquele a mim semelhante em aparência e beleza,
e no canto e na voz nada inferior. Venturosos séculos
aos homens cansados há de propiciar e quebrar das leis o silêncio.
Tal como Lúcifer surge e dispersa os astros em fuga,
ou tal como Héspero surge com o regresso dos astros,
tal como o Sol resplendente, mal a Aurora dissipou as trevas
e fez avançar rubicunda o dia, contempla o orbe
e primeiro move os eixos desde a grelha de partida,
assim um César se apresenta, assim já Roma a Nero
vai contemplar. Flameja brilhante, com um fulgor tranquilo,
o rosto e, com os soltos cabelos, a cerviz formosa.”

2. Assim falou Apolo. Mas Láquesis, que também ela própria ao homem formosíssimo favorecia, fê-lo a mancheias e do seu <próprio acervo> concede muitos anos a Nero. Quanto a Cláudio, porém, ordenam a todos

que em júbilo e com aclamações o façam sair de casa.

E ele, aos gargarejos, exalou a alma e, desde aí, cessou de parecer viver. Expirou, contudo, enquanto escutava comediantes, para que saibas que não é sem motivo que os receio. 3. As últimas palavras dele entre os mortais ouvidas, após ter produzido o mais alto estrondo a partir da parte por onde mais facilmente se exprimia, foram estas: “Ai de mim! Borrei-me, cuido.” Se o fez, não sei: borrou sem dúvida tudo <o resto>.

5.1. O que na terra se passou depois, escusado é relatá-lo. Vocês sabem-no, com efeito, muito bem, e não há risco de se varrer da memória o que o contentamento do povo nela gravou: ninguém se esquece do seu bambúrrio. Escutem o que no céu se passou. A prova ficará a cargo do informador. 2. Anuncia-se a Júpiter ter chegado alguém de boa estatura, de bem alvas cãs; que o tipo ameaçava não sei quê, pois sem parança bamboleava a grimpa; arrastava o pé direito. Que quem fala lhe tinha perguntado de que nação era: respondera não sei quê em confusos sons e numa voz indistinta; quem fala não entendia a língua dele: ele não era grego nem romano nem de raça alguma conhecida. 3. Então Júpiter a Hércules, que pelo orbe terrestre inteiro deambulara e parecia conhecer todas as nações, manda ir e sondar de que espécie de homens era. Hércules, à primeira vista, ficou completamente perturbado, como quem ainda não tivesse receado todos os monstros. Quando deparou com uma catadura de um tipo desconhecido, uma insólita locomoção, uma voz, não de animal terrestre algum, mas tal como costuma ser a das marinhas alimárias, rouca e entaramelada, cuidou que chegara o seu décimo terceiro trabalho. 4. Ao prestar mais atenção, pareceu-lhe por assim dizer um homem. Acercou-se, pois, e, coisa facílima para um greguito, diz:

“Quem és e de que povo? Qual a tua cidade e os teus pais?”

Cláudio regozija-se de haver ali tipos letrados: espera que haja algum lugar para as suas Histórias. E assim também ele, em verso homérico, dando a entender que é César, diz:

“De Ílion me levando, o vento me abeirou dos Cícones.”

(Era contudo o verso seguinte mais verdadeiro, igualmente homérico:

E aí devastei a cidade e chacinei os habitantes.)

6.1. E tinha engrampado um Hércules muito pouco sagaz, se lá não tivesse estado a Febre, que, depois de ter deixado o seu santuário, a sós com ele tinha chegado: deixara todos os restantes deuses em Roma. “Esse - assevera - puras patranhas alanzoa. Eu te digo, <eu> que com ele vivi tantos anos: nasceu em Lugduno, estás a ver um conterrâneo de marcus. É como te conto, nasceu a dezasseis milhas de Vienne, um gaulês de gema. E assim, como cumpria a um gaulês, tomou Roma. Este, eu te afianço, nasceu em Lugduno, onde Lícino reinou muitos anos. Tu, porém, que mais lugares calcorreaste do que um almocreve sem parança, deves saber que muitas milhas separam o Xanto e o Ródano.” 2. Inflama-se neste momento Cláudio e, a murmurar quanto pode, exaspera a sua cólera. Que dizia, ninguém entendia. O tipo, porém, mandava levar a Febre para o castigo com aquele gesto de mão bamba - e para isto apenas suficientemente firme -, com que costumava degolar pessoas. Tinha mandado cortar-lhe cerce o pescoço: poderias cuidar que todos eram libertos dele, de tal modo ninguém lhe ligava nenhuma.

7.1. Então Hércules diz: “Escuta-me! Deixa de armar em bobo! Chegaste aqui, onde os ratos roem ferro. Depressa, a verdade para mim, não vá eu sacudir de ti os disparates.” E para ser mais aterrador, afivela um ar trágico e diz:

2. “Revela prestes em que lugar tens fama de ter nascido,
para não caíres por terra morto por este toro:
esta clava muitas vezes imolou reis feros.
Que queres agora, nessa indistinta pronúncia da tua voz, dizer?
Que pátria, que estirpe gerou esta vacilante cabeça? 5
Esclarece! Quanto a mim, ao buscar os reinos longínquos
do triforme rei, donde, desde o hespério mar,
conduzi para a cidade de Ínaco o nobre gado,
lobriguei, sobranceiro a dois rios, um cume,
que Febo, ao nascer sempre de frente, avista, 10
onde o Ródano imenso em torrente ultrarrápida corre,
e o Árar, hesitante quanto ao rumo a dar ao seu curso,
em silêncio banha as margens com suas calmas águas.
É acaso aquela terra a altriz do teu alento?”

3. Isto <disse> com sofrível energia e coragem, não obstante não está em seu perfeito juízo e receia o golpe do... tolo. Quando viu este varão valente, Cláudio deixou-se de frioleiras, compreendeu que não tinha havido ninguém, em Roma, igual de si, que ali ele não gozava da mesma consideração: galo em sua estrumeira, muito mais poder tem! 4. E assim, tanto quanto se pôde entender, isto pareceu dizer: “Eu de ti, ó mais possante dos deuses, Hércules, esperava que me viesses a assistir junto dos demais, e se alguém me tivesse solicitado um fiador, ter-te-ia nomeado a ti, que muito bem me conheces. Com efeito, se puxas pela memória, era eu quem, diante do teu templo, administrava a justiça dias inteiros, no mês de julho e agosto. 5. Tu sabes quantas chatices aí acumulei, quando ouvia advogados dia e noite. Se nisto tivesses caído, ainda que pareças muito possante, terias preferido limpar as cloacas de Augias: muito mais esterco drenei por completo. Mas como quero**”

8.1. “** não admira que tenhas carregado sobre a cúria: nada te está vedado. Diz-nos apenas em que tipo de deus queres que esse se torne. Um deus epicurista não pode ser: ele não sofre qualquer dissabor nem o causa aos outros. Estoico? Como pode ser “redondo”, como diz Varrão, “sem cabeça, sem prepúcio”? Há algo nele de Deus estoico, já estou a ver: não tem coração nem cabeça. 2. Se - por Hércules! - tivesse pedido este benefício a Saturno, de quem celebrou o mês durante o ano inteiro como príncipe das Saturnais, não o teria obtido, ainda menos de Júpiter, a quem, tanto quanto estava em seu poder, condenou por incesto. A Silano, seu genro, com efeito, matou. “Por favor, porquê?” Porque à sua irmã, a mais prazenteira de todas as moças, a quem todos queriam chamar Vénus, preferiu chamar Juno. 3. “Por que razão - diz ele - pergunto eu, com efeito, a sua irmã?” Estúpido, estuda. Em Atenas permite-se a metade; em Alexandria, o pleno. Visto que “em Roma - como dizes - os murganhos as mós lambem”, este <é quem> nos corrige os desvios? Que faz no seu quarto, não sei, e já “do céu perscruta as vastidões.” Quer tornar-se um deus: acha pouco ter templo na Britânia, prestarem-lhe os bárbaros culto e, como a um deus, implorarem que lhes toque em sorte um bobo propício?

9.1. Por fim, a Júpiter veio à mente que, enquanto os particulares eram retardados dentro da cúria, <não era permitido> proferir nem debater pareceres. “Eu - diz venerandos senadores, tinha-vos permitido interrogá<-lo>, vós fizestes uma autêntica barracada. Quero que observeis o regimento da cúria. Este, quem quer que seja, que ficou a pensar de nós?” 2. Dispensado Cláudio, o primeiro a quem se pede parecer é o pai Jano. Tinha sido designado para as calendas de julho como cônsul pós-merídio, um tipo que, tanto quanto a sua via permite, olha sempre ao mesmo tempo para diante e para trás. Proferiu com eloquência - pois vivia no foro - um longo discurso que o estenógrafo não pôde acompanhar, e, por isso, não relato, para não expor por palavras diferentes o que ele disse. 3. Muito falou da grandeza dos deuses: que se não devia conceder esta honra a qualquer um. “Outrora,” diz ele, “grande coisa era tornar-se um deus: agora fizeste <disso> um mimo da Fava. E assim, para não dar a impressão de ser contra a pessoa, e não contra a proposta, que emito o parecer, sou de opinião que nenhum dos que comem o fruto da terra arada ou dos que alimenta a terra dadora de cereais, doravante se torne deus. Quem, contra este senátus-consulto, for feito, declarado ou pintado como deus, que seja entregue às cocas e zurzido à chibatada nos próximos jogos, entre os recém-alistados gladiadores, é o que proponho.” 4. O seguinte a quem se pede parecer é Diéspiter, filho de Vica Pota, e ele próprio cônsul designado, um cambistazinho. Deste ganha-pão retirava o sustento: costumava vender umas licencitas de cidadania; deste se abeirou com donaire Hércules e na pontinha da orelha lhe tocou. 5. E assim ele dá o seu parecer nos seguintes termos: “Como o divino Cláudio não só ao divino Augusto pelo sangue está ligado e não menos à divina Augusta, sua avó, que ele próprio ordenou que fosse deusa, e de longe excede todos os mortais em sabedoria, e é no interesse do Estado que haja alguém que com Rómulo possa “devorar os rábanos a ferver”, sou de opinião que o divino Cláudio doravante seja deus tal como quem, antes dele, de pleno direito se tornou, e que este caso se acrescente às Metamorfoses de Ovídio.” 6. Várias eram as sentenças, e Cláudio parecia estar a vencer a votação. Hércules, com efeito, ao ver que o seu ferro estava ao lume, corricava ora para aqui ora para ali e dizia: “Não me prejudiques, do meu assunto se trata; depois se tu próprio de algo precisares, será a minha vez de retribuir: uma mão lava a outra.”

10.1. Então o divino Augusto ergueu-se na sua vez de dar o parecer e com extrema eloquência dissertou: “Eu - diz - venerandos senadores, tenho-vos por testemunhas, desde que me tornei deus, palavra alguma proferi: ando sempre metido nos meus assuntos; e, todavia, não posso mais disfarçar e conter a dor que a vergonha torna mais gravosa. 2. Para isto gerei a paz por terra e por mar? Por isto reprimi as guerras civis? Por isto sobre as leis fundei a cidade, de edifícios a ornei, para que…? Que diga, venerandos senadores, não encontro: todas as palavras ficam aquém da indignação. E assim se impõe recorrer à famosa máxima de Messala Corvino, varão eloquentíssimo: “Envergonho-me do meu poder.” 3. Este, venerandos senadores, que vos parece incapaz de perturbar uma mosca, tão facilmente matava homens quanto um cão se agacha. Mas que posso eu de tantos e tão distintos varões dizer? Não me sobra tempo para deplorar as desgraças públicas quando considero os domésticos males. E assim vou omitir aquelas e fazer o relato destes; com efeito, mesmo se o meu astrágalo não sabe, eu sei: o joelho está mais próximo do que a canela. 4. Esse que vedes, durante tantos anos a esconder-se sob o meu nome, testemunhou-me reconhecimento a ponto de matar duas Júlias,

bisnetas minhas, uma a ferro, outra à fome; um trineto, Lúcio Silano: verás, Júpiter, se em um caso grave; sem dúvida em um que te concerne, se fores imparcial. Diz-me, divino Cláudio, porque condenaste cada um dos e das que mataste, antes de te inteirares do processo, antes de os ouvires? Isto onde sói acontecer? No céu não é.

11.1. Eis aqui Júpiter, que há tantos anos reina e partiu a perna apenas a Vulcano, a quem

"agarrando pelo pé, lançou da soleira divina,"

e se enfureceu com a esposa e a suspendeu: acaso a matou? Tu a Messalina, de quem eu era tão tio-bisavô quanto teu, mataste. "Não sei," dizes tu? Os deuses te desgracem! Muito mais ignóbil é isso de não teres sabido do que o facto de teres matado. 2. A Gaio César, depois de morto, não deixou de procurar imitar: matara aquele o sogro: este também o genro. Gaio proibiu o filho de Crasso de se chamar Magno: Cláudio o nome lhe devolveu, <mas> levou-lhe a cabeça. Matou, numa única casa, Crasso, Magno, Escribónia, não a estirpe de Assáraco, nobres contudo, Crasso, na verdade, tão imbecil que até podia ser rei. 3. A este agora quereis fazer deus? Olhai para o corpo dele, sob as iras dos deuses nascido. Em suma, articule rapidamente três palavras e me tome como seu escravo. 4. A tal deus, quem prestará culto? Quem crerá nele? Enquanto fazeis deuses destes, ninguém vai acreditar que vós próprios sois deuses. O essencial da questão, venerandos senadores: se com retidão tenho procedido entre vós, se a ninguém respondi alto e bom som, vingai as ofensas que sofri. Eu, em conformidade com o meu parecer, proponho o seguinte" - e assim recitou da tabuinha -: 5. "Visto que o divino Cláudio matou o seu sogro, Ápio Silano, dois genros Pompeio Magno e Lúcio Silano, o sogro da sua filha Crasso Frúgi, homem tão semelhante a si quanto a um ovo, outro ovo, Escribónia, o sogro da sua filha, a sua esposa Messalina e os restantes dos quais se não pôde calcular o número, sou de parecer que seja severamente punido e lhe não seja concedida imunidade do devido julgamento, e ele seja o quanto antes deportado e desande do céu dentro de trinta dias, do Olimpo dentro de três." 6. Associaram-se a esta moção. Sem demora, o Cilénio arrasta-o, de pescoço torcido, para os infernos desde o céu

donde dizem que ninguém regressa.

12.1. Enquanto descem pela Sacra via, pergunta Mercúrio que significa aquela afluência de pessoas, se acaso era o funeral de Cláudio. Era o mais belo de todos e de dispendiosos desvelos, claramente para que se soubesse que um deus estava a ser sepultado: de trombeteiros, de corneteiros, de tocadores de instrumentos de bronze de toda a espécie, tal era a turba, tal a concentração, que até Cláudio podia ouvir. 2. Todos felizes, risonhos: o povo romano circulava como livre. Agatão e alguns causídicos choravam, mas claramente de coração. Os jurisconsultos saíam da sombra, pálidos, delgados, mal tendo fôlego, como os que naquele preciso momento voltassem à vida. Um deles, como tivesse visto os causídicos a aproximarem as cabeças e a deplorarem os seus infortúnios, abeira-se e diz: "<Bem> vos dizia: não serão sempre Saturnais." 3. Cláudio, quando viu o seu funeral, percebeu que estava morto. Em um imenso, grande coro, com efeito, se entoava esta nénia em anapestos:

'Derramai lágrimas, soltai lamentos,

ressoe com triste clamor o foro:
sucumbiu um tipo bem sagaz,
outro não houve, no mundo
inteiro, mais forte.
Ele, em veloz corrida, vencer
podia os Céleres, ele os rebeldes Partos
podia desbaratar e, com dardos ligeiros,
perseguir o Persa e, com certeira mão,
entesar o arco, para os precípites
inimigos com pequena punção varar
e as matizadas costas do Medo em fuga.
Ele aos Britanos, para lá das praias
de um conhecido mar,
e aos Brigantes, de anilados escudos,
ordenou que oferecessem os colos aos grilhões
de Rómulo, e ao próprio Oceano que ante as novas
leis da romana machada tremesse.
Deplorai o varão: nenhum outro
logrou inteirar-se mais depressa dos processos,
ouvida apenas uma parte,
muitas vezes, nenhuma. Quem agora, como juiz,
ouvirá pleitos o ano inteiro?
A ti já cederá, após deixar o lugar,
o que fixa as leis a um povo silente,
de Creta detém cidades cem.
Batei nos peitos com mãos de pesar,
ó causídicos, raça venal,
e vós, poetas novos, chorai
e vós sobretudo, que, a abanar
o fritilo, grandes lucros obtivestes."

13.1. Deleitava-se com os seus louvores Cláudio e desejava por mais tempo assistir. Deita-lhe a mão o Taltíbio dos deuses e arrasta-o de cabeça tapada, para que ninguém o possa reconhecer, pelo Campo de Marte e, entre o Tibre e a via Coberta, desce aos infernos. 2. Antecedera-o já por um atalho o liberto Narciso para receber o patrono, e, luzidio, pois saía do banho, correu ao encontro do que chegava, e diz: "Porque <vêm> os deuses até junto dos homens?" "Despacha-te - acode Mercúrio - e anuncia que estamos a chegar." 3. Mais rápido que a <própria> ordem, Narciso voa d<ali>: tudo é em declive, facilmente se desce. E assim, ainda que sofresse de gota, num ápice chegou à porta de Dite, onde estava deitado Cérbero ou, como diz Horácio, "a fera das cem cabeças". Fica um pouco perturbado - de uma esbranquiçada cadela se tinha acostumado a fazer as suas delícias - ao ver aquele cão negro, cerdoso, que de todo não quererias a correr ao teu encontro na escuridão, e em voz alta diz: "Cláudio está mesmo a chegar." 4. Com aplauso avançam a cantar: "Temo-lo encontrado, regozijemo-nos." Aqui estava Gaio Sílio, cônsul designado, Junco, ex-pretor, Sexto Traulo, Marco Hélvio, Trogo, Cota, Vétio Valente, Fábio, cavaleiros romanos que Narciso mandara conduzir à morte. No centro desta turba de cantores estava o pantomimo Mnester, a quem Cláudio, por

uma questão de beleza, tinha feito uma cabeça cortada mais baixo para servir a Messalina. 5. Depressa se espalhou o boato de que Cláudio tinha chegado. Voam em conjunto os primeiros de todos: os libertos Políbio, Míron, Hárpocras, Anfeu e Feronaoto, todos os que Cláudio enviara à frente, para se não sentir impreparado em lugar algum. Depois dois prefeitos, Justo Catónio e Rúfrio Polião. Depois os seus amigos Saturnino Lúsio e Pedão Pompeio e Lupo e Asínio Célere, ex-cônsules. Por fim, a filha do irmão, a filha da irmã, os seus genros, os seus sogros, as suas sogras, todos claramente parentes. E, formada uma fila, correm ao encontro de Cláudio. 6. Ao vê-los, Cláudio exclama: Tudo repleto de amigos! Como aqui chegaram vocês?" Então Pedão Pompeio: "Que estás a dizer, ó crueldade em pessoa? Perguntas "como"? Quem mais, com efeito, nos enviou para aqui senão tu, de todos os amigos exterminador? Vamos a tribunal: eu te vou aqui mostrar as cadeiras dos magistrados."

14.1. Condu-lo ao tribunal de Éaco; este, ao abrigo da lei Cornélia, promulgada sobre assassinos, conduzia inquéritos. <Pedão> solicita receba o nome do acusado; profere a acusação: assassinados: senadores, trinta e cinco; cavaleiros romanos, trezentos e vinte e um; os restantes, "tantos quantos os grãos de areia e de pó." 2. Advogado, não o desencanta. Por fim, chega-se à frente Públio Petrónio, um velho comensal dele, um tipo fluente no idioleto de Cláudio, e solicita adiamento. Não é concedido. Profere a acusação Pedão Pompeio entre grandes brados. Começa o defensor a querer responder. Éaco, a justiça em pessoa, não permite e, ouvida apenas uma parte, condena Cláudio e diz: Se sofresses o que praticaste, justiça reta se faria. 3. Fez-se um profundo silêncio. Admiravam-se todos, atónitos com a novidade do caso, diziam que jamais se passara tal. A Cláudio parecia mais injusto do que novo. Sobre o tipo de castigo, muito tempo se discutiu qual deveria ele sofrer. Havia quem dissesse que Sísifo tinha por demasiado tempo feito o transporte, que Tântalo haveria de morrer de sede se lhe não fosse prestado socorro, que algum dia se devia pôr travão à roda do desgraçado Ixíon. 4. Não aprouve conceder indulto a nenhum destes veteranos, para que Cláudio nem sequer sonhasse alguma vez com algo semelhante. Decidiu-se que nova pena devia ser instituída, que se devia excogitar para ele um trabalho írrito e algum tipo de desejo sem concretização. Então Éaco manda-o jogar aos dados com um copo furado. E já começara <Cláudio> a procurar as tésseras sempre em fuga e sem ter qualquer êxito.

15.1. Com efeito, sempre que estava para <as> lançar do copo a retenir,
ambas as tésseras fugiam pelo subtraído fundo.
E quando os recolhidos ossinhos se aventurava a lançar,
como quem para jogar estivesse sempre e sempre em cata <deles>,
defraudavam as esperanças: torna a fugir e, pelos próprios dedos, 5
falacioso escapa o dado em contínuo logro.
Assim quando já do topo do monte se atingem os picos,
írrita rola para baixo a carga desde o colo de Sísifo.

2. Apareceu de repente Gaio César e começou a reclamá-lo como escravo, a apresentar testemunhas que o tinham visto a ser açoitado por ele com chicotes, varas e punhos. Adjudica-se a Gaio César, que o oferta a Éaco. Este confiou-o ao seu liberto Menandro para que fosse seu secretário na instrução dos processos.